Piloto de guerra

Ao comandante Alias, a todos os meus camaradas do grupo de reconhecimento aéreo 2/33 e, mais especialmente, ao capitão observador Moreau e aos tenentes Azambre e Dutertre, que foram, um a um, meus companheiros de bordo, durante todos os meus voos de guerra na campanha de 1939-40 e dos quais serei, por toda a minha vida, amigo fiel.

I

Sem dúvida, estou sonhando. Estou no ginásio. Tenho quinze anos. Resolvo pacientemente meu problema de geometria. Apoiado na carteira escura, uso direitinho o compasso, a régua, o transferidor. Estou concentrado e tranquilo. Os camaradas, atrás de mim, falam baixinho. Um deles alinha as cifras num quadro negro. Alguns, menos sérios, jogam bridge. De quando em quando, mergulho mais longe no sonho e dou uma espiada pela janela. Um galho de árvore oscila docemente ao sol. Fico olhando muito tempo. Sou um aluno distraído... Sinto prazer em experimentar esse sol, como em saborear esse odor infantil da carteira, do giz, do quadro-negro. Encerro-me com tanta alegria nessa infância bem protegida. Bem sei: primeiro, há a infância, o ginásio, os camaradas, depois chega o dia em que fazemos os exames. Em que recebemos algum diploma. Em que atravessamos, com um aperto no coração, um certo limiar além do qual, subitamente, somos homens. Então o passo fica mais pesado, mais no chão. Já estamos traçando nosso caminho na vida. Testaremos enfim nossas armas em adversários de verdade. A régua, o esquadro, o compasso, nós os usaremos para construir o mundo ou para triunfar sobre os inimigos. Acabaram as brincadeiras!

Sei que, normalmente, um colegial não receia enfrentar a vida. Um colegial esperneia de impaciência. Os tormentos, os perigos, as amarguras de uma vida de homem não intimidam um colegial.

Mas eis que sou um colegial esquisito. Sou um colegial que conhece sua felicidade e que não tem tanta pressa de enfrentar a vida…

Dutertre passa. Eu o convido.

— Senta aqui, vou te fazer um truque com o baralho…

E fico feliz em achar seu ás de espadas.

À minha frente, em sua carteira, escura como a minha, Dutertre está sentado com as pernas pendentes. Ele ri. Sorrio modestamente. Pénicot se junta a nós e põe o braço no meu ombro:

— E então, meu velho?

Meu Deus, como tudo isso é terno!

Um bedel (é um bedel?) abre a porta para convocar dois camaradas. Eles largam suas réguas, compassos e saem. Nós os seguimos com o olhar. O colégio acabou para eles. Vão soltá-los na vida. Sua ciência será aplicada. Eles vão, como homens, testar em seus adversários os resultados de seus cálculos. Estranho colégio, de onde partimos um de cada vez. E sem grandes despedidas. Esses dois camaradas nem mesmo nos olharam. Porém, os acasos da vida talvez os levem — ou não — mais longe do que à China. Bem mais longe. Quando a vida, depois do colégio, dispersa os homens, eles podem jurar que irão se rever?

Curvamos a cabeça, nós que vivemos ainda na paz quente da incubadora…

— Escuta, Dutertre, esta noite…

Mas a mesma porta se abre de novo. E ouço, como um veredicto:

— O capitão de Saint-Exupéry e o tenente Dutertre, na sala do comandante.

Acabou o colégio. É a vida.

— Você sabia que era a nossa vez?

— Pénicot voou esta manhã.

Sem dúvida, partiremos em missão, pois estão nos convocando. Estamos no fim de maio, em plena retirada, em pleno desastre. Sacrificam-se tripulações como se jogassem copos d'água no incêndio de uma floresta. Como calcular os riscos quando tudo desmorona? Somos ainda, para toda a França, cinquenta tripulações de Grande Reconhecimento. Cinquenta tripulações de três homens, das quais vinte e três estão conosco, no Grupo 2/33. Em três semanas, perdemos dezessete tripulações dessas vinte e três. Derretemos como cera. Disse ontem ao tenente Gavoille:

— A gente vai ver isso depois da guerra.

E o tenente Gavoille me respondeu:

— Meu caro Capitão, você também não tem a pretensão de estar vivo depois da guerra?

Gavoille não estava brincando. Nós bem sabemos que nada podemos fazer além de nos atirar no braseiro, mesmo que num gesto inútil. Somos cinquenta, para toda a França. Sobre nossos ombros deposita-se toda a estratégia do Exército francês. Há uma imensa floresta queimando, e alguns copos d'água a sacrificar para apagá-la: vão sacrificá-los.

Está certo. Quem sonha em reclamar?

Por acaso já se ouviu responder outra coisa, no nosso país, senão: "Positivo, Comandante. Obrigado, Comandante"? Mas há uma impressão que domina todas as outras nesse fim de guerra. É a do absurdo. Tudo rui à nossa volta. Tudo desaba. E é tão total que a própria morte parece absurda. Falta seriedade à morte nessa bagunça…

Entramos na sala do comandante Alias. (Ele comanda ainda hoje, na Tunísia, o mesmo Grupo 2/33.)

— Bom dia, Saint-Ex. Bom dia, Dutertre. Sentem-se.

Nós nos sentamos. O Comandante abre um mapa sobre sua mesa e volta-se ao guarda:

— Vá buscar a previsão meteorológica.

Depois, ele fica batendo na mesa com seu lápis. Eu o observo. Seus traços estão tensos. Não dormiu. Ele fez a patrulha de carro, em busca de um Estado-Maior fantasma, o Estado-Maior da divisão, o Estado-Maior da subdivisão... Tentou lutar contra os postos de abastecimento que não mandavam as peças de reposição. Acabou preso na estrada em engarrafamentos inextricáveis. Também presidiu à última mudança, à última acomodação, pois mudamos de terreno como miseráveis perseguidos por um guardião inexorável. Alias conseguiu salvar, a cada vez, os aviões, os caminhões e dez toneladas de material. Mas nós vemos que ele está no limite de suas forças e de seus nervos.

— Bem, é isso...

Ele continua batendo na mesa e não olha para nós.

— É muito chato...

Depois, dá de ombros.

— É uma missão chata. Mas eles fazem questão, no Estado-Maior. Discuti, mas fazem questão... É assim.

Dutertre e eu olhamos, através da janela, um céu calmo. Ouço cacarejarem as galinhas, pois a sala do comandante fica ao lado de uma fazenda, como a sala de informações fica numa escola. Não oporei o verão, as frutas amadurecendo, os pintinhos ganhando peso, os trigais se erguendo, à morte tão próxima. Não vejo em que a calma do verão contradiga a morte, nem em que a ternura das coisas seja irônica. Mas uma ideia vaga me ocorre: “É um verão que se estraga. Um verão em pane...”. Vi colheitadeiras abandonadas. Vi ceifadores abandonados. Nos buracos das estradas, carros quebrados abandonados. Vilas abandonadas. Uma fonte de uma vila vazia deixava correr sua água. A água pura se transformava em lodo, a mesma que custara tanto trabalho aos homens. De repente, uma imagem absurda me ocorre. A de relógios quebrados. De todos os relógios quebrados. Relógios das igrejas da vila. Relógios das

estações de trem. Pêndulos de lareiras das casas vazias. E, nessa placa de relojoeiro fugido, esse ossuário de pêndulos mortos. A guerra... Não se montam mais os pêndulos. Já não se colhem beterrabas. Não se consertam mais os vagões. E a água, que era captada para a sede, ou para alvejar as belas rendas de domingo das camponesas, espalha-se em lama na frente da igreja. E morre-se no verão...

É como se eu tivesse uma doença. Esse médico acaba de me dizer: “É muito chato”. Seria então preciso pensar no tabelião, nos que ficariam. De fato, nós compreendemos, Dutertre e eu, que se trata de uma missão sacrificada:

— Em vista das atuais circunstâncias — conclui o comandante — não podemos considerar demais os riscos...

Lógico. “Demais”, não. E ninguém está errado. Nem nós, de nos sentirmos melancólicos. Nem o comandante, de estar constrangido. Nem o Estado-Maior, de dar as ordens. O comandante reclama porque são ordens absurdas. Nós o sabemos, bem como o próprio Estado-Maior. Mas dá ordens porque é preciso dar ordens. Durante uma guerra, um Estado-Maior dá ordens. Ele as confia a belos cavaleiros ou, mais modernos, a motociclistas. Onde reinavam a bagunça e o desespero, cada um desses belos cavaleiros desce de um cavalo fumegante. Ele mostra o Porvir, como a estrela dos Reis Magos. Ele traz a Verdade. E as ordens reconstroem o mundo.

Este é o esquema da guerra. A imaginária na cor da guerra. E cada um se empenha o mais que pode para fazer com que a guerra pareça guerra. Piamente. Cada um se esforça para aplicar bem as regras. Talvez, então, essa guerra trate de parecer-se com uma guerra.

E a fim de fazer com que ela pareça uma guerra é que nós, tripulantes, nos sacrificamos, sem objetivos

precisos. Ninguém admite que essa guerra não se parece com nada, que nada faz sentido, que nenhum esquema se adapta e puxam-se gravemente fios que não mais se comunicam com as marionetes. Os Estados-Maiores expedem com convicção ordens que não levarão a lugar algum. Exigem de nós informações que é impossível colher. A aviação não pode assumir a responsabilidade de explicar a guerra aos Estados-Maiores. A aviação, por suas observações, pode controlar hipóteses. Mas não há mais hipóteses. E solicita-se, de fato, a uns cinquenta tripulantes, que modelem um rosto para uma guerra que não o tem. Dirigem-se a nós como a uma tribo de cartomantes. Olho Dutertre, meu observador-cartomante. Ele retrucava, ontem, a um coronel da divisão: “E como eu vou fazer a dez metros do solo, e a quinhentos e trinta quilômetros por hora, para referenciar as posições? Olha, o senhor verá de onde atiram contra o senhor! Se atirarem no senhor, é porque as posições são alemãs”.

— Ri muito — concluía Dutertre, depois da discussão.

Pois os soldados franceses nunca viram aviões franceses. Há uns mil destes, disseminados de Dunquerque à Alsácia. Mais certo dizer que estão diluídos no infinito. Assim, quando, no front, um aparelho passa como uma rajada, com certeza é alemão. É tratar de esforçar-se em abatê-lo antes que solte suas bombas. Só o seu ronco já desencadeia as metralhadoras e os canhões de tiro rápido.

— Com esse método, acrescentava Dutertre — vão ser muito preciosas as informações deles...

E vamos levá-las em conta porque, num esquema de guerra, deve-se levar informações em conta.

Sim, mas a guerra também está degringolada.

Felizmente — bem sabemos que não vão dar a menor importância às nossas informações. Não conseguiremos transmiti-las. As estradas estarão congestionadas. Os telefones, quebrados. O Estado-Maior terá sido

transferido com urgência. As informações importantes sobre a posição do inimigo será o próprio inimigo quem fornecerá. Nós conversávamos, há alguns dias, perto de Laon, sobre a eventual posição das linhas. Enviamos um tenente para fazer contato com o general. No meio do caminho, entre nossa base e a do general, o carro do tenente bateu num rolo compressor atravessado na estrada, atrás do qual estavam dois carros blindados. O tenente deu meia-volta. Mas uma rajada de metralhadora o matou na hora e feriu o chofer. Os blindados são alemães.

No fundo, o Estado-Maior parece um jogador de bridge a quem perguntaríamos, no cômodo ao lado:

— O que devo fazer com a minha dama de espadas?

O isolado daria de ombros. Nada tendo visto do jogo, o que responderia?

Mas um Estado-Maior não tem o direito de dar de ombros. Se ele ainda controla alguns elementos, deve fazê-los agir para mantê-los sob controle e para tentar todas as chances enquanto a guerra durar. Mesmo às cegas, ele deve agir e mandar agir.

Mas é difícil atribuir uma função, ao acaso, a uma dama de espadas. Nós já constatamos, primeiro com surpresa, depois como uma evidência que poderíamos ter previsto: quando começa o desabamento, falta trabalho. Consideramos o vencido submerso numa torrente de problemas, desgastando-se inteiramente para resolvê-los, sua infantaria, artilharia, seus tanques, aviões… Mas a derrota primeiro escamoteia os problemas. Nada mais se sabe do jogo. Não se sabe em que empregar os aviões, os tanques, a dama de espadas…

Nós descartamos casualmente a dama de espadas na mesa, depois de quebrar a cabeça para lhe atribuir um papel eficaz. Reina o mal-estar e não a febre. Somente a

vitória se envolve na febre. A vitória organiza, a vitória constrói. E cada um se esfalfa para carregar suas pedras.

Mas a derrota mergulha os homens numa atmosfera de incoerência, de tédio e, acima de tudo, de futilidade.

Pois, primeiramente, essas missões exigidas de nós são fúteis... Cada dia mais fúteis. Mais sangrentas e mais fúteis. Os que dão ordens não têm outros recursos para resistir a um deslizamento de montanha, só lhes resta jogar seus últimos trunfos na mesa.

Dutertre e eu somos trunfos e escutamos o comandante. Ele nos expõe o programa da tarde. Manda-nos sobrevoar, a setecentos metros de altitude, os tanques estacionados na região de Arras, na volta de um longo percurso a dez mil metros, com a mesma voz com que nos diria:

— Sigam então pela segunda rua à direita, até a esquina da primeira praça; tem lá uma tabacaria; comprem-me fósforos...

— Positivo, meu Comandante.

Nem mais nem menos útil, a missão. Nem mais nem menos lírica, a linguagem que a significa.

E digo: “Missão sacrificada”. Eu penso... Eu penso muitas coisas. Esperarei a noite, se estiver vivo, para refletir. Vivo... Quando uma missão está fácil, retorna uma a cada três. Quando é um pouco “chata”, fica mais difícil, evidentemente, voltar. E aqui, no gabinete do comandante, a morte não me parece nem augusta nem majestosa, nem heroica nem dilacerante. Ela é apenas um sinal de desordem. Um efeito da desordem. O Grupo vai nos perder, como se perdem bagagens numa confusão de conexões de estradas de ferro.

E não é que não pense sobre a guerra, sobre a morte, sobre o sacrifício, sobre a França, qualquer outra coisa, mas me falta um conceito diretor, uma linguagem clara. Penso por contradições. Minha verdade está em pedaços e só posso considerá-los um após o outro. Se estiver

vivo, esperarei a noite para refletir. A noite bem-amada. À noite, a razão dorme, e simplesmente as coisas são. As que importam verdadeiramente retomam sua forma, sobrevivem às destruições das análises do dia. O homem reata seus pedaços e se torna árvore calma.

O dia é das cenas de briga, mas à noite, aquele que brigou reencontra o Amor. Pois o amor é maior do que o sopro das palavras. E o homem se debruça em sua janela, sob as estrelas, de novo responsável pelos filhos que dormem, pelo pão vindouro, pelo sono da esposa que repousa ali, tão frágil, delicada e passageira. O amor não se discute. Ele é. Que venha a noite e se mostre a mim alguma evidência que mereça o amor. Para que eu pense a civilização, o destino do homem, o gosto da amizade no meu país. Para que eu deseje servir a alguma verdade imperiosa, mesmo que, talvez, ainda inexprimível…

Por enquanto, pareço-me inteiramente com o cristão abandonado pela graça. Eu farei meu papel, com Dutertre, honestamente, isso é certo, mas como se salvam ritos que já não têm mais conteúdo, quando o deus se retirou deles. Esperarei a noite, se puder ainda viver, para andar um pouco a pé na grande estrada que atravessa nossa vila, envolvido em minha solidão bem-amada, a fim de nela reconhecer por que eu devo morrer.

II

Acordo do meu sonho. O Comandante me surpreende com uma estranha proposta:

— Se essa missão o aborrece demais, se você não se sentir muito em forma, posso...

— Ora, meu Comandante!

O Comandante sabe muito bem que tal proposta é absurda. Mas, quando uma tripulação não volta, ele se lembra da gravidade dos rostos na hora da partida. Interpreta essa gravidade como sinal de um pressentimento. Culpa-se por tê-la negligenciado.

O escrúpulo do Comandante me faz pensar no Israel. Eu estava fumando antes de ontem, na janela da sala de informações. Quando vi o Israel da minha janela, ele andava rapidamente. Seu nariz estava vermelho. Um nariz grande, bem judeu e bem vermelho. Fiquei bruscamente chocado com o nariz vermelho do Israel.

Eu tinha por esse Israel, cujo nariz estava observando, uma profunda amizade. Era um dos camaradas pilotos mais corajosos do grupo. Um dos mais corajosos e um dos mais modestos. Tinham-lhe falado tanto da prudência judia que ele devia tomar sua coragem por prudência. É prudente ser vencedor.

Então, reparei no seu nariz grande e vermelho, que brilhou apenas um instante, dada a rapidez dos passos que levavam Israel e seu nariz. Sem querer zombar, voltei-me a Gavoille:

— Por que ele está fazendo aquele nariz?

— Foi a mãe dele quem o fez — respondeu Gavoille.

Mas acrescentou:

— Estranha essa missão em baixa altitude. — E saiu.

— Ah!

E, claro, eu me lembrei, à noite, quando deixamos de esperar o retorno do Israel, daquele nariz que, plantado num rosto totalmente impassível, exprimia, com uma espécie de gênio próprio, a mais pesada das preocupações. Se eu precisasse ter ordenado a partida do Israel, a imagem daquele nariz me teria perseguido muito tempo, como uma recriminação. Israel, decerto, nada respondera à ordem de partida, senão: “Positivo, Comandante. Sim senhor, Comandante”. Israel, decerto, não tremera um único músculo do rosto. Mas, devagar, insidiosa e traiçoeiramente, seu nariz acendeu. Israel poderia contrair os traços de seu rosto, mas não a cor de seu nariz. E seu nariz abusara daquela cor para manifestar-se, por sua conta, no silêncio. O nariz, à revelia de Israel, exprimira ao comandante sua forte desaprovação.

Talvez seja por isso que o Comandante não goste de mandar partir os que imagina estarem assolados de pressentimentos. Os pressentimentos quase sempre enganam, mas dão às ordens de guerra um tom de condenação. Alias é um chefe, não um juiz.

Assim, outro dia, a respeito do suboficial T.

Tanto quanto Israel era corajoso, T. era acessível ao medo. É o único homem que conheci que experimentou de fato o medo. Quando se dava a T. uma ordem de guerra, provocava-se nele uma estranha ascensão de vertigem. Era alguma coisa simples, inexorável e lenta. T. enrijecia lentamente dos pés à cabeça. Seu rosto ficava como que lavado de qualquer expressão. E seus olhos começavam a luzir.

Ao contrário do Israel, cujo nariz me parecera tão aflito, aflito pela provável morte do Israel e ao mesmo tempo muito irritado, T. não formava movimentos interiores. Ele não reagia: ele entrava em mutação. Quando se

terminava de falar com T., descobria-se ter simplesmente acendido nele a angústia. A angústia começava por expandir em seu rosto uma espécie de claridade uniforme. T., desde então, ficava como que fora de alcance. Sentia-se aumentar entre o universo e ele um deserto de indiferença. Em lugar algum, jamais conheci, em ninguém no mundo, essa forma de êxtase.

— Nunca deveria tê-lo deixado partir naquele dia — dizia mais tarde o Comandante.

Naquele dia, quando o Comandante anunciara a partida a T., ele não havia somente empalidecido, mas também começara a sorrir. Simplesmente sorrir. Assim fazem, talvez, os supliciados quando o carrasco, realmente, passa dos limites.

— Você não está bem. Vou substituí-lo...

— Não, não Comandante. Já que é a minha vez, é a minha vez.

E T., em continência diante do Comandante, olhava para a frente, sem um movimento.

— Mas se você não se sente seguro de si...

— É minha vez, Comandante, é minha vez.

— Vejamos, T...

— Comandante...

O homem parecia um bloco. E Alias:

— Então o deixei partir.

O que se seguiu nunca teve explicação. T., metralhador a bordo do aparelho, sofreu a tentativa de ataque por parte de um caça inimigo. Mas as metralhadoras do caça tendo travado, este deu meia-volta. O piloto e T. se falaram até quando próximos do terreno da base, sem que o piloto notasse nada de anormal. Mas a cinco minutos da chegada, não teve mais resposta.

E encontramos T. à noite, com o crânio fraturado pela empenagem do avião. Ele saltara de paraquedas em condições desastrosas, em plena velocidade, e isso sobre território amigo, quando nenhum perigo o ameaçava

mais. A passagem do caça funcionara como um apelo irresistível.

* * *

— Vão se vestir — disse-nos o Comandante —, e estejam no ar às cinco e meia.

— Até logo, Comandante.

O comandante responde com um gesto vago. Superstição? Como meu cigarro está apagado e vasculho em vão meus bolsos: Por que você nunca tem fósforos? Exatamente. E passo pela porta, com esse adeus, perguntando-me: “Por que nunca tenho fósforos?”.

— A missão o aborrece — observa Dutertre. — Eu penso: “Ele não se lixa”. Mas não é em Alias que estou pensando, fazendo essa tirada injusta. Estou chocado com uma evidência que ninguém confessa: a vida do Espírito é intermitente. A vida da Inteligência, somente esta, é permanente, ou quase. Há poucas variações em minhas faculdades de análise. Mas o Espírito não considera os objetos, considera o sentido que os liga entre si. O rosto que é lido através deles. E o Espírito passa da plena visão à cegueira absoluta. Quem ama sua morada, chega a hora em que não vê ali nada além da junção de objetos disparatados. Quem ama sua mulher, chega a hora em que só vê no amor preocupações, contrariedades e obrigações. Quem apreciava certa música, chega a hora em que ela nada lhe significa. Chega a hora, como agora, em que não entendo mais meu país. Um país não é a soma de terras, costumes, materiais, que minha inteligência sempre consegue apreender. É um Ser. E chega a hora em que estou cego aos Seres.

O comandante Alias passou a noite com o general discutindo lógica pura. A lógica pura arruína a vida do Espírito. Depois, ele se esgotou, na estrada, contra

imensos engarrafamentos. Depois, ele encontrou, chegando ao Grupo, cem dificuldades materiais daquelas que nos roem pouco a pouco, como os mil efeitos do desmoronamento incontrolável de uma montanha. Ele enfim nos convocou para lançar-nos numa missão impossível. Somos objetos da incoerência geral. Não somos, para ele, Saint-Exupéry ou Dutertre, dotados de um modo particular de ver as coisas ou de não ver, de pensar, andar, beber, sorrir. Somos pedaços de uma grande construção cujo encaixe leva-se mais tempo, mais silêncio e mais recuo para descobrir. Se fosse acometido de um tique, Alias só teria observado o tique. Não expediria, a Arras, senão a imagem de um tique. Na balbúrdia dos problemas que se apresentam, no imbróglio, nós mesmos estamos divididos em pedaços. Essa voz. Aquele nariz. Esse tique. E pedaços não comovem.

Não se trata aqui do Comandante Alias, mas de todos os homens. Durante os preparativos de enterro, amamos o morto, não estamos em contato com a morte. A morte é uma coisa grande. É uma nova rede de relações com as ideias, os objetos, os costumes do morto. Ela é um novo arranjo do mundo. Nada mudou aparentemente, mas tudo mudou. As páginas do livro são as mesmas, mas não o sentido do livro. Precisamos, para sentir a morte, imaginar as horas em que temos necessidade do morto. Então, ele nos faz falta. Imaginar as horas em que ele precisaria de nós. Mas ele não precisa mais de nós. Imaginar a hora da visita amiga. E descobri-la oca. É preciso ver a vida em perspectiva. Mas não há perspectiva nem espaço no dia em que se enterra. O morto está ainda em pedaços. O dia em que se enterra, nós nos dispersamos em repisamentos, nas mãos de amigos verdadeiros ou falsos a apertar, nas preocupações materiais. O morto morrerá só amanhã, no silêncio. Mostrar-se-á para nós em sua plenitude, para

ser arrancado, em sua plenitude, da nossa substância. Então gritaremos por aquele que se vai, e que não podemos reter.

Não gosto das gravuras de Épinal sobre a guerra. O guerreiro rude aparece secando uma lágrima e dissimulando sua emoção com suas tiradas violentas. É falso. O guerreiro rude nada dissimula. Se solta uma tirada, é que está pensando numa tirada.

A qualidade do homem não está em questão. O comandante Alias é perfeitamente sensível. Se não voltarmos, talvez ele sofra mais do que qualquer outro. Com a condição de que se trate de nós e não de uma soma de detalhes diversos. Com a condição de que essa reconstrução lhe seja permitida pelo silêncio. Pois se, esta noite, o guardião que nos persegue obrigar o Grupo a se mudar novamente, uma roda de caminhão quebrada, numa avalanche de problemas, adiará nossa morte. E Alias se esquecerá de sofrer por isso.

Assim eu, que parto em missão, não penso em luta do Ocidente contra o nazismo. Penso em detalhes imediatos. Imagino o absurdo de um sobrevoo sobre Arras a setecentos metros. Na vacuidade das informações que desejam obter de nós. Na lentidão de uniformizar-se como uma toalete para um carrasco. E depois nas minhas luvas. Diabos, onde enfiei as luvas? Perdi minhas luvas.

Não vejo mais a catedral que habito.

Estou me vestindo para o culto de um deus morto.

III

— Anda logo... Cadê as minhas luvas? Não, não são essas... Procura na minha bolsa...

— Não achei, Capitão.

— Você é um imbecil.

São todos uns imbecis. Esse que não consegue achar as minhas luvas. E o outro, do Estado-Maior, com sua ideia fixa de missão em baixa altitude.

— Eu te pedi um lápis. Faz dez minutos que pedi um lápis. Não tem um lápis?

— Sim, Capitão.

Está aí um que é inteligente.

— Prende esse lápis num barbante. E amarra o barbante nesta botoeira aqui. Diga-me, Artilheiro, você não parece ter pressa...

— É que estou pronto, Capitão.

— Ah! Bom.

E bifurco para o observador:

— Tudo bem, Dutertre? Não falta nada? Calculou as direções?

— Tenho as direções, Capitão.

Bom. Ele tem as direções. Uma missão sacrificada... Só lhes pergunto se é sensato sacrificar uma tripulação por informações de que ninguém precisa e, se um de nós ainda estiver vivo para reportá-las, nunca serão transmitidas a ninguém...

— O Estado-Maior deveria engajar espíritos...

— Para quê?

— Para que a gente possa comunicar-lhes essas informações esta noite, numa mesa girante.

Não fico muito orgulhoso da minha tirada, mas resmungo ainda:

— Os Estados-Maiores, os Estados-Maiores... Fossem eles fazer essas missões sacrificadas, esses Estados-Maiores.

Pois é longo o cerimonial de pôr uniforme, quando a missão surge como desesperada, e nos apetrechamos com tanto cuidado para sermos grelhados vivos. É trabalhoso vestir essas roupas espessas, triplas, sobrepostas, fantasiar-se com acessórios que usamos feito mascates, organizar o circuito de oxigênio, circuito de aquecimento, circuito de comunicações telefônicas entre membros da tripulação. É através dessa máscara que eu respiro. Um tubo de borracha me liga ao avião, tão essencial quanto um cordão umbilical. O avião entra em circuito com a temperatura do meu sangue. O avião entra no circuito das minhas comunicações humanas. Acrescentaram-me órgãos que se interpõem, de algum modo, entre mim e meu coração. A cada minuto, me torno mais pesado, mais atulhado, mais difícil de manejar. Viro num bloco e, se me inclino para apertar as correias ou puxar os fechos emperrados, todas as minhas juntas gritam. Minhas antigas fraturas doem.

— Dá aqui outro capacete. Eu já te disse vinte e cinco vezes que não queria mais o meu. Está muito apertado.

Pois só Deus sabe por qual mistério o crânio incha em grande altitude. E um capacete normal no solo, a dez mil metros aperta os ossos como um torno.

— Mas esse é outro, Capitão. Eu troquei o seu capacete...

— Ah! Bom.

Pois resmungo mesmo, mas sem nenhum remorso. Tenho razão! Aliás, nada disso tem importância. A gente atravessa, nesse instante, o próprio centro do deserto interior de que eu falava. Só há cacos aqui. Não me envergonho nem mesmo de desejar o milagre que

mudará o curso desta tarde. Pane de laringofone, por exemplo. Sempre quebram, esses laringofones! Porcaria! Uma pane de laringofone livraria nossa missão de ser sacrificada…

O capitão Vezin me aborda com um ar sombrio. O capitão Vezin aborda cada um de nós, antes de partirmos em missão, com um ar sombrio. O capitão Vezin é encarregado, entre nós, das relações com os organismos de vigia dos aviões inimigos. Ele tem a função de nos informar sobre seus movimentos. Vezin é um amigo de quem gosto muito, mas é um profeta do infortúnio. Lamento que me apareça agora.

— Meu velho — diz-me Vezin —, é uma droga, uma droga, uma droga!

E ele tira papéis do bolso. Depois, olhando-me desconfiado:

— Por onde você sai?

— Por Albert.

— É isso mesmo. É isso. Ah! É uma droga!

— Não banque o idiota, o que há?

— Você não pode partir!

Eu não posso partir! Que bonzinho, o Vezin! Pois que obtenha de Deus Pai uma pane de laringofone!

— Você não consegue passar.

— Por que não consigo passar?

— Porque há três missões de caça alemã que se revezam constantemente sobre Albert. Uma a seis mil metros, outra a sete mil e cinco, e outra a dez mil. Nenhuma deixa o céu antes da chegada das substitutas. Eles fazem interdição a priori. Você vai cair numa arapuca. E, depois, olha aqui!

E ele me mostra um papel, no qual rabiscou demonstrações incompreensíveis.

Seria melhor que Vezin me deixasse em paz.

As palavras “interdição a priori” me impressionaram. Penso nas luzes vermelhas e nas contravenções. Mas a

contravenção, aqui, é a morte. Eu detesto principalmente o “a priori”. Tenho a impressão de ser pessoalmente visado.

Faço um grande esforço de inteligência. É sempre a priori que o inimigo defende suas posições. Essas palavras são estéreis. Que se danem, os caças! Quando eu descer a setecentos metros, é a D.C.A. que me abaterá. Não tem como me errar! Eis-me bruscamente agressivo:

— Em suma, você vem me dizer, urgentemente, que a existência de uma aviação alemã torna minha partida muito imprudente. Vá correndo avisar o general…

Não custaria a Vezin me tranquilizar gentilmente, batizando seus tais aviões: “Caças circulando nas proximidades de Albert”.

O sentido era exatamente o mesmo!

IV

Tudo pronto. Estamos a bordo. Falta testar os laringofones…

— Você está me ouvindo bem, Dutertre?
— Estou, Capitão.
— E você, Artilheiro, me ouve bem?
— Eu… Sim… Muito bem.
— Dutertre, você ouve o Artilheiro?
— Ouço bem, Capitão.
— Artilheiro, você ouve bem o tenente Dutertre?
— Eu… Sim… Muito bem.
— Por que você diz sempre “Eu… Sim… Muito bem”?
— É que estou procurando meu lápis, Capitão.

Os laringofones não estão quebrados.
— Artilheiro, pressão do ar normal nos tubos?
— Eu… Sim… Normal.
— Os três?
Nos três.
— Pronto Dutertre?
— Pronto.
— Pronto, Artilheiro?
— Pronto.
— Então, vamos.
E eu decolo.

V

A angústia se deve à perda de uma verdadeira identidade. Se espero uma mensagem da qual depende minha felicidade ou o meu desespero, sou como que lançado no nada. Enquanto a incerteza me mantém em suspense, meus sentimentos e minhas atitudes não passam de um disfarce provisório. O tempo cessa de fundar, segundo por segundo, como constrói a árvore, o personagem verdadeiro que me habitará em uma hora. Esse eu desconhecido vem ao meu encontro, de fora, como um fantasma. Então tenho uma sensação de angústia. A má notícia provoca não a angústia, mas o sofrimento: é completamente diferente.

Entretanto, eis que o tempo deixou de correr no vazio. Estou enfim instalado na minha função. Não me projeto mais num futuro sem rosto. Não sou mais aquele que esboçará, talvez, uma espiral no turbilhão do incêndio. O futuro não me assombra mais, como uma estranha aparição. Meus atos, doravante, uns após os outros, o compõem. Sou aquele que controla a bússola para mantê-la a 313 graus. Que regula a rotação das hélices e o aquecimento do óleo. São as preocupações imediatas e sãs. São preocupações da casa, os pequenos deveres do dia que suavizam o gosto do envelhecer. O dia se torna casa bem lustrada, assoalho bem encerado, oxigênio bem gasto. Eu controlo, com efeito, o consumo de oxigênio, pois subimos rápido: seis mil e setecentos metros.

— Tudo bem com o oxigênio, Dutertre? Está se sentindo bem?

— Tudo bem, Capitão.

— Ei, Artilheiro, o oxigênio está bem?

— Eu… Sim… Tudo bem, Capitão…

— Você ainda não achou seu lápis?

Torno-me também aquele que aperta o botão S e o botão A para controlar minhas metralhadoras. A propósito…

— Ei, Artilheiro, não tem uma cidade grande, atrás, em seu campo de tiro?

— Hã… Não, Capitão.

— Vai. Teste as suas metralhadoras.

Ouço suas rajadas.

— Funcionaram?

— Funcionaram.

— Todas as metralhadoras?

— Hã… Sim… Todas.

Eu também atiro. Pergunto-me aonde vão essas balas que lançamos sem escrúpulo ao longo dos campos amigos. Nunca matam ninguém. A terra é grande.

Cada minuto assim me alimenta de seu conteúdo. Eu sou alguma coisa tão pouco angustiada quanto um fruto amadurecendo. Decerto, as condições do voo mudarão à minha volta. As condições e os problemas. Mas estou inserido na fabricação desse futuro. O tempo me molda aos poucos. A criança não se assusta por pacientemente transformar-se num velhinho. É criança e brinca suas brincadeiras de criança. Eu brinco também. Conto os mostradores, os manetes, os botões, os manches de meu reino. Conto cento e três objetos a verificar, puxar, virar ou empurrar. (Só blefei ao contar como dois o comando de minhas metralhadoras: ele tem um pino de segurança.) Vou divertir o fazendeiro que me hospeda esta noite. Vou lhe dizer:

— O senhor sabe quantos instrumentos um piloto hoje em dia precisa controlar?

— Como é que você quer que eu saiba?

— Não faz mal. Diga um número.

— Que número você quer que eu diga?

Pois meu fazendeiro não tem nenhum tato.

— Diga qualquer número!

— Sete!

— Cento e três!

E ficarei contente.

Minha paz está feita também porque todos os instrumentos de que estava atulhado tomaram seus lugares e receberam seu significado. Essas tripas de tubos e cabos viraram rede de circulação. Eu sou um organismo contíguo ao avião. O avião fabrica meu bem-estar, quando giro determinado botão que aquece, progressivamente, minhas roupas e meu oxigênio. O oxigênio, aliás, está quente demais e está me queimando o nariz. Esse oxigênio é consumido proporcionalmente à altitude, através de um instrumento complicado. E é o avião que me alimenta. Isso me parecia desumano antes do voo; e agora, amamentado pelo próprio avião, sinto por ele uma espécie de ternura filial. Uma espécie de ternura de lactente.

Quanto a meu peso, distribuiu-se em pontos de apoio. Minha tripla espessura de roupas superpostas, meu pesado paraquedas dorsal pesam contra o assento. Minhas botas enormes se apoiam nos pedais. Minhas mãos espessamente enluvadas e duras, tão desajeitadas no solo, manobram o manche facilmente. Manobram o manche... Manobram o manche...

— Dutertre?

— ... pitão?

— Verifique primeiro seus contatos. Está picotando. Você está me ouvindo?

— Sim..., Capi...

— Sacode essa porcaria! Está me ouvindo?

A voz de Dutertre volta a ficar clara:

— Estou ouvindo muito bem, Capitão.

— Bom. Ainda hoje em dia os comandos gelam: o manche está duro; quanto aos pedais, estão completamente emperrados!

— “É uma beleza.” Qual altitude?

— Nove mil e sete.

— E o frio?

— Quarenta e oito graus.

— E o seu oxigênio, tudo bem?

— Tudo bem, Capitão.

— Artilheiro, o oxigênio está o.k.?

Nada de resposta.

— Ei, Artilheiro!

Nada de resposta.

— Você está ouvindo o artilheiro, Dutertre?

— Não estou ouvindo nada, Capitão.

— Chame-o!

— Ei, Artilheiro! Artilheiro!

Nada de resposta.

Mas antes de mergulhar, sacudo brutalmente o avião para acordar o outro, caso estivesse dormindo.

— Capitão?

— É você, Artilheiro?

— Eu… Hã… Sim.

— Você não tem certeza?

— Tenho.

— Por que não respondia?

— Estava fazendo um teste de rádio. Tinha desligado!

— Você é um canalha! Tem que avisar! Quase mergulhei: achei que estivesse morto!

— Eu… Não.

— Acredito na sua palavra. Mas não me apronte mais uma dessas! Avise-me, pelo amor de Deus, antes de desligar.

— Perdão, Capitão. Entendido, Capitão. Avisarei.

Pois a pane de oxigênio não é sensível ao organismo. Ela se traduz por uma euforia vaga que termina, em

alguns segundos, com o desmaio e, em alguns minutos, na morte. O controle permanente do consumo desse oxigênio é então indispensável, tanto quanto o controle, pelo piloto, do estado de seus passageiros.

Aperto um pouquinho, então, o tubo de alimentação de minha máscara, a fim de sentir no nariz as golfadas quentes que trazem a vida.

Em suma, executo meu trabalho. Não experimento nada além do prazer físico de atos nutridos de sentido que bastam por si mesmos. Eu não tenho nem o sentimento de um grande perigo (estava, ao contrário, preocupado, quando me vestia), nem o sentimento de um grande dever. O combate entre o Ocidente e o nazismo se torna, dessa vez, na escala de meus atos, uma ação por manetes, alavancas e torneiras. É bem assim. O amor por seu Deus, no sacristão, faz-se amor pelo acendimento das velas. O sacristão anda com passo indiferente, numa igreja que não vê, e ele fica satisfeito em fazer florir, um a um, os candelabros. Quando todos estão acesos, ele esfrega as mãos. Está orgulhoso de si.

Eu regulei admiravelmente a rotação das minhas hélices, e mantenho o cabo a quase um grau. Isso deve maravilhar Dutertre, se, todavia, ele observar um pouco a bússola…

— Dutertre… Eu… A agulha da bússola… Tudo bem?

— Não, Capitão. Muita deriva. Incline à direita.

Paciência!

— Capitão, estamos passando as linhas de contato.

Começo minhas fotos.

— Qual a altitude em seu altímetro?

— Dez mil.

VI

— Capitão… A bússola!

Exato. Inclinei à esquerda. Não foi por acaso… É a cidade de Albert que me repele. Eu a adivinho muito longe, na frente. Mas ela já pesa contra meu corpo todo o seu peso de “interdição a priori”. Que memória se dissimula então na espessura dos membros! Meu corpo se lembra das quedas sofridas, das fraturas de crânio, dos comas viscosos como xarope, das noites de hospital. Meu corpo teme os golpes. Procura evitar Albert. Quando não o vigio, ele inclina à esquerda. Puxa para a esquerda, à maneira de um velho cavalo que desconfiasse, por toda a vida, do obstáculo que uma vez o apavorou. E se trata do meu corpo mesmo… Não do meu espírito… É quando estou distraído que meu corpo aproveita, sorrateiramente, e escamoteia Albert.

Porque não sinto nada que seja penoso.

Já não quero perder a missão. Acreditei, há pouco, ter tido esse desejo. Eu pensava: “Os laringofones vão quebrar. Estou com sono. Vou adormecer”. Criava uma imagem maravilhosa desse leito de preguiça. Mas eu sabia, também, no fundo, que não há nada a esperar de uma missão fracassada, senão uma espécie de desconforto ácido. É como se uma mutação necessária malograsse.

Isso me lembra do colégio… Quando eu era pequeno…

— Capitão!

— Quê!

— Nada… Pensei ter visto…

Não gosto muito do que ele pensou ter visto.

Sim… Quando somos pequenos, no colégio, levantamos muito cedo. A gente se levanta às seis horas da manhã. Faz frio. Esfregamos os olhos, e sofremos por antecipação pela triste aula de gramática. É por isso que sonhamos em ficar doente para acordar na enfermaria, onde as freiras de coifa branca nos trazem chás açucarados na cama. A gente cria mil ilusões com esse paraíso. Então, é claro, se estivesse resfriado, eu tossia um pouco mais do que o necessário. E, da enfermaria, onde acordava, ouvia o sino bater para os outros. Se eu fingisse um pouco demais, aquele sino me punia: ele me transformava em fantasma. Soava, fora, horas verdadeiras, as da austeridade das aulas, as do tumulto dos recreios, as do calor do refeitório. Fabricava para os vivos, lá fora, uma existência densa, rica de misérias, impaciências, júbilos, lamentações. Eu ficava sumido, esquecido, enjoado com os chás insípidos, da cama úmida e das horas sem rosto. Não há nada a esperar de uma missão fracassada.

VII

Decerto, às vezes, como hoje, a missão não consegue satisfazer. É tão evidente que estamos jogando um jogo que imita a guerra. Brincamos de mocinho e bandido. Observamos corretamente a moral de nossos livros de história e as regras de nossos manuais. Assim, andei esta noite de carro, pelo terreno. E a sentinela, segundo a ordem, cruzou a baioneta diante desse carro que poderia muito bem ser um tanque. Nós brincamos de cruzar a baioneta diante dos tanques.

Como nos exaltaríamos com essas charadas um pouco cruéis, nas quais temos claramente um papel de figurantes, quando nos pedem para aguentar até a morte? É sério demais, a morte, para uma charada.

Quem se equiparia com exaltação? Ninguém. Nem Hochedé, que é uma espécie de santo, tendo atingido esse dom maior permanente que é sem dúvida o acabamento do homem, o próprio Hochedé refugiou-se no silêncio. Os camaradas que se equipam se calam, então, de cara fechada, e não é por pudor de herói. Essa cara fechada não mascara nenhuma exaltação. Diz o que diz. E eu a reconheço. É a cara fechada do gerente que não entende nada das ordens que lhe ditou um patrão ausente. E que, no entanto, permanece fiel: todos os camaradas sonham com seu quarto calmo, mas não há, entre nós, um só que escolhesse verdadeiramente ir dormir.

Porque o importante não é exaltar-se. Não há, na derrota, nenhuma esperança de exaltação. O importante é equipar-se, subir a bordo, decolar. O que pensamos de

nós mesmos não tem nenhuma importância. E a criança que se exaltasse à ideia das aulas de gramática pareceria pretenciosa e suspeita. O importante é gerir um objetivo que não se mostra na hora. Esse objetivo não é para a inteligência, mas para o Espírito. O Espírito sabe amar, mas está dormindo. Sei no que consiste a tentação tanto quanto um padre da Igreja. Ser tentado, é ser tentado quando o Espírito dorme, a ceder às razões da inteligência.

De que serve engajar minha vida nesse desmoronamento de montanha? Ignoro-o. Repetiram-me cem vezes: “Deixe-se ser nomeado aqui ou ali. Ali é seu lugar. Você será mais útil do que numa esquadrilha. Pilotos a gente pode formar aos milhares”.* A demonstração era peremptória. Todas as demonstrações são peremptórias. Minha inteligência aprovava, mas meu instinto prevalecia sobre minha inteligência.

Por que esse raciocínio me parecia ilusório enquanto eu nada tinha a objetar? Eu pensava: “Os intelectuais se mantêm na reserva, como vidros de conserva nas prateleiras da Propaganda para serem comidos depois da guerra...”. Não era uma resposta!

Hoje, ainda, como os camaradas, decolei contra todos os argumentos, todas as evidências, todas as reações do momento. Chegará a hora em que saberei que tinha razão contra minha razão. Eu me prometi, se eu viver, fazer esse passeio noturno através da minha vila. Então, talvez, eu mesmo me habitue, enfim. E verei.

Talvez nada tenha a dizer sobre o que eu vir. Quando uma mulher me parece bonita, eu não tenho nada a dizer a respeito. Eu a olho sorrir, simplesmente. Os intelectuais desmontam o rosto para explicar os pedaços, mas não veem mais o sorriso.

Conhecer não é desmontar nem explicar. É chegar à visão. Mas para ver, convém primeiro participar. É uma dura aprendizagem...

Durante todo o dia, minha vila esteve invisível para mim. Tratava-se, antes da missão, de paredes de estuque e de camponeses mais ou menos sujos. Trata-se agora de um pouco de cascalho a dez quilômetros abaixo de mim. Eis a minha vila.

Mas, essa noite, talvez, um cão de guarda desperte e ladre. Eu sempre experimentei a magia de uma cidadezinha que sonha alto, pela voz de um único cão de guarda na noite clara.

Não tenho nenhuma esperança de me fazer compreender, o que me é absolutamente indiferente. Que se mostre, simplesmente, a mim, atrás das portas fechadas sobre provisões de grãos, sobre o gado, os costumes, minha vila bem acomodada para dormir!

Os camponeses, no retorno dos campos, tendo servido a refeição, posto as crianças para dormir e assoprado o lampião, se fundirão em seu silêncio. E nada mais haverá senão, sob os belos lençóis engomados do campo, os lentos movimentos de respiração, como de um resto de marulho, depois do temporal, sobre o mar.

Deus suspende o uso das riquezas durante o balanço noturno. A herança reservada me aparecerá, assim, mais claramente, quando os homens repousarem, com as mãos abertas pelo jogo do sono inflexível que relaxa os dedos até o amanhecer.

Então, talvez eu contemple o que não tem nome. Terei andado como um cego cujo tato conduziu ao fogo. Ele não saberia descrevê-lo e, no entanto, o terá encontrado. Assim, talvez, mostre-se o que convém proteger, o que não se vê, mas dura, à maneira de uma brasa, sob a cinza das noites de vila.

Eu nada tinha a esperar de uma missão fracassada. Para compreender uma simples vila, é preciso primeiro…

— Capitão!

— Sim?

— Seis caças, seis, na frente, à esquerda!

Isso soou como um trovão. É preciso... Precisa... Eu gostaria: entretanto, de ser pago a tempo. Gostaria de ter direito ao amor. Gostaria de saber por quem vou morrer...

---

* O autor se refere às várias tentativas que fizeram para dissuadi-lo de participar em esquadrilhas, justamente por já estar com mais de quarenta anos e ter muitas sequelas de seus acidentes anteriores. (N. T.)

VIII

— Artilheiro!
— Capitão?
— Você ouviu? Seis caças, seis, na frente, à esquerda!
— Ouvi, Capitão!
— Dutertre, eles nos viram?
— Viram. Viraram para nós. Nós estamos quinhentos metros acima.
— Artilheiro, ouviu? Acima quinhentos metros.
— Dutertre! Longe ainda?
— … alguns segundos.
— Artilheiro, ouviu? Estarão na cauda em alguns segundos.
— Agora estou vendo! Um enxame de vespas envenenadas.
— Artilheiro! Passaram no través. Você vai ver num segundo. Ali!
— Eu… Não estou vendo nada. Ah! Vi!
— Eu não os vejo mais!
— Estão no nosso encalço?
— Estão no nosso encalço!
— Subindo rápido?
— Não sei… Não creio…
— Não!
— O que o senhor decide, Capitão?
Foi Dutertre quem falou.
— O que você quer que eu decida! E nos calamos.
Não há nada a decidir. Isso pertence exclusivamente a Deus. Se eu virasse, encurtaria o intervalo que nos separava. Como continuamos em frente, na direção do

sol, e em grande altitude não se sobe quinhentos metros sem perder o alvo por alguns quilômetros, pode ser que antes de atingirem nossa altura, quando retomarão sua velocidade, já nos tenham perdido ao sol.

— Artilheiro, ainda?

— Ainda.

— Passamos deles?

— Hã… Não… Sim!

Pertence a Deus e ao sol.

Prevendo o eventual combate (embora um Grupo de Caça mais assassine do que combata), eu me esforço, lutando contra ele com todos os meus músculos, para desbloquear meus pedais gelados. Tenho uma estranha sensação, mas ainda tenho os caças nos olhos. E ponho todo o meu peso nos comandos rígidos.

Uma vez mais observo que estou, de fato, menos comovido nesta ação, a qual, entretanto, reduz-me a uma espera absurda, do que eu estava ao me equipar. Sinto também uma espécie de raiva. Uma cólera benfazeja.

Mas nenhuma embriaguez do sacrifício. Tenho vontade de morder.

— Artilheiro, nós os alcançamos?

— Alcançamos, Capitão.

Vai dar.

— Dutertre… Dutertre…

— Capitão?

— Não… Nada.

— Que foi, Capitão?

— Nada… Achei que… Nada…

Eu não lhes direi nada. Não é coisa que se apronte. Se ensaiar uma espiral, eles verão. Verão que estou esboçando uma espiral…

Não é normal que eu esteja ensopado de suor com cinquenta graus de frio. Não é normal. Oh! Já entendi o que está acontecendo: desmaio devagarinho. Bem devagar...

Vejo o painel de bordo. Não vejo o painel de bordo. Minhas mãos amolecem no manche. Não tenho nem força para falar. Abandono-me. Abandonar-se...

Apertei o tubo de borracha. Recebi no nariz uma golfada que traz a vida. Então não é uma pane de oxigênio. É... Sim, claro, como fui estúpido. É o pedal. Exerci contra meus pedais esforços de estivador, de caminhoneiro. A dez mil metros de altitude, parecia um lutador de circo. Porém, meu oxigênio é limitado. Tinha de consumir com moderação. Pago pela orgia...

Respiro com sofreguidão. Meu coração bate rápido, muito rápido. É como um guizo fraco. Nada direi à minha tripulação. Se eu tentar uma espiral, eles saberão logo! Vejo o painel de bordo... Não vejo o painel de bordo... Sinto-me triste no meu suor.

A vida me voltou lentamente.

— Dutertre!

— Capitão?

Gostaria de lhe contar o que aconteceu.

— Eu achei que...

Mas renuncio a me exprimir. As palavras consomem oxigênio demais, e meus três vocábulos já me tiraram o fôlego. Sou um fraco, fraco convalescente...

— Que foi, Capitão?

— Não... Nada.

— Capitão, o senhor está realmente enigmático!

Estou enigmático. Mas estou vivo.

— Não... não nos atingiram...

— Ah! Capitão, é provisório! É provisório: tem Arras.

Assim, durante alguns minutos, eu acreditei poder voltar e, no entanto, não observei em mim essa angústia brilhante que, dizem, embranquece os cabelos. E me lembro de Sagon. Do depoimento de Sagon, a quem visitamos alguns dias depois do combate que o abateu, há dois meses, em zona francesa: o que sentira, Sagon, quando os caças o enquadraram, pregaram, de algum modo, em seu poste de execução, considerou-se morto naqueles dez segundos?

IX

Eu o revejo com precisão, deitado no leito do hospital. Seu joelho ficou preso e foi quebrado pela empenagem do avião durante o salto de paraquedas, mas Sagon não sentiu o choque. Seu rosto e suas mãos estão gravemente queimados, mas, ao final das contas, ele não sofreu nada de preocupante. Ele nos conta lentamente sua história, com uma voz qualquer, como o relatório de uma tarefa…

— Percebi que ele estava atirando quando me vi envolvido em balas traçantes. Meu painel de bordo estourou. Depois, vi um pouco de fumaça, mas não muita, que parecia vir da frente. Pensei que era, você sabe, ali tem um tubo de junção. Ah! Não estava chamejando muito…

Sagon faz bico. Pesa a questão. Julga importante dizer-nos se chamejava muito ou não muito. Hesita:

— Mesmo assim era fogo… Então, eu mandei que saltassem.

Pois o fogo, em dez segundos, transforma o avião em tocha!

— Abri, então, o canopi. Fiz mal. Entrou ar… O fogo… Fiquei incomodado.

Um forno de locomotiva cospe-lhe no ventre uma torrente de chamas, a sete mil metros de altitude e você ficou incomodado! Não trairei Sagon exaltando seu heroísmo ou seu pudor. Ele não reconheceria nem esse heroísmo nem esse pudor. Ele diria: “Sim, sim, fiquei incomodado…”. Ele faz, aliás, visíveis esforços para ser exato.

E bem sei que o campo da consciência é minúsculo. Ela só aceita um problema de cada vez. Se você brigar de soco e a estratégia da luta o preocupar, não sofrerá pelos socos. Quando quase me afoguei, num acidente de hidroavião, a água, que estava gelada, pareceu-me morna. Ou, mais precisamente: minha consciência não considerou a temperatura da água. Ela estava absorvida por outras preocupações. A temperatura da água não deixou nenhum traço em minha lembrança. Assim, a consciência de Sagon foi absorvida pela técnica da partida. O universo de Sagon se limitava à manivela que desliza o canopi para trás, à certa alça do paraquedas cuja localização o preocupou, e o destino técnico de sua tripulação. “Você saltou?” Nada de resposta. “Ninguém a bordo?” Nada de resposta.

— Pensei que estava sozinho. Achei que podia partir... (Ele já estava com o rosto e as mãos tostados). Levantei, pulei a carlinga e me mantive primeiro sobre a asa. Ali, debrucei à frente: não tinha visto o observador...

O observador, morto com um tiro só dos caças, jazia no fundo da carlinga.

— Recuei então e, atrás, não vi o artilheiro...

O artilheiro, também, havia desmoronado.

— Pensei que estava sozinho...

Ele refletiu:

— Se eu soubesse... Podia ter voltado a bordo... Não estava queimando tanto... Eu fiquei assim, muito tempo, na asa... Antes de sair da carlinga, eu tinha compensado o avião para cabrar. O voo estava estabilizado, a respiração suportável e eu me sentia bem. Ah! Fiquei tempo demais na asa... Não sabia o que fazer...

Não que se apresentassem a Sagon problemas inextricáveis: ele pensava estar sozinho a bordo, o avião em chamas e os caças repetiam suas passagens cuspindo projéteis. O que queria nos dizer Sagon é que ele não tinha nenhum desejo. Ele não sentia nada.

Dispunha de todo o seu tempo. Imergia numa espécie de ócio infinito. E, ponto por ponto, eu reconhecia essa extraordinária sensação que acompanha às vezes a iminência da morte: um ócio inesperado... Como ela é desmentida pelo real! A imaginária da ofegante precipitação! Sagon permanecia ali, sobre a asa, como ejetado para fora do tempo!

— E depois eu saltei — disse ele —, saltei mal. Eu me vi turbilhonar. Tive medo de abrir cedo demais e me enrolar no paraquedas. Esperei ficar estabilizado. Ah, esperei muito tempo.

Sagon, assim, conserva a lembrança de ter, do início ao fim de sua aventura, esperado. Esperou chamejar mais forte. Depois, esperou na asa, não se sabe o quê. E, em queda livre, na vertical para o solo, ainda esperou.

E se tratava de Sagon mesmo, e ainda que se tratasse de um Sagon rudimentar, mais do que de costume, de um Sagon um pouco perplexo que, à beira de um abismo, esperneava entediado.

X

Já faz duas horas que estamos mergulhados numa pressão externa reduzida a um terço da pressão normal. A equipe se desgasta lentamente. Nós mal nos falamos. Ainda tentei, uma ou duas vezes, com prudência, agir sobre meus pedais. Não insisti. Fui duas vezes penetrado pela mesma sensação de esgotante calmaria.

Dutertre, em função das viragens que a foto exige, avisa-me muito tempo antes. Eu faço o que posso com o que me resta de comando. Inclino o avião e puxo para mim. E consigo, para Dutertre, viragens em vinte tomadas.

— Qual a altitude?

— Dez mil e duzentos...

Ainda penso em Sagon... O homem é sempre o homem. Somos homens. E, em mim, só encontrei a mim mesmo. Sagon não conheceu senão Sagon. Aquele que morre, morre como sempre foi. Na morte de um simples mineiro, é um simples mineiro que morre. Onde achamos essa demência desvairada que, para nos deslumbrar, inventam os literatos?

Vi tirarem um homem, na Espanha, depois de alguns dias de trabalho, do porão de uma casa desmoronada por um torpedo. A multidão cercava em silêncio e, parece-me, com uma súbita timidez, aquele que voltava quase do além, coberto ainda pelos destroços, um tanto embrutecido pela asfixia e pelo jejum, parecendo uma espécie de monstro extinto. Quando alguns se atreveram a interrogá-lo e ele prestou às questões uma atenção glauca, a timidez da multidão tornou-se mal-estar.

Tentavam com ele chavões desajeitados, pois a verdadeira interrogação ninguém sabia formular. Diziam-lhe: “O que o senhor está sentindo?... O que pensava?... O que ficou fazendo?”. Lançavam assim, ao acaso, passarelas sobre um abismo como se tivessem usado uma primeira convenção para atingir, em sua escuridão, o cego surdo-mudo que tentavam socorrer.

Mas quando o homem conseguiu responder, disse:

— Ah, sim, ouvia longos desmoronamentos...

Ou ainda...

— Eu fiquei bem preocupado. Demorou...

— Ah, demorou muito...

Ou ainda...

— Eu tinha dor nas costas, muita dor...

E aquele valente homem falava-nos tão somente do valente homem. Ele nos falou principalmente de seu relógio de pulso, que perdera...

— Eu procurei... Gostava muito dele, mas no escuro...

E, decerto, a vida lhe ensinara a sensação do tempo que transcorre ou do amor pelos objetos familiares. E ele se servia do homem que era para sentir o seu universo, mesmo que fosse o universo de uma avalanche na noite. E, à questão fundamental, que ninguém soube fazer, mas que governava todas as tentativas: “Quem era o senhor? Quem surgiu no senhor?”, ele nada poderia ter respondido, senão: “Eu mesmo...”.

Nenhuma circunstância desperta em nós um estranho de que não suspeitássemos. Viver é nascer lentamente. Seria muito fácil tomar almas já prontas!

Uma iluminação repentina parece às vezes fazer bifurcar um destino. Mas a iluminação é somente a visão repentina, pelo Espírito, de uma estrada lentamente preparada. Eu aprendi lentamente a gramática. Exercitaram-me na sintaxe. Despertaram meus sentimentos. E eis que bruscamente um poema me bate ao coração.

Decerto, não sinto neste instante nenhum amor, mas se, esta noite, alguma coisa me for tirada, é que terei levado pesadamente minhas pedras à construção invisível. Eu preparo uma festa. Eu não terei o direito de falar de aparição súbita, em mim, de outro diferente de mim, pois sou eu quem constrói esse outro.

Nada tenho a esperar da aventura de guerra, senão essa lenta preparação. Ela pagará, mais tarde, como a gramática...

Toda a vida se arrefeceu em nós por causa desse lento desgaste. Nós envelhecemos. A missão envelhece. Quanto custa a altitude? Uma hora vivida a dez mil metros equivale a uma semana, três semanas, um mês de vida orgânica, de exercício do coração, dos pulmões, das artérias? Pouco importa, aliás. Meus quase desvanecimentos me acrescentaram séculos: estou imerso na serenidade dos velhos. As emoções da preparação me parecem infinitamente longínquas, perdidas no passado. Arras infinitamente longínqua no futuro.

A aventura de guerra? Onde há aventura de guerra?

Quase morri há dez minutos e nada tenho a contar, senão a passagem das vespas minúsculas entrevistas durante três segundos. A verdadeira aventura teria durado um décimo de segundo. E em nosso grupo não voltamos jamais para contá-la.

— Um pezinho à esquerda, Capitão.

Dutertre esqueceu que meu pedal está congelado. Eu penso numa gravura que me deslumbrou na infância. Via-se, no fundo de uma aurora boreal, um extraordinário cemitério de navios perdidos, imobilizados nos mares austrais. Eles erguiam, na luz acinzentada de uma espécie de noite eterna, braços cristalizados. Numa atmosfera morta, ainda estendiam velas que

conservaram a marca do vento, como um leito guarda a sutil marca de um ombro. Mas nos pareciam duras e quebradiças.

Aqui, tudo está congelado. Meus comandos estão congelados. Minhas metralhadoras estão congeladas. E quando perguntei ao artilheiro sobre as dele:

— Suas metralhadoras?

— Mais nada.

— Ah! Bom.

No tubo de expiração da minha máscara, cuspo agulhas de gelo. De tempos em tempos, preciso esmagar, através da borracha flexível, a rolha de gelo que me sufoca. Quando aperto, sinto-a estilhaçar-se na minha palma.

— Artilheiro, o oxigênio está o.k.?

— Tudo bem!

— Qual a pressão dos seus tubos?

— Hã... Setenta.

— Ah! Bom.

O tempo para nós está congelado também. Somos três velhos de barba branca. Nada é móvel. Nada é urgente. Nada é cruel.

A aventura de guerra? O comandante Alias achou um dia de me dizer:

— Tente tomar cuidado!

Cuidado com o quê, comandante Alias? O caça nos atinge como um raio. O Grupo de Caça, que sobrevoa mil e quinhentos metros de altitude acima de nós, quando nos descobre abaixo dele, fica à vontade. Ele serpenteia, orienta-se, posiciona-se. A gente ainda ignora tudo. Somos o rato fechado na sombra da ave de rapina. O rato pensa que vive. Ele ainda vagueia nos trigais. Mas já é prisioneiro da retina desse gavião, colado nela mais do que em goma, pois o gavião não o largará mais.

A gente continua, ainda assim a pilotar, a sonhar, a observar o solo, quando já está condenado pelo imperceptível ponto negro que se formou numa retina humana.

Os nove aviões do Grupo de Caça vão mergulhar para o ataque quando lhes aprouver. Eles têm todo o tempo. Eles darão a novecentos quilômetros por hora esse prodigioso tiro de arpão que não erra jamais sua presa. Uma esquadrilha de bombardeio constitui uma potência de tiro que oferece chances à defesa, mas a tripulação de Reconhecimento, isolada em pleno céu, nunca triunfa sobre setenta e duas metralhadoras que só se revelarão, aliás, pelo feixe luminoso de suas balas.

No exato instante em que se souber que há combate, o caça, depois de lançar seu veneno de uma só vez, feito uma cobra, já neutro e inacessível, nos dominará. As cobras oscilam assim, lançam a sua faísca e retomam o seu balanço.

Assim, quando o Grupo de Caça tiver desvanecido, nada ainda terá mudado. Nem mesmo os rostos mudam. Eles mudam quando o céu está vazio e a paz está feita. O caça, agora, é apenas um testemunho imparcial quando, da carótida seccionada do observador, escapa o primeiro dos jatos de sangue, quando, do capô do motor direito, filtra, hesitante, a primeira chama do fogo de forja. Assim, a cobra já se enrolou quando o veneno penetra no coração e quando o primeiro músculo do rosto se contrai. O Grupo de Caça não mata. Ele semeia a morte. Esta germina depois que ele passou.

Cuidado com o quê, comandante Alias? Quando nós cruzamos os caças, eu nada tive a decidir. Eu poderia não tê-los conhecido. Se me tivessem dominado, eu não os teria jamais conhecido!

Cuidado com o quê? O céu está vazio.

A terra está vazia.

Não há mais homens quando se observa a dez quilômetros de distância. Os movimentos do homem não mais se leem a essa escala. Nossas câmeras fotográficas de longo alcance servem aqui de microscópios, é preciso microscópio para apreender, não o homem — ele escapa ainda desse instrumento — mas os sinais de sua presença, as estradas, os canais, os cortejos, as lanchas. O homem fecunda uma lâmina de microscópio. Sou um sábio glacial e a guerra deles, para mim, não passa de um estudo de laboratório.

— Eles estão atirando, Dutertre?

— Acho que estão atirando.

Dutertre não sabe nada. As explosões são muito longínquas, e as manchas de fumaça se confundem com o solo. Eles não podem querer nos abater com um tiro tão impreciso. Estamos a dez mil metros, praticamente invulneráveis. Eles atiram para nos situar e guiar o caça, quem sabe, sobre nós. Um caça perdido no céu como uma poeira invisível.

Do solo nos distinguem por causa da echarpe de nácar branco que um avião, voando em grande altitude, arrasta como um véu de noiva. O abalo devido à passagem da bólide cristaliza o vapor de água da atmosfera. E nós desenrolamos, atrás de nós, um cirro de agulhas de gelo. Se as condições externas são propícias à formação de nuvens, essa trilha aumentará lentamente e se tornará nuvem à noite no campo. Os caças são guiados em nossa direção pelo rádio de bordo, pelos conjuntos de explosões, depois pelo luxo ostentatório de nossa echarpe branca. No entanto, estamos mergulhados num vazio quase sideral.

Navegamos, eu bem sei, a quinhentos e trinta quilômetros por hora... Porém, tudo ficou imóvel. A velocidade se mostra sobre um hipódromo. Mas aqui tudo está imerso no espaço. Assim a terra, apesar de

seus quarenta e dois quilômetros por segundo, perfaz lentamente a volta em torno do sol. Ela gasta um ano. Nós também, somos lentamente alcançados, talvez, nesse exercício de gravitação. A densidade da guerra aérea? Grãos de poeira numa catedral. Como grãos de poeira, atraímos para nós algumas dezenas ou centenas de poeiras. E toda essa cinza, como de um tapete sacudido, sobe lentamente ao sol.

Cuidado com o quê, comandante Alias? Vejo, na vertical, somente bibelôs de uma outra época, sob um cristal puro que não treme. Eu me debruço sobre vitrines de museu. Mas elas já se apresentam na contraluz. Muito longe, lá na frente, estão provavelmente Dunquerque e o mar. Mas, na oblíqua, não distingo grande coisa. O sol está agora baixo demais e eu domino uma grande placa espelhada.

— Você está vendo alguma coisa, Dutertre, através dessa porcaria?

— Na vertical, sim, Capitão…

— Ei, Artilheiro, nada de novidades dos caças?

— Nada de novidades…

Na realidade, ignoro totalmente se somos ou não perseguidos, e se nos veem ou não, do solo, arrastar atrás de nós toda uma coleção de véus brancos.

“Véu branco” me faz sonhar. Primeiro me vem uma imagem deslumbrante de que gosto: “Inacessíveis como uma mulher bonita demais, nós prosseguimos nosso destino, arrastando lentamente nosso vestido com cauda de estrelas de gelo…”.

— Dê um pezinho à esquerda!

Isso é a realidade. Mas volto à minha poesia de pacotilha: “Essa viragem provocará a viragem de um céu inteiro de suspirantes”.

— Pé à esquerda… pé à esquerda… Não dá!

A mulher bonita demais erra sua viragem.

— Se o senhor cantar, vai desmaiar, Capitão.

Então eu cantei?

Dutertre, aliás, me tira qualquer desejo de música calma:

— Quase terminei as fotos. O senhor logo poderá descer na direção de Arras.

Eu poderei... Eu poderei... Claro! É preciso aproveitar as boas oportunidades.

Olha! Os manetes de gás também estão congelados...

E penso:

De cada três, uma missão voltou esta semana. Há então uma alta densidade do perigo de guerra. No entanto, se estivermos entre os que voltam, nada teremos a contar. Vivi outrora aventuras: a criação das linhas postais, a dissidência saariana, a América do Sul... Mas a guerra não é uma verdadeira aventura, é só uma imitação de aventura. A aventura se baseia na riqueza das ligações que estabelece, dos problemas que coloca, das criações que suscita. Não basta, para transformar em aventura, o simples jogo de cara ou coroa para apostar-se a vida ou a morte. A guerra não é uma aventura. A guerra é uma doença. Como o tifo.

Talvez eu compreenda mais tarde que minha única verdadeira aventura de guerra foi a do meu quarto de Orconte.

XI

Eu morava em Orconte, vila nas proximidades de Saint-Dizier — onde meu Grupo ficou acantonado durante o inverno de 1939, que foi muito rude —, uma fazenda construída com paredes de estuque. A temperatura noturna caía ali a ponto de transformar em gelo a água da minha moringa rústica, e meu primeiro ato, antes de me vestir, era, logicamente, acender o fogo. Mas esse gesto exigia que eu saísse da cama onde estava aquecido e onde me embolava deliciosamente.

Nada me parecia mais maravilhoso do que aquela simples cama de monastério, num quarto vazio e enregelado. Ali eu saboreava a beatitude do repouso depois de duras jornadas. Saboreava também a segurança. Nada me ameaçava. Meu corpo era ofertado, durante o dia, aos rigores da grande altitude e aos projéteis cortantes. Meu corpo podia ser transformado, durante o dia, em ninho de sofrimentos e ser injustamente dilacerado. Meu corpo, durante o dia, não me pertencia. Não me pertencia mais. Podiam arrancar-lhe membros, tirar-lhe sangue. Pois também é um fato de guerra que esse corpo se torne loja de acessórios que não são mais sua propriedade. O oficial vem e lhe reclama os olhos. E você lhe cede seu dom de ver. O oficial vem e lhe reclama as pernas. E você lhe cede seu dom de andar. O oficial vem, com sua tocha, e lhe reclama toda a carne do rosto. E você não passa de um monstro, tendo-lhe cedido, como resgate, seu dom de sorrir e de mostrar amizade aos homens. Assim, esse corpo que podia revelar-se, durante o dia, meu inimigo, e

doer, esse corpo podia se transformar em usina de lamentações, eis que era ainda meu amigo, obediente e fraterno, bem enrolado nos lençóis em seu meio adormecimento, nada confiando à minha consciência além de seu prazer de viver, seu ronronar felizardo. Mas era preciso tirá-lo da cama e lavá-lo na água gelada, barbeá-lo, vesti-lo para ofertá-lo, correto, à forja. E aquela saída da cama parecia o arrebatamento dos braços maternos, do seio materno, de tudo o que, durante a infância, cultiva, acaricia, protege um corpo de criança.

Então, depois de ter pesado bem, amadurecido e atrasado minha decisão, eu dava um só pulo, com os dentes cerrados, até a lareira, onde empurrava uma pilha de lenha que aspergia com gasolina. Uma vez que se inflamasse, eu conseguia atravessar de novo o meu quarto, enfiando-me de volta na cama, onde reencontrava meu calor e de onde, enfiado nas cobertas e no edredom até o olho esquerdo, eu vigiava a minha lareira. Primeiro, ela quase não pegava, depois havia curtos clarões que iluminavam o teto. Depois, começava a instalar-se ali, como uma festa que se organiza. Começava a crepitar, roncar, cantar. Era alegre como um banquete de casamento camponês, quando a multidão começa a beber, a esquentar e acotovelar-se.

Ou então, parecia-me que era guardado por meu fogo benfazejo como por um cão pastor ativo, fiel e diligente, que desempenhava bem sua tarefa. Eu experimentava, considerando-o, um júbilo surdo. E, quando a festa chegava no auge, com aquela dança das sombras no teto e aquela música quente dourada, e já perto de mim aquelas construções de brasa, quando meu quarto ficava bem cheio daquele cheiro mágico de fumaça e de resina, eu deixava, num pulo, um amigo pelo outro, corria da minha cama ao meu fogo, ia ao mais generoso, e não sei muito bem se assava a barriga ou esquentava o coração.

Entre duas tentações, covardemente, eu havia cedido à mais forte, à mais rutilante, à que, com sua fanfarra e seus clarões, fazia a melhor publicidade.

Assim, por três vezes — primeiro, para acender o fogo, depois me deitar de novo e voltar para fazer a colheita das chamas —, eu, por três vezes, batendo os dentes, havia atravessado as estepes vazias e geladas do meu quarto e conhecido um pouco das expedições polares. Eu havia andado através do deserto em direção a uma escala bem-aventurada, e fora recompensado por aquele fogaréu, que dançava à minha frente, para mim, sua dança de cão pastor.

Essa história parece uma ninharia. No entanto, era uma grande aventura. Meu quarto me mostrava, com transparência, o que eu nunca saberia descobrir se, um dia, como turista, eu visitasse aquela fazenda. Ela teria me dado tão somente seu vazio banal, mal mobiliado com uma cama, uma moringa de água e uma lareira ruim. Eu teria bocejado alguns minutos. Como poderia distinguir suas três províncias, suas três civilizações, a do sono, a do fogo e a do deserto? Como teria pressentido a aventura do corpo, que é primeiro um corpo de criança pendurado no seio materno, acolhido e protegido, depois um corpo de soldado, construído para sofrer, depois um corpo de homem, enriquecido de alegria pela civilização do fogo, que é o polo da tribo. O fogo honra o hóspede e honra seus camaradas. Se eles visitam seu amigo, tomam parte em seu festim, puxam as cadeiras em volta da sua e, falando-lhe dos problemas do dia, das preocupações e fardos, dizem, esfregando as mãos e enchendo seus cachimbos: “Nada mal uma fogueirinha; é gostoso”.

Mas já não há fogo para me fazer crer na ternura. Não há mais quarto enregelado para me fazer crer na aventura. Eu acordo do sonho. Não há nada além de um absoluto vazio. Não há mais que uma extrema velhice.

Tão somente uma voz, a de Dutertre, dizendo-me, obstinada, em seu propósito quimérico:

— Um pezinho à esquerda, Capitão…

XII

Exerço corretamente meu ofício. Não impede que eu seja um tripulante em derrota. Estou embebido na derrota. Transpira-se a derrota por todo lado, haja vista minhas mãos.

Os manetes de potência estão congelados. Estou condenado a manobrar em potência máxima. E eis que essas duas sucatas me trazem problemas inextricáveis.

No avião que estou pilotando, o aumento do passo de hélice é limitado, baixo demais. Eu não posso pretender, picando em regime pleno, evitar uma velocidade de aproximadamente oitocentos quilômetros por hora e o aumento de rotação de meus motores. Todavia, o aumento de rotação de um motor traz riscos de falha.

A rigor, me seria possível cortar os contatos. Mas eu me infligiria assim uma pane definitiva. Essa pane levaria ao fracasso da missão e à eventual perda do avião. Nem todos os terrenos favorecem a aterrissagem de um aparelho que toca o solo a cento e oitenta quilômetros por hora.

É então essencial que eu destrave os manetes. Em consequência de um primeiro esforço, vou ao limite do manete esquerdo. Mas o da direita continua resistindo.

Seria possível agora efetuar minha descida numa velocidade de voo tolerável, se eu reduzisse ao mínimo o motor sobre o qual já pude agir, o esquerdo. Mas se eu reduzir o motor esquerdo, precisarei compensar a potência assimétrica do motor direito — a qual tenderá, obviamente, a fazer girar o avião para a esquerda. Terei de resistir a essa tendência. No entanto, os pedais, dos

quais dependem essas manobras, também estão completamente congelados. Fico impossibilitado, assim, de compensar. Se eu reduzir o motor esquerdo, caio em espiral.

O único recurso será arriscar ultrapassar, durante a descida, o limite de regime teórico de ruptura. Três mil e quinhentos giros: risco de falha catastrófica.

Tudo isso é absurdo. Nada está ajustado. Nosso mundo é feito de engrenagens que não se ajustam umas às outras. Não são os materiais que estão em questão, mas o Relojoeiro. Falta o Relojoeiro.

Depois de nove meses de guerra, ainda não conseguimos fazer com que as indústrias adaptassem metralhadoras e comandos ao clima em grande altitude. E não é com a incúria dos homens que nos deparamos. Os homens, na maioria, são honestos e conscienciosos. Sua inércia, quase sempre, é um efeito, e não uma causa, de sua ineficácia.

A ineficácia pesa sobre nós todos como uma fatalidade. Pesa sobre soldados da infantaria armados de baionetas diante de tanques. Pesa sobre os tripulantes que lutam, um contra dez. Pesa até mesmo sobre aqueles que deveriam ter por missão modificar as metralhadoras e os comandos.

Vivemos no ventre cego de uma administração. Uma administração é uma máquina. Quanto mais uma administração é aperfeiçoada, mais elimina a arbitrariedade humana. Numa administração perfeita, onde o homem desempenha seu papel de engrenagem, a preguiça, a desonestidade, a injustiça não têm mais oportunidade de alastrar-se.

Mas, assim como a máquina é construída para administrar uma sucessão de movimentos previstos de uma só vez, a administração também não cria mais. Ela

gere. Aplica tal sanção para tal falta, tal solução a tal problema. Uma administração não é concebida para resolver problemas novos. Se, numa máquina de chapear, introduzirem-se peças de madeira, não vão sair móveis. Seria preciso, a fim de adaptar a máquina, que um homem dispusesse do direito de mexer nela. Mas numa administração, concebida para prevenir os inconvenientes da arbitrariedade humana, as engrenagens recusam a intervenção do homem. Recusam o Relojoeiro.

Faço parte do Grupo 2/33 desde novembro. Meus camaradas, assim que cheguei, avisaram:

— Você vai passear na Alemanha sem metralhadoras nem comandos.

Depois, para me consolar:

— Fique tranquilo. Você não perde nada. Os caças abatem sempre antes de serem vistos.

Em maio, seis meses mais tarde, as metralhadoras e os comandos ainda congelam.

Penso numa fórmula tão velha quanto meu país: “Na França, quando tudo parece perdido, um milagre salva o país”. Entendi por quê. Aconteceu às vezes de um desastre, tendo destrambelhado a bela máquina administrativa, e tendo esta se mostrando irreparável, substituírem-na, por falta de melhor, por simples homens. E os homens salvaram tudo.

Quando um torpedo tiver reduzido a cinzas o Ministério da Aeronáutica, convocarão, com urgência, um cabo qualquer, e lhe dirão:

— Você está encarregado de descongelar os comandos. Você tem carta branca. Vire-se. Mas se em quinze dias eles ainda gelarem, você será preso.

Os comandos, talvez, então, descongelem.

Conheço uns cem exemplos desse vício. As comissões de requisição de um departamento do norte, por exemplo, requisitaram novilhas prenhes e transformaram assim os abatedouros em cemitério de fetos. Nenhuma engrenagem da máquina, nenhum coronel do serviço de recrutamento estava qualificado para agir de outro modo senão como engrenagem. Eles obedeciam todos a uma outra engrenagem, como num relógio. Qualquer revolta era inútil. É por isso que essa máquina, uma vez que tenha começado a destrambelhar, foi alegremente empregada em abater novilhas prenhes. Talvez tenha sido um mal menor. Ela poderia, se mais gravemente destrambelhada, começar a abater coronéis.

Eu me sinto desencorajado até o pescoço por essa degradação universal. Mas como me parece inútil dar um tranco num dos meus motores, exerço contra o manete esquerdo um novo peso. Em meu desgosto, exagero o esforço. Depois, abandono. Esse esforço me custou uma nova pontada no coração. Decididamente, o homem não foi feito para o culto físico a dez mil metros de altitude. Essa pontada é uma dor em surdina, uma espécie de consciência local estranhamente despertada na escuridão dos órgãos.

Os motores vão estourar se quiserem.

Pouco me importa. Esforço-me para respirar. Parece-me que não respiraria mais se me distraísse. Eu me lembro dos foles de outrora, com a ajuda dos quais a gente reanimava o fogo. Reanimo meu fogo. Eu queria muito convencê-lo a “pegar”.

O que estraguei de irreparável? A dez mil metros, um esforço físico um pouco brusco pode acarretar uma ruptura dos músculos do coração. É muito frágil um coração. Precisa servir muito tempo. É absurdo

comprometê-lo com trabalhos tão grosseiros. É como se queimássemos diamantes para cozinhar uma maçã.

XIII

É como se queimassem todas as vilas do norte, sem atrasar, nem mesmo por meio dia, com tal destruição, o avanço alemão. E, no entanto, essa provisão de vilas, essas velhas igrejas, essas velhas casas, e toda a sua carga de lembranças, e seus belos pisos de nogueira encerada, e os belos enxovais em seus armários, e as rendas de suas janelas, que duraram até hoje, sem estragar — eis que, de Dunquerque até a Alsácia, eu as vejo queimar.

Queimar é uma expressão exagerada quando se observa a dez mil metros, pois, nas cidades, como nas florestas, há apenas uma fumaça imóvel, uma espécie de geleia esbranquiçada. O fogo não passa de uma digestão secreta. Na escala dos dez mil metros, o tempo é como que refreado, já que não há mais movimento. Não há mais chamas crepitantes, vigas que estralam, turbilhões de fumaça preta. Somente esse leite acinzentado fixado no âmbar.

Essa floresta será curada? Essa cidade será curada? Observado de onde estou, o fogo rói com a lentidão de uma doença.

Aqui ainda há muito a dizer. “Não vamos poupar vilas.” Ouvi a palavra. E a palavra era necessária. Uma vila, durante uma guerra, não é um nó de tradições. Nas mãos do inimigo, há só um ninho de ratos. Tudo muda de sentido. Assim, certas árvores, com trezentos anos de idade, abrigavam a tua antiga casa familiar. Mas

atrapalham o campo de tiro de um tenente de vinte e dois anos. Ele expede então uma quinzena de homens para aniquilar, em tua morada, a obra do tempo. Ele consome, numa ação de dez minutos, trezentos anos de paciência e de sol, trezentos anos de religião da casa, e de noivados ao sombreiro do parque. Tu lhe dizes:

— Minhas árvores!

Ele não te escuta. Ele faz a guerra. Ele tem razão.

Mas eis que queimam as vilas para jogar o jogo da guerra, assim como desmantelam os parques e sacrificam as tripulações, assim como engajam a infantaria contra os tanques. E reina um inexprimível mal-estar. Pois nada mais adianta.

O inimigo reconheceu uma evidência e a explora. Os homens ocupam pouco lugar na imensidão das terras. Seriam necessários cem milhões de soldados para erguer uma muralha contínua. Então, entre as tropas há brechas. Tais buracos são anulados, em princípio, pela mobilidade das tropas, mas, do ponto de vista da máquina blindada, um exército oponente pouco motorizado fica como imóvel. As brechas constituem, então, verdadeiros buracos. Daí essa regra simples de emprego tático: “A divisão blindada deve agir como água. Ela deve pressionar levemente o bloqueio do adversário e avançar somente onde não encontrar resistência”. Os tanques pressionam, então, o bloqueio. Sempre há brechas. Eles sempre passam.

Todavia, essas incursões de tanques que circulam à vontade, por falta de carros que se oponham, acarretam consequências irreparáveis, ainda que só operem destruições aparentemente superficiais (tais como capturas de Estados-Maiores locais, rupturas de linhas telefônicas, incêndios de vilas). Eles fazem o papel de agentes químicos que destruiriam não o organismo, mas os nervos e os gânglios. No território que varreram como um raio, todo o exército, mesmo que pareça quase

intacto, perdeu o caráter de exército. Transformou-se em grumos independentes. Onde existia um organismo, resta apenas uma soma de órgãos cujas ligações estão rompidas. Depois, entre os grumos — tão combativos quanto o forem os homens —, o inimigo avança como quer. Um exército deixa de ser eficaz quando não passa de uma soma de soldados.

Não se fabrica um material em quinze dias. Nem mesmo... A corrida aos armamentos só podia sair perdedora. Nós éramos quarenta milhões de agricultores diante de oitenta milhões de industriais.

Nós opomos ao inimigo um homem contra três. Um avião contra dez ou vinte e, a partir de Dunquerque, um tanque contra cem. Não nos damos ao luxo de meditar sobre o passado. Assistimos ao presente. O presente é este. Nenhum sacrifício, jamais, em nenhum lugar, é suscetível de retardar o avanço alemão.

Assim reina, da cúpula à base das hierarquias civis e militares, do encanador ao ministro, do soldado ao general, uma espécie de má consciência que não sabe nem ousa formular-se. O sacrifício perde toda a grandeza se for tão somente uma paródia ou um suicídio. É bonito sacrificar-se: alguns morrem para que outros sejam salvos. Fazemos a parte do fogo no incêndio. Lutamos até a morte nas trincheiras, para dar tempo aos salvadores. Sim, mas o fogo, o que quer que se faça, tomará tudo. Mas não há campo onde se entrincheirar. Mas não há o que esperar de salvadores. E aqueles pelos quais combatemos, pelos quais pretendemos combater, parece que, simplesmente, provocamos seu assassinato, pois o avião, que esmaga as cidades atrás das tropas, mudou a guerra.

Ouvirei mais tarde estrangeiros recriminarem a França pelas pontes que não destruiu, as vilas que não queimou e os homens que não foram mortos. Mas é o contrário, é exatamente o contrário que me choca tanto. É nossa

imensa boa vontade em nos tapar olhos e ouvidos. É nossa luta desesperada contra a evidência. Embora nada adiante de nada, explodimos as pontes ainda assim, para jogar o jogo. Queimamos verdadeiras vilas para jogar o jogo. É para jogar o jogo que nossos homens morrem.

Claro que os esquecemos! Esquecemos pontes, vilas, deixamos viver homens. Mas o drama dessa derrota é tirar todo o significado dos atos. Seja quem for que faça explodir uma ponte, não o fará sem desgosto. Esse soldado não atrasa o inimigo: ele fabrica uma ponte em ruína. Estraga seu país para daí tirar uma bela caricatura de guerra!

Para que os atos sejam ardentes, é preciso que seu significado apareça. É bonito queimar as colheitas que enterrarão o inimigo sob suas cinzas. Mas o inimigo, apoiado em suas cento e sessenta divisões, zomba de nossos incêndios e de nossos mortos.

É preciso que o significado do incêndio da vila equilibre o significado da vila. Entretanto, o papel da vila queimada não passa de um papel caricatural.

É preciso que o significado da morte equilibre a morte. Os homens batalham bem ou mal? É a própria questão que não tem sentido! Sabemos que a defesa teórica de um vilarejo aguentará três horas! Os homens, todavia, têm ordem de resistir. Sem meios para combater, solicitam eles mesmos ao inimigo que destrua essa vila, a fim de que sejam respeitadas as regras do jogo da guerra. Como o amável adversário de xadrez: “Você esqueceu-se de pegar o peão…”.

Desafiaremos então o inimigo:

— Somos os defensores desta vila. Vocês são os assaltantes. Ataquem!

A questão foi compreendida. Uma esquadrilha, numa pisada, esmaga a vila.

— Pois bem!

Há, decerto, homens inertes, mas a inércia é uma forma frusta do desespero. Há, decerto, também, homens que fogem. O comandante Alias mesmo, duas ou três vezes, ameaçou com seu revólver esfarrapados mórbidos, reencontrados nas estradas, que respondiam de través a suas perguntas. A gente tem tanta vontade de ter nas mãos o responsável por um desastre e, suprimindo-o, salvar tudo! Os homens em fuga são responsáveis pela fuga, pois não haveria fuga sem homens em fuga. Se brandirmos o revólver, tudo dará certo... Mas seria enterrar doentes para suprimir a doença. O comandante Alias, no fim das contas, recolhia o revólver, revólver esse que, a seus próprios olhos, tomara um aspecto pomposo demais, como um sabre de ópera cômica. Alias sentia que os soldados mórbidos eram efeitos do desastre e não suas causas.

Alias bem sabe que aqueles homens são os mesmos, exatamente os mesmos que, alhures, hoje ainda, aceitam morrer. Cento e cinquenta mil, há quinze dias, aceitaram. Mas há cabeças-duras que exigem que lhes forneçam um bom pretexto.

É difícil formular.

O corredor vai correr a corrida de sua vida contra corredores de sua classe. Mas ele vê, desde a partida, que arrasta no pé um ferro de condenado. Os concorrentes estão leves como asas. A luta não significa mais nada. O homem se abandona:

— Isso não vale!

— Vale sim! Vale sim!

O que inventar para convencer o homem a engajar tudo de si mesmo numa corrida que já não é uma corrida?

Alias bem sabe o que pensam os soldados. Eles pensam assim:

— Isso não conta…

Alias guarda seu revólver e procura uma boa resposta.

Só há uma boa resposta. Uma única. Desafio qualquer um a encontrar outra:

— Sua morte não mudará nada. A derrota está consumada. Mas convém que uma derrota se manifeste por mortos. Tem de ser um luto. Vocês estão a serviço para desempenhar o papel.

— Positivo, Comandante.

Alias não despreza os fugitivos. Ele sabe muito bem que sua resposta certa sempre bastou. Ele mesmo aceita a morte. Todas as suas tripulações aceitam a morte. Bastou, para nós também, essa boa resposta, mal disfarçada:

— É muito chato… Mas eles fazem questão, no Estado-Maior. Querem mesmo… É assim…

— Positivo, Comandante.

Eu creio muito simplesmente que aqueles que estão mortos servem de caução aos outros.

XIV

Envelheci tanto, que deixei tudo para trás. Olho a grande lâmina espelhada da minha vitrine. Ali embaixo, estão homens. Infusórios numa lâmina de microscópio. Podemos nos interessar pelos dramas de família de infusórios?

Não fosse por essa dor no coração que me parece viva, afundaria nos meus vagos devaneios, como um tirano envelhecido. Há dez minutos, eu estava inventando essa história de figurante. Era falso de vomitar. Quando vi os caças, pensei em ternos suspiros? Pensei em vespas pontudas. Isso sim. Minúsculas, essas porcarias.

Pude inventar sem desgosto essa imagem de vestido de cauda! Não pensei num vestido de cauda, pela simples razão de que jamais vi minha própria trilha! Desta carlinga onde estou encaixotado como um cachimbo no estojo, me é impossível observar qualquer coisa atrás de mim. Eu olho para trás pelos olhos de meu artilheiro. E ainda assim! Se os laringofones não estiverem quebrados! E meu artilheiro nunca me disse: “Aí estão nossos pretendentes apaixonados, que seguem a cauda de nosso vestido…”.

Não há aí mais do que ceticismo e malabarismo. Decerto, eu gostaria de crer, gostaria de lutar, gostaria de vencer. Porém, por mais que se finja crer, lutar e vencer incendiando suas próprias cidades, é muito difícil tirar alguma exaltação disso.

É difícil existir. O homem é apenas um nó de relações e eis que meus laços não valem mais grande coisa.

O que há em mim que não funciona? Qual é o segredo das trocas? Como, noutras circunstâncias, o que me é agora abstrato e longínquo, consegue me transtornar? Como, de uma palavra, um gesto, conseguem fazer infinitas voltas num destino? Como, se eu fosse Pasteur, o jogo dos próprios infusórios poderia me tornar patético a ponto de uma lâmina de microscópio me parecer um território tão vasto quanto a floresta virgem e me permitir viver, debruçado sobre ela, a mais alta forma de aventura?

Como esse ponto negro que é uma casa de homens, lá embaixo...

E me vem uma recordação.

Quando eu era menino... Remonto longe na minha infância. A infância, esse grande território de onde cada um veio! De onde sou? Sou da minha infância. Sou da minha infância como de um território...* Então, quando eu era menino, vivi uma noite uma experiência divertida.

Eu tinha cinco ou seis anos. Eram oito horas. Oito horas, a hora em que as crianças devem dormir. Sobretudo no inverno, pois já é noite. No entanto, tinham me esquecido.

E havia no térreo dessa grande casa de campo um vestíbulo que me parecia imenso e para o qual dava o cômodo quente onde nós, as crianças, jantávamos. Eu sempre tivera receio daquele vestíbulo por causa, talvez, do abajur fraco que, perto do centro, mal o tirava de sua escuridão, parecia mais um sinal do que um abajur por causa dos lambris, que estalavam no silêncio, e também do frio. Pois ali se desembocava de cômodos luminosos e quentes, como se fosse numa caverna.

Mas naquela noite, vendo-me esquecido, cedi ao demônio do mal, ergui-me sobre a ponta dos pés até a

maçaneta da porta, empurrei-a devagarinho no vestíbulo e fui, fraudulento, explorar o mundo.

Os estalos dos lambris, entretanto, pareceram-me um aviso da cólera celeste. Via vagamente, na penumbra, os grandes painéis reprovadores. Não ousando prosseguir, subi como deu num aparador e, com as costas apoiadas na parede, fiquei ali, com as pernas pendentes, o coração batendo, como fazem todos os náufragos em seu recife em pleno mar.

Foi então que se abriu a porta de uma sala e, dois tios, os quais me inspiravam um terror danado, fechando aquela porta atrás de si, no burburinho e sob as luzes, começaram a perambular no vestíbulo.

Eu tremia de ser descoberto. Um deles, Hubert, era para mim a imagem da severidade. Um delegado da justiça divina. Aquele homem, que nunca dera um peteleco numa criança, me repetia, franzindo as sobrancelhas terríveis, por ocasião de cada um de meus crimes: “Da próxima vez que eu for à América, vou trazer uma máquina de chicotear. Aperfeiçoaram tudo na América. É por isso que as crianças, lá, são tão comportadas. E é um grande sossego para os pais...”.

Eu não gosto da América.

Eles perambulavam, sem me ver, de um lado para outro, naquele vestíbulo glacial e interminável. Eu os seguia com os olhos e os ouvidos, prendendo a respiração, tonto. “Na presente época”, diziam eles... E se afastavam com seu segredo de gente grande e eu pensava comigo: “A presente época”. Depois, eles voltavam como uma maré que tivesse, de novo, arrastado para a minha direção os seus tesouros indecifráveis. “É insensato, dizia um ao outro, é efetivamente insensato.” Eu recolhia a frase como um objeto extraordinário. E repetia lentamente para testar o poder daquelas palavras na minha consciência de cinco anos: “É insensato, efetivamente insensato...”.

Então, a maré afastava os tios. A maré os trazia de novo. Aquele fenômeno, que me abria perspectivas ainda mal esclarecidas sobre a vida, reproduzia-se com uma regularidade estelar, como um fenômeno de gravitação. Eu estava bloqueado no meu aparador, para a eternidade, ouvinte clandestino de um concílio solene, durante o qual meus dois tios, que sabiam tudo, colaboravam para a criação do mundo. A casa podia durar ainda mil anos, os dois tios, durante mil anos, oscilando ao longo do vestíbulo com a lentidão de um pêndulo de relógio, continuariam a dar-lhe o gosto de eternidade.

Este ponto que estou olhando é sem dúvida uma casa de homens, a dez quilômetros abaixo de mim. E eu nada recebo dela. No entanto, trata-se, talvez, de uma grande casa de campo, onde dois tios dão cem passos e constroem, lentamente, numa consciência de criança, alguma coisa tão fabulosa quanto a imensidão dos mares.

Descubro, dos meus dez mil metros, um território da envergadura de uma província; todavia, tudo encolheu até sufocar-me. Disponho aqui de menos espaço do que disporia nesse grão escuro.

Perdi o senso de vastidão. Estou cego à vastidão. Mas é como se tivesse sede dela. E me parece tocar aqui um denominador comum a todas as aspirações de todos os homens.

Quando um acaso desperta o amor, tudo se ordena no homem segundo esse amor, e o amor lhe traz o senso de vastidão. Quando eu morava no Saara, se árabes, surgindo à noite em volta de nossas fogueiras, advertiam-nos sobre ameaças longínquas, o deserto se enlaçava e ganhava um sentido. Aqueles mensageiros tinham construído sua vastidão. Assim é para o simples

cheiro de armário antigo, quando desperta e encadeia lembranças. Patético é o senso de vastidão.

Mas eu compreendo também que nada do que diz respeito ao homem se conta, nem se mede. A verdadeira vastidão não é para o olhar, só é concedida ao espírito. Valha o que vale a linguagem, pois é a linguagem que enlaça as coisas.

E me parece doravante entrever melhor o que é uma civilização. Uma civilização é uma herança de crenças, de costumes e de conhecimentos lentamente adquiridos durante séculos, difíceis às vezes de justificar pela lógica, mas que se justificam por si mesmos, como os caminhos, se conduzirem a algum lugar, pois abrem ao homem sua vastidão interior.

Uma má literatura nos falou da necessidade de evasão. Claro, nós fugimos em viagem em busca da vastidão. Mas a vastidão não se encontra. Ela se funda. E a evasão nunca levou a lugar algum.

Quando o homem precisa, para sentir-se homem, correr em competições, cantar em coro ou fazer guerra, são já os laços que ele se impõe a fim de ligar-se a outrem e ao mundo. Mas, coitados! Se uma civilização é forte, ela completa o homem, mesmo que ele esteja ali imóvel.

Numa certa cidadezinha silenciosa, sob a melancolia de um dia de chuva, vejo uma enferma enclausurada que medita junto à sua janela. Quem é ela? Que foi feito dela? Julgarei a civilização da pequena cidade pela densidade dessa presença. Que valemos, uma vez imóveis?

No dominicano que reza há uma presença densa. Esse homem nunca é tão homem como quando está prosternado e imóvel. Pasteur retendo a respiração sobre seu microscópio é uma presença densa. Pasteur nunca é tão homem como quando observa. Então, ele progride.

Então, ele se apressa. Então avança com passo de gigante, ainda que imóvel, e descobre a vastidão. Assim Cézanne, imóvel e mudo, diante de seu esboço, é de uma presença inestimável. Ele nunca é tão homem como quando se cala, experimenta e avalia. Então, sua tela se torna mais vasta do que o mar.

Vastidão concedida pela casa da infância, vastidão concedida por meu quarto em Orconte, vastidão concedida a Pasteur pelo campo de seu microscópio, vastidão aberta pelo poema, tantos bens frágeis e maravilhosos que somente uma civilização distribui, pois a vastidão é para o espírito não para os olhos, e não há vastidão sem linguagem.

Mas como reanimar o sentido da minha linguagem na hora em que tudo se confunde? Quando as árvores do parque são ao mesmo tempo navio para as gerações de uma família, e simples entrave que incomoda o atirador. Quando o compressor dos bombardeiros, que desaba pesadamente sobre as cidades, fez soçobrar um povo inteiro ao longo das estradas, como um suco escuro. Quando a França mostra a desordem sórdida de um formigueiro estripado. Quando se luta, não contra um adversário palpável, mas contra os pedais que congelam, manetes que emperram, parafusos que saltam…

— O senhor pode descer?

Eu posso descer. Descerei. Irei a Arras a baixa altitude. Tenho mil anos de civilização atrás de mim para me ajudar. Mas eles não me ajudam. Não é hora, sem dúvida, de recompensas.

* * *

A oitocentos quilômetros por hora e a três mil quinhentas e trinta rotações por minuto, eu perco a altitude.

Deixei, ao virar, um sol polar exageradamente vermelho. À minha frente, a cinco ou seis quilômetros abaixo de mim, vejo uma banquisa de nuvens de fronte retilínea. Toda uma parte da França está enterrada sob sua sombra. Arras está sob sua sombra. Imagino que abaixo de minha banquisa tudo esteja enegrecido. Trata-se do bojo de uma grande sopeira onde borbulha a guerra. Engarrafamento de estradas, incêndios, materiais dispersos, vilas esmagadas, bagunça, imensa bagunça… Eles se agitam no absurdo, sob sua nuvem, como lesmas sob pedras.

Essa derrocada parece uma ruína. Precisaremos patinar na lama. Voltamos a uma espécie de barbárie degradante. Tudo se decompõe lá embaixo! Somos semelhantes a ricos viajantes que, tendo vivido muito tempo em países de coral e palmeiras, voltam, uma vez arruinados, a compartilhar, na mediocridade natal, pratos gordurosos de uma família avarenta, a acidez das querelas intestinas, os inspetores, a má consciência das preocupações financeiras, as falsas esperanças, os despejos humilhantes, as arrogâncias do pensioneiro, a miséria e a morte fétida no hospital. A morte aqui, ao menos, é limpa! Uma morte de gelo e de fogo. De sol, de céu, de gelo e de fogo. Mas, lá embaixo, essa digestão do barro!

---

* “*Je suis de mon enfance comme d’un pays*” é uma das frases mais célebres de Saint-Exupéry, sobretudo porque tem uma ampla relação com *O pequeno príncipe*. De fato, Saint-Ex faz da infância uma espécie de “território”, uma região que, justamente nesta obra, ele visita ou na qual se refugia. A palavra “país” estabeleceria, em português, uma “fronteira” específica a tal domínio. Até poderíamos dizer “Sou da minha infância como de um domínio”, mas entendo que se afaste excessivamente do original. Fiz

a mesma escolha no *Pequeno* quando ele diz “*pays des larmes*”. Mas não é uma tradução única neste caso, poderia haver outras. (N. T.)

XV

— Para o sul, Capitão. Melhor liquidar nossa altitude em zona francesa!

Olhando essas estradas escuras, que já consigo observar, entendo a paz. Na paz, tudo é bem encerrado em si mesmo. À noite, os camponeses voltam à vila. Nos sótãos, guardam os grãos. E organizam a roupa passada nos armários. Nas horas de paz, sabe-se encontrar cada objeto. Sabe-se encontrar cada amigo. Sabemos onde iremos dormir à noite. Ah! A paz morre quando os planos se deterioram, quando não se tem mais lugar no mundo, quando não se sabe mais encontrar quem se ama, quando o marido que foi ao mar não retornou.

A paz é leitura de um rosto que se mostra através das coisas, quando estas receberam seu sentido e seu lugar. Quando fazem parte de algo maior do que elas, como os minerais aleatórios na terra que se amalgamaram na árvore.

Mas aí está a guerra.

Sobrevoo então estradas enegrecidas pelo interminável xarope que nunca acaba de escorrer. Dizem que estão evacuando as populações. Já não é mais verdade. Elas é que evacuam por si mesmas. Há um contágio demente nesse êxodo. Pois, aonde vão esses errantes? Eles se põem em marcha para o sul, como se lá houvesse alojamentos e alimentos, como se lá houvesse ternuras para acolhê-los. Mas não há, no sul, senão cidades abarrotadas a ponto de estourar, onde se dorme em

galpões e cujas provisões se esgotam. Onde os mais generosos se tornam pouco a pouco agressivos por causa do absurdo dessa invasão que, pouco a pouco, com a lentidão de um rio de lama, os engole. Uma única província não basta para alojar nem nutrir a França!

Aonde eles vão? Não sabem! Andam em direção a escalas fantasmas, pois mal essa caravana aborda um oásis, não há mais oásis. Cada oásis desmorona, por sua vez, e por sua vez dispersa-se na caravana. E se a caravana aborda uma verdadeira vila que finge ainda viver, esgota, já na primeira noite, toda a sua substância. A caravana a limpa como vermes limpam um osso.

O inimigo avança mais rápido do que o êxodo. Blindados, em alguns pontos, atravessam um rio que, então, empasta-se e reflui. Há divisões alemãs que patinam nesse lamaçal, e vemos o surpreendente paradoxo que em alguns pontos os mesmos, que matavam alhures, dão de beber.

Nós nos acantonamos, durante a retirada, numa dezena de vilas contíguas. Nós submergimos na turba lenta que lentamente atravessava essas vilas:

— Aonde vocês vão?

— A gente não sabe.

Eles nunca sabiam de nada. Ninguém sabia de nada. Mais nenhum refúgio estava disponível. Mais nenhuma estrada era praticável. Eles evacuavam ainda assim. No norte haviam dado um grande pontapé no formigueiro e as formigas estavam indo embora. Laboriosamente. Sem pânico. Sem esperança. Sem desespero. Como por dever.

— Quem lhes deu ordem de evacuar?

Era sempre o prefeito, o professor primário ou o adjunto do prefeito. A palavra de ordem, numa manhã, perto das três horas, havia de repente sacudido a vila:

— Evacuem.

Eles esperavam por isso. Há quinze dias, viam passar refugiados, renunciavam a crer na eternidade de suas

casas. O homem, entretanto, há muito tempo, havia deixado de ser nômade. Ele construía vilas, que duravam séculos. Encerava móveis que serviam aos bisnetos. A casa familiar o recebia em seu nascimento e o transportava até sua morte, pois, como um bom navio, de uma margem à outra, ela fazia, por sua vez, passar seus filhos. Mas chega de morar! Iam embora sem nem mesmo saber por quê!

XVI

É pesada a nossa experiência de estrada! Às vezes, temos por missão dar uma olhada, numa mesma manhã, sobre a Alsácia, a Bélgica, a Holanda, o norte da França e o mar. Mas a maior parte dos nossos problemas é terrestre e nosso horizonte, mais frequentemente, encolhe até se limitar ao engarrafamento de um cruzamento! Assim, faz três dias somente que vimos ruir, Dutertre e eu, a vila em que morávamos.

Eu nunca me livrarei, provavelmente, dessa lembrança viscosa. Dutertre e eu, por volta das seis horas da manhã, deparamos, saindo de nossa casa, com uma desordem inexprimível. Todas as garagens, todos os galpões, todos os celeiros vomitaram nas ruas estreitas as engenhocas mais disparatadas, os carros novos e as velhas carroças que havia cinquenta anos dormiam, obsoletas, na poeira, as charretes de feno e os caminhões, os ônibus e os basculantes. Daria para encontrar, nessa feira, procurando-se bem, até diligências! Tudo quanto era caçamba sobre rodas foi exumada. Dentro delas despejam os tesouros das casas. Esses são carregados para os carros em trouxas perfuradas de hérnias, amontoados de qualquer jeito. E já não se parecem com mais nada.

Eles compunham o perfil da casa. Eram os objetos de um culto de religiões particulares. Cada um no seu lugar, tornados necessários pelos hábitos, embelezados pelas lembranças, valiam pela pátria íntima para cuja fundação contribuíam. Mas os julgaram preciosos por si mesmos, os arrancaram de sua lareira, de sua mesa, de sua

parede, os empilharam confusamente, e já não passam de objetos de bazar que demonstram seu desgaste. As relíquias piedosas, se as empilharmos, enojam!

Alguma coisa já se decompõe diante de nós.

— Vocês estão loucos, aqui! O que está acontecendo?

A dona do café aonde nós vamos dá de ombros: evacuamos.

— Por quê? Meu Deus!

— A gente não sabe. O prefeito disse.

Ela está muito ocupada. Precipita-se pela escadaria. Nós contemplamos a rua, Dutertre e eu. A bordo dos caminhões, dos carros, carroças, charretes de banco, é uma mistura de crianças, colchões e utensílios de cozinha.

Os carros velhos, principalmente, estão lastimáveis.

Um cavalo em bom estado entre as padiolas de uma charrete dá uma sensação de saúde. Um cavalo não exige peças de reposição. Uma charrete se conserta com três pregos. Mas todos esses vestígios de uma era mecânica! Esses conjuntos de pistões, válvulas, bobinas e engrenagens, até quando vão funcionar?

— Capitão, o senhor poderia me ajudar?

— Claro. Com o quê?

— A tirar meu carro da garagem…

Eu a olho, estupefato:

— A senhora não sabe dirigir?

— Oh! Na estrada, vai dar. É mais fácil…

Estão ela, a cunhada e as sete crianças…

Na estrada! Na estrada ela avançará vinte quilômetros por dia em etapas de duzentos metros! A cada duzentos metros, terá de frear, parar, desengatar, engatar, mudar de marcha na confusão de um engarrafamento inextricável. Ela vai quebrar tudo! E a gasolina, que vai faltar! E o óleo! E a água que ela vai esquecer:

— Cuidado com a água. Seu radiador está vazando feito uma peneira!

— Ah! O carro não é novo...

— A senhora precisaria andar oito dias... Como vai conseguir?

— Não sei...

A menos de dez quilômetros daqui, ela terá já abalroado três carros, arranhado a embreagem, furado os pneus. Então ela, a cunhada e as sete crianças começarão a chorar. Então ela, a cunhada e as sete crianças, submetidas a problemas acima de suas forças, renunciarão a decidir sobre o que quer que seja e vão sentar-se à margem da estrada para esperar um pastor. Mas os pastores... Faltam pastores, barbaramente! Nós assistimos, Dutertre e eu, a iniciativas de carneiros. E esses carneiros se vão numa balbúrdia formidável de material mecânico. Três mil pistões. Seis mil válvulas. Todo esse material range, raspa e bate. A água ferve em alguns radiadores. É assim que começa a andar, laboriosamente, essa caravana condenada! Essa caravana sem peças de reposição, sem pneus e sem gasolina, sem mecânicos. Que demência!

— A senhora não poderia ficar em casa?

— Ah! Bem que a gente preferia ficar em casa!

— Então por que partir?

— Disseram...

— Quem disse?

— O prefeito.

Sempre o prefeito.

— Claro. Todo mundo preferia ficar em casa.

Exato. Nós não respiramos aqui uma atmosfera de pânico, mas uma atmosfera de fardo cego. Dutertre e eu aproveitamos para sacudir uns e outros:

— É melhor o senhor desembarcar tudo isso. O senhor ao menos beberá a água das fontes.

— Certeza que faríamos melhor.

— Mas vocês são livres.

Ganhamos a partida. Um grupo se formou. Escutam-nos. Balançam a cabeça em aprovação.

— Tem razão, o Capitão!

Discípulos repercutem o que digo. Converti um acantonado que se mostra mais ardente do que eu:

— Eu sempre falei! Chegando na estrada, vamos comer pedra.

Eles conversam. Estão de acordo. Ficarão. Alguns se afastam para pregar aos outros. Mas voltam desencorajados:

— Não adianta. Somos obrigados a partir também.

— Por quê?

— O padeiro foi embora. Quem vai fazer o pão?

A cidade já debandou. Furou aqui e acolá. Tudo vai correr pelo mesmo buraco. Sem esperanças.

Dutertre tem sua ideia:

— O drama é que fizeram os homens acreditar que a guerra era anormal. Antigamente, ficavam em casa. A guerra e a vida se misturavam...

A dona do café reaparece. Ela arrasta um saco.

— Vamos decolar em uma hora. A senhora tem um pouco de café?

— Ah! Pobres moços...

Ela enxuga os olhos. Ah! Ela não chora por nós. Nem por si mesma. Ela já chora de esgotamento. Ela já se sente tragada pela penúria de uma caravana que, a cada quilômetro, desmoronará um pouco mais.

Mais longe, no acaso dos campos, de tempos em tempos, caças inimigos voando baixo lançarão uma rajada de metralhadoras sobre esse lamentável rebanho. O mais surpreendente, porém, é que, normalmente, eles não insistem. Alguns carros ardem, mas pouco. E poucos mortos. É uma espécie de luxo, alguma coisa como um conselho. Ou o gesto de um cão que morde a canela para acelerar o rebanho. Aqui, é para semear a desordem. Mas então, por que essas ações locais, esporádicas, de

pouco efeito? O inimigo faz pouco esforço para dispersar a caravana. É verdade que esta não precisa dele para desmoronar. A máquina desregula-se espontaneamente. A máquina é concebida para uma sociedade tranquila, calma, que dispõe de todo o seu tempo. A máquina, quando o homem não está mais ali para remendar, regular, lubrificar, envelhece num ritmo vertiginoso. Esses carros, esta noite, parecerão ter mil anos.

Parece-me assistir à agonia da máquina.

Aquele ali toca seu cavalo com a majestade de um rei. Entroniza-se, deslumbrado, em seu banco. Suponho, aliás, que ele tenha tomado um trago:

— O senhor parece contente!

— É o fim do mundo!

Sinto um surdo mal-estar ao pensar que todos esses trabalhadores, todas essas pessoas humildes, de funções tão bem definidas, qualidades tão diversas e tão preciosas, não passarão, esta noite, de parasitas e vermes.

Vão espalhar-se nos campos e devorá-los.

— Quem vai alimentá-los?

— A gente não sabe…

Como abastecer os milhões de emigrantes perdidos ao longo das estradas, onde se anda de cinco a vinte quilômetros por dia? Se houvesse abastecimento, seria impossível encaminhá-lo!

Essa mistura de humanidade e sucata me faz lembrar o deserto da Líbia. Morávamos, Prévot e eu, numa paisagem inabitável, vestida de pedras escuras que brilhavam ao sol, uma paisagem recoberta por uma casca de ferro.

E considero esse espetáculo com uma espécie de desespero: uma nuvem de gafanhotos que cai no macadame vive muito tempo?

— E vocês vão esperar que chova para beber?

— A gente não sabe…

Sua cidadezinha, havia dez dias, era incansavelmente atravessada por refugiados do norte. Eles assistiram, durante dez dias, àquele inesgotável êxodo. Chegou a vez deles. Tomam seus lugares na procissão. Oh! Sem confiança:

— Eu preferia morrer em casa.

— Todos preferíamos morrer em casa.

E é exato. A vila inteira desmorona como um castelo de areia, quando ninguém desejava partir.

Se a França possuísse reservas, o encaminhamento dessas reservas seria radicalmente impedido pelo engarrafamento das estradas. É possível, a rigor, apesar dos carros quebrados, carros imbricados uns nos outros, nos inextricáveis cruzamentos, descer com o fluxo, mas como trazê-lo de volta?

— Não há reservas — diz-me Dutertre —, o que resolve tudo…

Corre o boato de que, desde ontem, o governo proibiu as evacuações de vilas. Mas sabe Deus como as ordens se propagam, pois não há mais circulação possível na estrada. Quanto às linhas telefônicas, estão congestionadas, cortadas ou sob suspeita. E não se trata de dar ordens. Trata-se de reinventar uma moral. Ensina-se aos homens, há mil anos, que mulheres e crianças devem ser poupadas da guerra. A guerra diz respeito aos homens. Os prefeitos conhecem bem essa lei, e seus adjuntos, e os professores. Bruscamente, eles recebem ordem de proibir as evacuações, isto é, de obrigar mulheres e crianças a permanecerem sob os bombardeios. Precisariam de um mês para reajustar a consciência a esses novos tempos. Não se derruba de uma só vez todo um sistema de pensamento. Todavia, o inimigo avança. Assim, os prefeitos, seus adjuntos, os professores soltam seu povo na grande estrada. O que é

preciso fazer? Onde está a verdade? E lá se vão esses carneiros sem pastor.

— Não tem um médico aqui?
— O senhor não é da vila?
— Não. A gente vem mais do norte.
— Para que um médico?
— É que a minha mulher vai parir na carroça…

Entre os utensílios de cozinha, no deserto daquela sucata universal, como sobre um espinheiro.

— O senhor não tinha como prever isto!
— Faz quatro dias que estamos na estrada.

Pois a estrada é um rio imperioso. Onde parar? As vilas que ele varre, umas após as outras, esvaziam-se de si mesmas, como se desembocassem, por sua vez, no esgoto comum.

— Não, não tem médico. O do Grupo está a vinte quilômetros.
— Ah! Bom!

O homem enxuga o rosto. Tudo se deteriora. Sua mulher dá à luz no meio da rua, entre utensílios de cozinha. Nada disso é cruel. É, primeiro, antes de tudo, monstruosamente fora do humano. Ninguém se lamenta, as lamentações não têm mais significado. A mulher dele vai morrer, ele não lamenta. É assim. Trata-se de um sonho ruim.

— Se, ao menos, a gente pudesse parar em algum lugar…

Achar em algum lugar uma verdadeira vila, uma verdadeira pousada, um verdadeiro hospital… Mas evacuam também os hospitais, sabe Deus por quê! É uma regra do jogo. Não se tem tempo de reinventar as regras. Achar em algum lugar uma morte verdadeira! Mas não há mais morte verdadeira. Há corpos que se deterioram, como os automóveis.

E sinto em todo lugar uma urgência decrépita, uma urgência que renunciou à urgência. Foge-se à razão de cinco quilômetros por dia, de tanques que avançam, através dos campos, mais de cem quilômetros, e de aviões que se deslocam a seiscentos quilômetros por hora. Assim se derrama o xarope quando se derruba a garrafa. A mulher desse aí vai parir, mas ele dispõe de um tempo desmesurado. É urgente. E não é mais. Está suspenso em equilíbrio instável entre a urgência e a eternidade.

Tudo se fez lento como os reflexos de um agonizante. Trata-se de um imenso rebanho que patina, exausto, diante do abatedouro. São eles cinco, dez milhões abandonados na rua? É um povo que patina de cansaço, de tédio, na soleira da eternidade.

E, verdadeiramente, não consigo conceber como eles vão se arranjar para sobreviver. O homem não se nutre de galhos de árvore. Eles mesmos se perguntam vagamente, mas pouco se assustam. Arrancados de seu contexto, de seu trabalho, de seus deveres, perderam todo o significado. Sua própria identidade desgastou-se. São muito pouco eles mesmos. Existem muito pouco. Inventar-se-ão mais tarde seus sofrimentos, mas sofrem principalmente com as costas mortificadas pelo excesso de pacotes a carregar, pelo excesso de nós que se romperam deixando que as trouxas esvaziem suas tripas, pelo excesso de carros a empurrar e fazer pegar. Nenhuma palavra sobre a derrota. Isso é evidente. Você não sente necessidade de comentar o que constitui sua própria substância. Eles “são” a derrota.

Tenho a súbita visão, aguda, de uma França que perde as entranhas. Seria preciso suturar rápido. Não há um segundo a perder: eles estão condenados…

Começa. Ei-los asfixiados já, como peixes fora d’água.

— Não tem leite aqui?

É uma pergunta de morrer de rir!

— Meu bebê não tomou nada desde ontem…

Trata-se de um lactente de seis meses que ainda faz muito barulho. Mas esse barulho não vai durar: os peixes, fora d’água… Aqui não tem leite. Aqui, só tem sucata. Aqui, apenas uma enorme sucata inútil que, deteriorando-se a cada quilômetro, perdendo porcas, parafusos, latarias, carrega esse povo, num êxodo prodigiosamente inútil, para o nada.

Espalha-se o boato de que os aviões estão metralhando a estrada a alguns quilômetros ao sul. Fala-se até de bombas. Ouvimos, de fato, explosões surdas. O boato é, sem dúvida, verdadeiro.

Mas a horda não freia. Ela me parece até vivificada. Esse risco total lhe parece mais benfazejo do que o afundamento na sucata.

Ah! O esquema que construirão mais tarde os historiadores! Os gráficos que inventarão para dar um significado a esse mingau! Tomarão a palavra de um ministro, a decisão de um general, a discussão de uma comissão, e farão, desse desfile de fantasmas, conversas históricas com responsabilidades e visões longínquas. Eles inventarão aceitações, resistências, pleitos cornelianos, covardias. Eu bem sei o que é um ministério evacuado. O acaso me permitiu visitar um ou dois. Logo entendi que um governo, uma vez que tenha mudado de lugar, não constitui mais um governo. É como um corpo. Se você começar a mudar também o estômago aqui, o fígado ali, as tripas acolá — essa coleção não constitui mais um organismo. Vivi vinte minutos no Ministério da Aeronáutica. Pois bem, um ministro exerce uma ação sobre um oficial. Uma ação miraculosa. Porque um fio de campainha liga ainda o ministro ao oficial. Um fio de campainha intacto. O ministro aperta o botão e o oficial vem.

Isso é um êxito.

— Meu carro, pede o ministro.

Sua autoridade para aí. Ele manda o oficial fazer o exercício. Mas o oficial ignora se existe na terra um automóvel de ministro. Nenhum fio elétrico liga o oficial a nenhum chofer de automóvel. O chofer está perdido em algum lugar do universo. O que podem saber da guerra aqueles que governam? Para nós seriam necessários oito dias, de tão impossíveis que são as ligações, para desencadear um bombardeio sobre uma divisão blindada que encontrássemos. Que boato um governo pode receber desse país que se estripa? As notícias avançam num ritmo de vinte quilômetros por dia. Os telefones estão sobrecarregados ou quebrados, e não têm o poder de transmitir, com a real densidade, o Ser que por enquanto se decompõe. O governo está imerso no vazio: um vazio polar. De tempos em tempos lhe chegam chamados de desesperada urgência, mas abstratos, reduzidos a três linhas. Como os responsáveis saberiam se dez milhões de franceses já não morreram de fome? E esse apelo de dez milhões de homens cabe numa frase. É preciso uma frase para dizer:

— Reunião às quatro horas na casa de X.

Ou:

— Dizem que dez milhões de homens morreram.

Ou:

— Blois está em chamas.

Ou:

— Encontramos seu chofer.

Tudo isso no mesmo plano. Na hora. Dez milhões de homens. O carro. O exército do Leste. A civilização ocidental. Encontramos o chofer. A Inglaterra. O pão. Que horas são?

Eu lhe dou sete letras. São sete letras da Bíblia. Reconstitua-me a Bíblia com isso!

Os historiadores esquecerão o real. Eles inventarão seres pensantes, ligados por fibras misteriosas a um universo exprimível, dispondo de sólidas visões de conjunto, e pensando decisões graves segundo as quatro regras da lógica cartesiana. Eles distinguirão as potências do bem das potências do mal. Os heróis dos traidores. Mas eu farei uma simples pergunta:

— É preciso, para trair, ser responsável por alguma coisa, gerir alguma coisa, agir sobre alguma coisa, conhecer alguma coisa. É dar hoje prova de talento. Por que não se condecoram os traidores?

Já a paz se mostra um pouco em toda parte. Não é uma dessas pazes bem delineadas, que sucedem, como etapas novas da História, as guerras claramente concluídas por tratado. Trata-se de um período sem nome, que é o fim de todas as coisas. Um fim que não acabará de findar. Trata-se de um pântano onde chafurda pouco a pouco todo impulso. Não se sente a aproximação de uma conclusão boa ou má. Muito ao contrário. Entra-se pouco a pouco no apodrecimento de um provisório que parece a eternidade. Nada se concluirá, pois não há mais por onde se segurar este país, como se seguraria uma afogada pelo cabelo. Tudo está desfeito. E o esforço mais patético só traz uma mecha de cabelo. A paz que vem não é fruto de uma decisão tomada pelo homem. Ela espalha-se como lepra.

Aí, abaixo de mim, nessas estradas em que a caravana se deteriora, onde os blindados alemães matam ou dão de beber, é como naqueles territórios lodosos onde terra e água se confundem. A paz, que já se mistura à guerra, apodrece a guerra. Um de meus amigos, Léon Werth, ouviu na estrada uma enorme revelação, que narrará num grande livro. À esquerda da estrada estão os alemães, à direita, os franceses. Entre ambos, o turbilhão

lento do êxodo. Centenas de mulheres e crianças que se livram, como podem, de seus carros em chamas. E, como um tenente de artilharia que se encontra, sem querer, preso no engarrafamento, tenta colocar na bateria uma peça de setenta e cinco, contra a qual o inimigo atira — e como o inimigo erra a peça, mas arrebenta a estrada, mães vão a esse tenente que, molhado de suor, obstinado por seu incompreensível dever, tenta salvar uma posição que não aguentará vinte minutos (eles são aqui doze homens!).

— Vão embora! Vão embora! Vocês são covardes!

O tenente e os homens se vão. Em todo lugar deparam com esses problemas de paz. É preciso, com certeza, que os pequenos não sejam massacrados na estrada. Entretanto, cada soldado que atira deve atirar nas costas de uma criança. Cada caminhão que avança, ou tenta avançar, arrisca condenar um povo. Pois, avançando contra a corrente, congestiona inexoravelmente uma estrada inteira.

— ... vocês são loucos! Deixem-nos passar! As crianças estão morrendo!

— Nós fazemos a guerra...

— Que guerra? Onde vocês estão fazendo guerra? Em três dias, nessa direção, vocês avançarão seis quilômetros!

São alguns soldados perdidos em seu caminhão, em marcha para um encontro que, há horas, sem dúvida, não tem mais objeto. Mas eles estão enfiados em seu dever elementar.

— Fazemos a guerra.

— Fariam melhor se nos recolhessem! É desumano!

Uma criança berra.

— E aquela?

Aquela não grita mais. Não tem leite, não tem gritos...

— Nós fazemos a guerra.

Eles repetem sua fórmula com uma estupidez desesperada.

— Mas vocês não vão achar nunca essa guerra! Vão morrer aqui conosco!

— Fazemos a guerra…

Eles não sabem mais muito bem o que dizem.

Eles não sabem mais muito bem se fazem a guerra. Nunca viram o inimigo. Andam de caminhão para alvos mais fugidios que miragens. Não encontram senão essa paz de maceração.

Como a desordem aglutinou tudo, eles desceram do caminhão. Cercam-nos. Vocês têm água? Eles compartilham então sua água.

— Pão?

Eles partilham seu pão.

— Vão deixá-la morrer?

Naquele carro quebrado num buraco, há uma mulher que geme.

Tiram-na. Enfiam-na dentro do caminhão.

— E essa criança?

Colocam também a criança no caminhão.

— E aquela ali que vai parir?

Enfiam aquela ali.

Depois, aquela outra, porque está chorando.

Depois de uma hora de esforços, desencalharam o caminhão. Viraram-no para o sul. Como bloco errático, ele seguirá, arrastado pelo rio de civis. Os soldados foram convertidos à paz. Porque não encontravam a guerra.

Porque a musculatura da guerra é invisível. Porque o golpe que se dá, é uma criança que recebe. Porque no encontro da guerra, alvejam mulheres em trabalho de parto. Porque é tão inútil pretender comunicar uma informação ou receber uma ordem quanto entabular uma discussão com Sirius. Não há mais Exército. Só restam homens.

Eles estão convertidos à paz. São encarregados pela força das coisas como mecânicos, médicos, guardadores de rebanho, padioleiros. Eles consertam os carros daquela pobre gente que não sabe tratar sua sucata. E esses soldados ignoram, no esforço que fazem, se são heróis, ou se estão passíveis do conselho de guerra. Eles não se surpreenderiam muito se fossem condecorados. Nem de serem alinhados contra uma parede com doze balas no crânio. Nem de serem desmobilizados. Nada os surpreenderia. Eles já ultrapassaram há muito os limites do espanto.

Há um imenso mingau onde nenhuma ordem, nenhum movimento, nenhuma novidade, nenhuma onda do que quer que seja jamais se propagará por mais de três quilômetros. E, assim como as vilas desembocam umas após as outras no esgoto comum, esses caminhões militares absorvidos pela paz convertem-se um a um à paz. Esses punhados de homens que teriam perfeitamente aceitado a morte, mas não se coloca a eles o problema de morrer, aceitam os deveres que encontram e consertam essa padiola feita de carrinho de mão, onde três religiosas empilharam sabe Deus por qual peregrinação, para Deus sabe qual refúgio de conto de fadas, doze crianças ameaçadas de morte.

Assim como Alias, quando recolocava no coldre o seu revólver, não julgarei os soldados que renunciam. Qual sopro os animaria? De onde vem a onda que os atingiria? Onde está o rosto que os uniria? Eles não sabem nada do resto do mundo, senão por esses boatos sempre dementes que, germinados na estrada a três ou quatro quilômetros, sob a forma de hipóteses bizarras, tomaram, propagando-se lentamente através desses três quilômetros de lama, um caráter de afirmação: “Os Estados Unidos entraram na guerra. O papa se suicidou.

Os aviões russos incendiaram Berlim. O Armistício foi assinado há oito dias. Hitler desembarcou na Inglaterra”.

Não há pastor para as mulheres ou as crianças, tampouco para os homens. O general aborda seu ordenança. O ministro aborda seu oficial. E talvez ele possa, com sua eloquência, transfigurá-lo. Alias aborda seus tripulantes. E ele pode obter deles o sacrifício de suas vidas. O sargento do caminhão militar aborda os doze homens que dependem dele. Mas é impossível unir-se a qualquer outra coisa. Supondo-se que um chefe genial, capaz, pelo milagre de uma olhada sobre o conjunto, conceba um plano suscetível de salvar-nos, esse chefe não disporá, para manifestar-se, senão de um fio de campainha de vinte metros. E, como massa de manobra para vencer, disporá do oficial, se ainda subsistir um oficial na outra ponta do fio.

Quando vão ao acaso das estradas, esses soldados esparsos que fazem parte de unidades deslocadas, esses homens que são apenas desempregados de guerra, eles não mostram aquele desespero que se empresta ao vencido patriota. Eles desejam confusamente a paz, é certo. Mas a paz, a seus olhos, não representa nada além do termo dessa inominável bagunça e o retorno a uma identidade, a mais humilde que seja. Um velho sapateiro sonha que martelava pregos. E martelando pregos, forjava o mundo.

E se eles seguem em frente, é pelo efeito da incoerência geral que os separa uns dos outros, e não pelo horror da morte. Eles não têm horror de nada: estão vazios.

XVII

Há uma lei fundamental: não se transformam, de pronto, vencidos em vencedores. Quando se fala de um exército que primeiro recua, depois resiste, trata-se apenas de um atalho de linguagem, pois as tropas que recuaram e as que agora travam batalha não são as mesmas. O exército que recuava não era mais um exército. Não que aqueles homens fossem indignos de vencer, mas porque um recuo destrói todos os laços e materiais espirituais que uniam os homens entre si. Essa massa de soldados que se deixa filtrar para trás é substituída por novos reservas que tenham caráter de organismo. São eles que bloqueiam o inimigo. Quanto aos desertores, são recolhidos para serem novamente moldados em forma de exército. Se não houver reservas a pôr em ação, o primeiro recuo será irreparável.

Somente a vitória une. A derrota não apenas separa o homem dos homens, mas também o separa de si mesmo. Se os desertores não choram pela França que desmorona, é porque foram vencidos. É porque a França está derrotada, não à volta deles, mas neles mesmos. Chorar pela França já faria ser vencedor.

A quase todos, aos que resistem ainda como aos que não resistem mais, a face da França vencida só se mostrará mais tarde, nas horas de silêncio. Cada um desgasta-se hoje contra um detalhe vulgar que se revolta ou arruína, contra um caminhão quebrado, contra uma estrada engarrafada, contra um manete de gás que

emperra, contra o absurdo de uma missão. O sinal de desmoronamento é que a missão se mostre absurda. É que se mostre absurdo o próprio ato que se opõe a esse desmoronamento. Pois tudo se divide de si mesmo. Não choramos pelo desastre universal, mas pelo objeto por que somos responsáveis — único tangível — e que se deteriora. A França que desmorona não passa de um dilúvio de pedaços dentre os quais nenhum mostra a face, nem essa missão, nem esse caminhão, nem essa estrada, nem essa porcaria de manete de gás.

Decerto, uma derrocada é um triste espetáculo. Os saqueadores se revelam saqueadores. Os homens baixos se mostram baixos. As instituições se despedaçam. As tropas, mortificadas de desgosto e de cansaço, decompõem-se no absurdo. Uma derrota implica todos esses efeitos, como a peste implica o bulbo. Mas aquela que você amava, se um caminhão esmagá-la, você criticará sua fealdade?

Essa aparência de culpados é a injustiça da derrota que empresta às vítimas. Como a derrota mostraria os sacrifícios, as austeridades no dever, os rigores para consigo, as vigilâncias que o deus que decide a sorte dos combates não levou em consideração? Como mostraria o amor? A derrota mostra o chefe sem poder, os homens no vácuo, as multidões passivas. Houve verdadeira carência, mas, essa própria carência, o que significa? Bastava que corresse a notícia de uma reviravolta russa ou de uma intervenção americana para transfigurar os homens. Para uni-los numa esperança comum. Tal boato sempre purificava tudo, como um pé de vento no mar. Não se deve julgar a França pelos efeitos do esmagamento.

É preciso julgar a França pelo seu consentimento ao sacrifício. A França aceitou a guerra contra a verdade dos lógicos. Eles nos diziam: “Há oitenta milhões de alemães... Nós não conseguimos fazer, num ano, os

quarenta milhões de franceses que nos faltam. Não podemos mudar nossa terra de trigo em terra de carvão. Não podemos esperar assistência dos Estados Unidos. Por que os alemães, reclamando Dantzig, nos imporiam o dever, não de salvar Dantzig, o que é impossível, mas de nos suicidarmos para evitar a vergonha? Que vergonha há em possuir uma terra que dá mais trigo do que máquinas, e em ser um contra dois? Por que a vergonha pesaria sobre nós, e não sobre o mundo?". Eles tinham razão. Guerra, para nós, significava desastre. Mas seria preciso que a França, para safar-se de uma derrota, recusasse a guerra? Não creio. A França, por instinto, assim pensava, pois tais avisos não a demoveram dessa guerra. O Espírito, em nosso país, dominou a inteligência.

A vida sempre derruba as fórmulas. A derrota pode se revelar o único caminho para a ressurreição, apesar de suas fealdades. Eu bem sei que para criar a árvore se condena um grão a apodrecer. Se o primeiro ato de resistência sobrevier tarde demais, sempre será perdedor. Mas é o despertar da resistência. Uma árvore talvez saia deles como de uma semente.

A França desempenhou seu papel. Este consistia em propor-se ao esmagamento, já que o mundo arbitrava sem colaborar nem combater; e a ver-se sepultar por um tempo no silêncio. Quando se toma de assalto, há necessariamente homens à frente. Estes quase sempre morrem. Mas é preciso, para que aconteça o assalto, que os primeiros morram.

O papel é o daquele que prevaleceu, visto que aceitamos, sem ilusão, opor um soldado a três soldados, e nossos agricultores a operários. Recuso-me ser julgado pelas fealdades da derrocada. Quem aceita ser queimado em voo será julgado por suas excrescências? Ele também se tornará feio.

XVIII

Nada impede que essa guerra, afora o sentido espiritual que a tornava necessária para nós, nos tenha aparecido, na prática, como uma guerra de mentira. A palavra nunca me envergonhou. Mal declaramos guerra, começávamos a esperar, por estarmos sem condições de atacar, e já quiseram nos aniquilar.

Feito.

Dispúnhamos de germes de trigo para vencer tanques. Os germes de trigo de nada adiantaram. E hoje, o aniquilamento está consumado. Não há mais nem exército, nem reservas, nem ligações, nem material.

No entanto, prossigo meu voo com uma seriedade imperturbável. Mergulho em direção ao exército alemão a oitocentos quilômetros por hora e a três mil e quinhentas rotações por minuto. Para quê? Olha! Para assustá-lo! Para que ele evacue o território! Já que as informações desejadas de nós são inúteis, essa missão não pode ter outro objetivo.

Guerra de mentira.

Estou exagerando, aliás. Perdi muita altitude. Os comandos e os manetes descongelaram. Eu retomei, nos pedais, minha velocidade normal. Avanço sobre o exército alemão a quinhentos e trinta quilômetros por hora somente, e a duas mil e duzentas rotações por minuto. É uma pena. Eu lhe darei muito menos medo.

Vão nos recriminar por chamar esta guerra uma guerra de mentira!

Somos nós que chamamos esta guerra de “guerra de mentira”! Pior ainda é achá-la “engraçada”. Temos o

direito de brincar como queremos, porque todos os sacrifícios são por nossa conta. Eu tenho o direito de brincar com a minha morte, se a brincadeira me agrada. Dutertre também. Tenho o direito de saborear os paradoxos. Pois, por que as vilas ainda estão queimando? Por que essa população está jogada em massa na calçada? Por que nós avançamos com uma convicção inabalável para um abatedouro automático?

Tenho todos os direitos, pois, neste segundo, bem sei o que estou fazendo. Aceito a morte. Não é o risco que aceito. Não é o combate que aceito. É a morte. Aprendi uma grande verdade. A guerra não é a aceitação do risco. Não é a aceitação do combate. É, em alguns momentos, para o combatente, a aceitação pura e simples da morte.

Esses dias, quando a opinião estrangeira julgava insuficientes nossos sacrifícios, eu me perguntei, olhando partir e aniquilarem-se as tripulações: “Ao que nos consagramos, quem nos paga mesmo?”.

Pois nós morremos. Pois cento e cinquenta mil franceses foram mortos em quinze dias. Esses mortos não ilustram, talvez, uma resistência extraordinária. Eu não celebro uma resistência extraordinária. Ela é impossível. Mas há contingentes de infantaria que se deixam massacrar numa fazenda indefensável. Há grupos de aviação que derretem feito cera atirada ao fogo.

Assim, nós, do Grupo 2/33, por que mesmo ainda aceitamos morrer? Pela estima do mundo? Mas a estima implica a existência de um juiz. Quem, dentre nós, atribui a quem quer que seja o direito de julgar? Lutamos em nome de uma causa que estimamos ser causa comum. A liberdade não somente da França, mas do mundo, está em jogo: consideramos confortável demais a função de

árbitro. Somos nós que julgamos os árbitros. Os do meu Grupo 2/33 julgam os árbitros. Que não nos venham dizer, a nós que partimos sem uma palavra com uma chance em três de voltar (quando a missão é fácil) — nem aos de outros grupos — nem àquele amigo cujo rosto foi desfigurado pela explosão de um obus e renunciou para sempre encantar uma mulher, privado de um direito fundamental tanto quanto se está privado atrás das grades de uma prisão, bem protegido em sua feiura, bem instalado em sua virtude, atrás da muralha de sua feiura, que não nos venham dizer que os espectadores nos julgam! Os toureiros vivem para os espectadores, nós não somos toureiros. Se afirmassem a Hochedé: “Você tem de partir porque as testemunhas o consideram”, Hochedé responderia: “Errado. Sou eu, Hochedé, que considero as testemunhas...”.

Pois, afinal, por que ainda combatemos? Pela Democracia? Se morremos pela Democracia, somos solidários às Democracias. Que elas combatam então conosco! Porém a mais poderosa, a que poderia, sozinha, salvar-nos, recusou-se ontem, e ainda se recusa. Bom. É seu direito. Mas ela então nos dá a entender que combatemos unicamente por nossos interesses. Ora, sabemos muito bem que tudo está perdido. Então por que ainda morremos?

Por desespero? Mas não há desespero! Vocês não saberão nada de uma derrota se nela esperarem descobrir desespero.

Há uma verdade maior que os enunciados da inteligência. Alguma coisa passa através de nós e nos governa, que sinto sem apreender por enquanto. Uma árvore não tem linguagem. Nós pertencemos a uma árvore. Há verdades que são evidentes, ainda que informuláveis. Não morrerei para opor-me à invasão, pois

não há abrigo onde me esconder com os que amo. Não morrerei para salvar uma honra que nego estar em jogo: recuso os juízes. Tampouco morrerei por desespero. Não obstante, Dutertre, que consulta o mapa, tendo calculado que Arras fica ali, em algum lugar a cento e setenta e cinco graus, me dirá, eu pressinto, em menos de trinta segundos:

— Vire a cento e setenta e cinco, Capitão…

E eu aceitarei.

XIX

— Cento e setenta e dois.

— Entendido. Cento e setenta e dois.

O.k., cento e setenta e dois. Epitáfio: “Manteve corretamente o rumo cento e setenta e dois na bússola”. Quanto tempo esse desafio bizarro aguentará? Navego a setecentos metros de altitude sob um teto de nuvens carregadas. Se subisse trinta metros, Dutertre já ficaria cego. É preciso ficar bem visíveis e oferecer assim ao tiro alemão um alvo para aprendizes. Setecentos metros é uma altitude proibida. Servimos de mira a toda uma planície. Atraímos os tiros de todo um exército. Somos acessíveis a todos os calibres. Permanecemos uma eternidade no campo de tiro de cada uma das armas. Não são mais tiros, são varas. É como se desafiássemos mil varas a abater uma noz.

Estudei bem o problema: paraquedas está fora de cogitação. Quando o avião avariado mergulhar em direção ao solo, demorarei mais segundos abrindo o canopi do que dura a queda. Essa abertura exige sete voltas de uma manivela resistente. Para piorar, à plena velocidade, o canopi se deforma e não corre mais.

É assim. Um dia seria preciso engolir esse remédio! O cerimonial não é complicado: manter o rumo cento e setenta e dois. Eu fiz mal de envelhecer. Pronto. Era tão feliz na infância. Digo isso, mas é verdade? Eu já andava no meu vestíbulo no rumo cento e setenta e dois. Por causa dos tios.

É agora que a infância se torna doce. Não somente a infância, mas toda a vida passada. Eu a vejo em sua

perspectiva, como um campo…

E me parece que sou um. O que sinto, sempre conheci. Minhas alegrias ou tristezas sem dúvida mudaram de objeto, mas os sentimentos permaneceram os mesmos. Eu era assim feliz ou infeliz. Punido e perdoado. Ia bem na escola. Ia mal. Dependendo dos dias…

Minha lembrança mais longínqua? Eu tinha uma governanta tirolesa que se chamava Paula.

Mas nem é uma lembrança: é a lembrança de uma lembrança. A Paula, quando eu tinha cinco anos, no meu vestíbulo, já não passava de uma lenda. Durante anos, minha mãe nos disse, na época do Ano-Novo: “Tem uma carta da Paula!”. Era uma grande alegria para nós, as crianças. No entanto, por que ficávamos felizes? Ninguém entre nós se lembrava da Paula. Ela havia retornado ao seu Tirol. Então, à sua casa tirolesa. Uma espécie de chalé-barômetro perdido na neve. E a Paula se mostrava à porta, nos dias de sol, como em todos os chalés-barômetros.

— A Paula é bonita?

— Deslumbrante.

— Faz sempre tempo bom no Tirol?

— Sempre.

Sempre fazia tempo bom no Tirol. O chalé-barômetro levava a Paula para muito longe, em seu gramado de neve. Quando aprendi a escrever, fizeram-me escrever cartas à Paula. Eu lhe dizia: “Minha cara Paula, estou muito contente em escrever-lhe…”. Era um pouco como as orações, pois eu não a conhecia…

— Cento e setenta e quatro.

— Entendido. Cento e setenta e quatro.

O.k., cento e setenta e quatro. Será preciso mudar o epitáfio. É curioso como, de repente, a vida se amontoou. Fiz minhas bagagens de lembranças. Nunca servirão para nada. Nem a ninguém. Tenho lembrança de um grande amor. Minha mãe nos dizia: “A Paula diz que manda

beijos a todos...”. E minha mãe nos beijava a todos pela Paula.

— A Paula sabe que eu cresci?

— Claro. Ela sabe.

A Paula sabia tudo.

— Capitão, eles estão atirando.

Paula, estão atirando em mim! Dou uma olhada no altímetro: seiscentos e cinquenta metros. As nuvens estão a setecentos metros. Bem. Não posso fazer nada. Mas sob minha nuvem, o mundo não é tão enegrecido como eu pressentia: é azul. Maravilhosamente azul. É a hora do crepúsculo e a planície está azul. Em alguns lugares, chove. Azul de chuva...

— Cento e sessenta... e oito.

— Entendido. Cento e sessenta... e oito.

— Tá bom, cento e sessenta e oito. O caminho para a eternidade faz muitos zigue-zagues. O mundo parece um pomar. Há pouco, ele se mostrava na aspereza de uma maquete. Tudo me parecia desumano. Mas estou voando baixo, numa espécie de intimidade. Há árvores isoladas ou agrupadas, em pequenos blocos. Nós os encontramos. E campos verdes. E casas de telhas vermelhas com alguém diante da porta. E no entorno, belos temporais azuis. A Paula, com esse tempo, sem dúvida nos recolheria rápido...

— Cento e setenta e cinco.

Meu epitáfio perde muito de sua rude nobreza: “Manteve cento e setenta e dois, cento e setenta e quatro, cento e setenta e oito, cento e setenta e cinco...”. Mais parece que sou versátil. Olha! Meu motor está falhando! Esfria. Fecho então as abas de arrefecimento do capô. Bom. Como é hora de abrir o reservatório suplementar, puxo a alavanca. Não esqueci nada? Dou uma olhada na pressão do óleo. Tudo em ordem.

— Está começando a fechar o tempo, Capitão...

— Ouviu, Paula? O tempo está começando a fechar. No entanto, não consigo deixar de me surpreender com esse azul da noite. É tão extraordinário! Essa cor é tão profunda. E essas árvores frutíferas, essas ameixeiras, talvez, que desfilam. Entrei nessa paisagem. Acabaram-se as vitrines! Sou um gatuno que pulou o muro. Ando a grandes passos numa alfafa molhada e roubo ameixas. Paula, é uma guerra de mentira. É uma guerra melancólica e toda azul. Eu me perdi um pouco. Achei esse estranho país ao envelhecer... Oh, não, eu não tenho medo. É um pouco triste e só.

— Ziguezagueie, Capitão!

Essa é uma brincadeira nova, Paula! Uma pisada à direita, outra à esquerda, a gente desvia o tiro. Quando eu caía, fazia calombos. E você me curava sem dúvida com compressas de arnica. Eu vou precisar desesperadamente de arnica. Você sabe, de todo jeito... É maravilhoso o azul da noite!

Vi, lá na frente, três disparos divergentes. Três longas hastes verticais e brilhantes. Trilhas de balas luminosas ou obuses luminosos de pequeno calibre. Estava tudo dourado e vi bruscamente, no azul da noite, jorrar o brilho desse candelabro de três hastes...

— Capitão! À esquerda, estão atirando muito forte! Incline!

Pisada funda.

— Ah, está piorando...

Talvez...

Está piorando, mas eu estou no interior das coisas. Disponho de todas as minhas lembranças e de todas as provisões que estoquei, e de todos os meus amores. Disponho de minha infância que se perde na noite como uma raiz. Comecei a vida na melancolia de uma lembrança. Fica pior, mas eu não reconheço nada em

mim do que eu pensava sentir diante desses arranhões de estrelas cadentes.

Estou numa região que me toca o coração. É o fim do dia. Há grandes aberturas de luz, entre os temporais, à esquerda, que formam pedaços de vitral. Quase apalpo, a dois passos de mim, todas as coisas que são boas. Há ameixeiras carregadas. Essa terra com cheiro de terra. Deve ser bom andar através das terras úmidas. Você sabe, Paula, avanço lentamente, balançando da direita à esquerda, como uma carroça de feno... Você acha isso rápido, um avião... Claro, se você pensar! Mas se você esquecer a máquina, se olhar, você simplesmente passeia pelo campo.

— Arras...

Sim. Muito longe lá na frente. Mas Arras não é uma cidade. Arras é apenas uma mecha vermelha no fundo azul da noite. No fundo do temporal, decididamente, da esquerda e à frente, é um famoso grão que se prepara. O crepúsculo não explica essa meia-luz. É preciso maciços de nuvens para filtrar uma luz tão sombria...

A chama de Arras aumentou. Não é uma chama de incêndio. Um incêndio se espalha como um câncer, tendo, em volta, um simples rebordo de carne viva. Mas essa mecha vermelha, alimentada permanentemente, é a de um lampião que fumega um pouco. É uma chama sem nervosismo, segura de que durará, bem instalada em sua provisão de óleo. Eu a sinto moldada numa carne compacta, quase pesada, que o vento move, às vezes, como inclinaria uma árvore. Aí está... Uma árvore. Essa árvore tomou Arras no emaranhado de suas raízes. E todos os sulcos de Arras, todas as provisões de Arras, todos os tesouros de Arras sobem, carregados de seiva, para nutrir a árvore.

Vejo essa chama, às vezes pesada demais, perder o equilíbrio à direita ou à esquerda, cuspir uma fumaça mais escura e novamente reconstruir-se. Mas ainda não

distingo a cidade. Toda a guerra se resume a esse clarão. Dutertre disse que está piorando. Ele observa, na frente, melhor do que eu. Não impede que eu seja surpreendido primeiro por uma espécie de indulgência, essa planície venenosa lança poucas estrelas.

Sim, mas... Sabe, Paula, nos contos de fada da infância, o cavaleiro andava, através de terríveis provações, em direção a um castelo misterioso e encantado. Ele escalava geleiras, atravessava precipícios, desarmava traições. Enfim, o castelo lhe aparecia, no coração de uma planície azul, macia ao galope como um gramado. Ele já se acreditava vencedor... Ah! Paula, não se desfaz uma velha experiência de contos de fada! Era sempre isso o mais difícil...

Corri assim para meu castelo de fogo, no azul da noite, como outrora... Você partiu cedo demais para conhecer nossas brincadeiras, você perdeu o “Cavaleiro Aklin”. Era uma brincadeira que inventamos, pois desprezávamos as brincadeiras dos outros. Brincávamos nos dias de grande temporal, quando, depois dos primeiros raios, sentíamos, com o cheiro das coisas e no brusco tremular das folhas, que a nuvem estava prestes a descarregar. A espessura dos galhos se transformava, então, por um instante, em espuma ruidosa e leve. Era o sinal... Nada podia nos deter!

Corríamos do fundo extremo do parque em direção à casa, ao longo dos gramados, até perder o fôlego. As primeiras gotas do temporal são pesadas e espaçadas. O primeiro atingido confessava-se vencido. Depois o segundo. Depois o terceiro. Depois os demais. O último sobrevivente se revelava assim o protegido dos deuses, o invulnerável! Tinha direito, até o próximo temporal, de chamar-se “Cavaleiro Aklin”...

Era, toda vez, por alguns segundos, uma hecatombe de crianças...

Ainda estou brincando de cavaleiro Aklin. Para meu castelo de fogo eu vou correndo longamente, até perder o fôlego…

Mas eis que:

— Ah! Capitão. Eu não tinha visto isso…

Também nunca tinha visto aquilo. Não estou mais invulnerável. Ah! Eu não sabia que tinha esperanças…

XX

Apesar dos setecentos metros, eu tinha esperança.

Apesar dos blindados estacionados, apesar da chama de Arras, eu tinha esperança. Esperava desesperadamente. Remontava na memória até minha infância para encontrar o sentimento de uma proteção soberana. Não há proteção para os homens. Uma vez homens, deixam-nos ir... Mas quem pode alguma coisa contra o menininho cuja mão a Paula todo-poderosa segura firme? Paula, usei tua sombra como um escudo...

Usei de todos os truques. Quando Dutertre me disse: "Está piorando...", usei, para manter a esperança, dessa própria ameaça. Estávamos em guerra, era preciso que a guerra se mostrasse. Ela se reduzia, mostrando-se, a alguns fachos de luz. Aí está, pois, esse famoso perigo de morte sobre Arras? "Não me façam rir..."

O condenado fizera do carrasco a imagem de um robô lívido. Apresenta-se um bravo homem qualquer, que sabe espirrar ou mesmo sorrir. O condenado se apega ao sorriso como a um caminho para a libertação... É apenas um caminho fantasma. O carrasco, ainda que espirre, cortará sua cabeça. Mas como recusar a esperança?

Como não me enganaria sobre certa acolhida, já que tudo se fazia íntimo e campestre, que luziam tão delicadamente as ardósias molhadas e as telhas, e nada mudava de um minuto a outro, nem parecia precisar mudar. Pois não passávamos, Dutertre, o artilheiro e eu, de três caminhantes através dos campos, que voltam lentamente, sem precisar abotoar mais o colarinho; verdadeiramente, quase não chovia. Pois no centro das

linhas alemãs, nada se revelava que merecesse ser contado, e não havia absolutamente razão para que, mais adiante, a guerra fosse diferente. Pois o inimigo se tinha dispersado e fundido na imensidão dos campos, à razão de um soldado, talvez, por casa, de um soldado, talvez, por árvore, entre os quais um, de tempos em tempos, lembrando-se da guerra, atirava. Tinham-lhe inculcado a ordem: “Atirarás nos aviões”. A ordem se misturava ao devaneio. Ele soltava suas três balas, sem acreditar muito. Cacei patos assim, à noite, sem me importar, bastando ser o passeio um pouco agradável. Eu atirava, falando de outra coisa: quase não os incomodava…

Vemos aqui o que queríamos ver: esse soldado mira em mim, mas sem convicção, e erra. Os outros deixam passar. Os que estão em condições de nos dar rasteiras talvez respirem, neste instante, com prazer, o odor da noite, ou acendam cigarros, ou terminem uma piada — e deixam passar. Outros, nessa vila onde se acantonam, estendem suas marmitas para a sopa. Um trovão desperta e morre. É amigo ou inimigo? Eles não têm tempo de saber, vigiam suas marmitas sendo servidas; deixam passar. E eu tento atravessar, com as mãos nos bolsos, assoviando, o mais naturalmente possível, esse jardim que é proibido aos caminhantes, mas onde cada guarda, contando com o próximo, deixa passar…

Estou tão vulnerável! Minha própria fraqueza é uma armadilha para eles: “Para que me preocupar? Vão me abater um pouco mais adiante…”. É óbvio! “Vá para o inferno…!” Eles empurram o fardo a outrem para não perder a vez na sopa, para não interromper uma piada, ou por simples gosto pela brisa noturna. Abuso assim de sua negligência, tiro minha salvação desse minuto em que a guerra os cansa a todos, todos juntos, como por acaso — e por que não? E espero vagamente que, de homem em homem, de destacamento em destacamento,

de vila em vila, eu vá também terminar. Afinal, nós somos apenas um avião passando, à noite... Isso nem mesmo lhes faz levantar a cabeça!

Claro que eu esperava voltar. Mas ao mesmo tempo, eu sabia que aconteceria alguma coisa. A gente está condenado ao castigo, mas a prisão que nos encerra ainda está muda. A gente se agarra a esse silêncio. Cada segundo se parece com o segundo precedente. Não há qualquer razão para aquele que morre transformar o mundo. O trabalho é pesado demais para ele. Cada segundo, um após o outro, salva o silêncio. O silêncio já parece eterno...

Mas o passo daquele que sabemos que virá faz-se ouvir.

Alguma coisa na paisagem acaba de romper-se. Assim, a lenha que parecia apagada, de repente, estala e solta uma profusão de faíscas. Por qual mistério toda essa planície reagiu no mesmo instante? As árvores, quando chega a primavera, soltam seus grãos. Por que de repente a primavera das armas? Por que esse dilúvio luminoso que sobe em nossa direção e se mostra, de imediato, universal?

A primeira sensação que tenho é de ter sido imprudente. Estraguei tudo. Às vezes, quando o equilíbrio é muito precário, basta um piscar de olhos, um gesto! Um alpinista tosse e desencadeia uma avalanche. E agora que a desencadeou, tudo está concluído.

Andamos pesadamente nesse pântano azul já afogado na noite. Mexemos nesse lodo tranquilo e eis que, em nossa direção, ele solta dezenas de milhares de bolhas douradas.

Uma trupe de malabaristas acaba de entrar na dança. Uma trupe de malabaristas dispara contra nós suas

dezenas de milhares de projéteis. Estes, por falta de variação angular, parecem-nos, primeiramente, imóveis, mas assim como bolas de gude que a arte do malabarismo não projeta, mas solta, começam lentamente sua ascensão. Vejo lágrimas de luz correndo para mim através de um óleo de silêncio. Desse silêncio que envolve o jogo dos malabaristas.

Cada rajada de metralhadora ou de canhão de tiro rápido debita, às centenas, obuses ou balas fosforescentes que se sucedem como contas de um rosário. Mil rosários elásticos se esticam até nós, rompendo-se, e estouram à nossa altitude.

Com efeito, vistos de través, os projéteis que não nos acertaram mostram, em sua passagem tangencial, uma velocidade vertiginosa. As lágrimas transformam-se em faíscas. E então me descubro afogado numa semeadura de trajetórias que têm cor de galhos de trigo. Eis-me como o centro de um espesso espinheiro de lanças. Eis-me ameaçado por não sei qual vertiginoso trabalho de agulhas. Toda a planície se ligou a mim e tece, à minha volta, uma rede fulgurante de linhas de ouro.

Ah! Quando me inclino para a terra descubro esses andares de bolhas luminosas que sobem com a lentidão de velas de névoa. Descubro esse lento turbilhão de semente: assim voa a casca do trigo que se abate! Mas olho na horizontal, só há feixes de lanças! Tiros? Não! Sou atacado com arma branca! Só vejo espadas de luz! Sinto-me... Não é questão de perigo! Deslumbra-me o luxo em que estou mergulhado!

— Ah!

Fui projetado a vinte centímetros do meu assento. Foi como uma pancada de aríete no avião. Ele quebrou-se, pulverizou-se... Nada! Não... Eu sinto que ainda obedece aos comandos. Foi apenas o primeiro golpe de um dilúvio de golpes. No entanto, não observei explosões. A fumaça

dos estouros se confunde sem dúvida com o solo escuro: levanto a cabeça e olho.

Este espetáculo é inapelável.

XXI

Inclinado sobre a terra, eu não percebera o espaço vazio que aos poucos aumentava entre mim e as nuvens. As traçantes jorravam uma luz de trigo: como saberia que no auge de sua ascensão, elas distribuíam aqueles materiais obscuros, um a um, como se enfiassem pregos? Eu os descubro acumulados, já em pirâmides vertiginosas que derivam para trás com a lentidão de banquisas. Na escala de tais perspectivas, tenho a sensação de estar imóvel.

Sei bem que essas construções, tão logo erguidas, já terão gasto o seu poder. Cada um desses flocos só dispôs de um centésimo de segundo do direito de vida ou de morte. Mas me cercaram sem que me apercebesse. Sua aparição pesou, de repente, sobre minha nuca, o peso de uma formidável reprovação.

Essa sucessão de explosões abafadas, cujo som é coberto pelo ronco dos motores, impõe-me a ilusão de um silêncio extraordinário. Eu não sinto nada. Abre-se em mim o vazio da espera, como se estivessem a deliberar.

Eu acho... Acho, todavia, que: “Estão atirando muito alto!”, e viro a cabeça para trás, meio contra a vontade, para ver balançar um bando de águias. Estas renunciam. Mas nada há a esperar.

As armas que nos erraram reajustam seus tiros. As muralhas de estouros se constroem em nosso patamar. Cada núcleo de fogo, em alguns segundos, ergue sua pirâmide de explosões, que logo abandona, extinta, para erguer alhures. O tiro não nos mira: ele nos encerra.

— Dutertre, está longe ainda?

— … Se conseguíssemos aguentar mais três minutos, acabava. Mas…

— Desistiremos, talvez…

— Jamais!

Esse escuro cinzento é sinistro, esse escuro de farrapos amontoados. A planície era azul. Imensamente azul. Azul-marinho…

Que sobrevida posso esperar? Dez segundos? Vinte segundos? O estremecimento das explosões já me desgasta permanentemente. As que são próximas parecem, no avião, rochas sendo despejadas numa caçamba. Depois disso, o avião inteiro faz um barulho quase musical. Estranho suspiro… Mas são tiros perdidos. É como o raio. Quanto mais próximo, mais se simplifica. Alguns choques são elementares: é que a explosão nos marcou com seus estouros. A fera não esbarra no boi quando o mata. Crava suas garras de chumbo, sem derrapar. Apodera-se do boi. Assim, os tiros certeiros se incrustam simplesmente no avião, como num músculo.

— Ferido?

— Não!

— Ei, Artilheiro, ferido?

— Não!

Mas esses choques, que é preciso descrever bem, não valem. Eles tamborilam num casco, num tambor. Em vez de furar os reservatórios, poderiam muito bem ter-nos aberto o ventre. Mas o ventre em si é apenas um tambor. O corpo, dane-se! Não é ele que vale… Isso é extraordinário!

Sobre o corpo, tenho duas palavras a dizer. Mas, na vida cotidiana, ficamos cegos ao óbvio. É preciso, para que se mostre o óbvio, a urgência de tais condições. É preciso essa chuva de luzes ascendentes, é preciso esse ataque

de golpes de lanças, é preciso enfim que seja erguido esse tribunal para o juízo final. Então, a gente compreende.

Eu não perguntava durante o aparelhamento: “Como se apresentam os últimos instantes?”. A vida sempre desmentiu os fantasmas que eu inventava. Mas se tratava, dessa vez, de andar nu sob o furor de punhos imbecis, sem nem mesmo um dobrar de cotovelos para proteger o rosto.

A provação, eu tinha uma provação na própria carne. Eu a imaginava em minha carne. O ponto de vista que adotava era necessariamente o do meu próprio corpo. Cuidamos tanto de nosso corpo. Tanto o vestimos, lavamos, tratamos, barbeamos, satisfizemos-lhe a sede e o nutrimos. Identificamo-nos com esse animal doméstico. Nós o conduzimos ao alfaiate, ao médico, ao cirurgião. Sofremos com ele. Gritamos com ele. Amamos com ele. Dizemos dele: sou eu. Eis que de repente essa ilusão desmorona. Zombamos do corpo! Nós o relegamos ao nível da criadagem. Basta que a cólera se avive um pouco, o amor se exalte, o ódio se enovele, então se quebra aquela famosa solidariedade.

Teu filho está preso no incêndio? Tu o salvarás! Não podemos deter-te! Estás queimando! Pouco te importas. Tu deixas esses farrapos de carne como garantia a quem os quiser. Descobres que não fazias questão do que tanto te valia. Venderias, se fosse um obstáculo, teu ombro pelo luxo de um tranco com os ombros! Habitas teu próprio ato. És o teu ato. Não te encontras mais alhures! Teu corpo é teu, não é tu. Vais bater? Ninguém te dominará ameaçando-te em teu corpo. Tu? És a morte do inimigo. Tu? És o salvamento do teu filho. Tu és troca. E não sentes o sentimento de perder na troca. Teus membros? Ferramentas. Pouco nos importamos com uma ferramenta que quebra quando estamos talhando. E tu te trocas contra a morte de teu rival, o salvamento de teu

filho, a cura de teu doente, tua descoberta, se és o inventor! Esse camarada do Grupo está mortalmente ferido. A citação traz: “Disse a seu observador: estou perdido. Corra! Salve os documentos!”. Somente a salvaguarda dos documentos importa, ou da criança, a cura do doente, a morte do rival, a descoberta! Teu significado se mostra deslumbrante. É teu dever, é teu ódio, é teu amor, é tua fidelidade, é tua invenção. Não encontras nada mais em ti.

O fogo não arrancou apenas a carne, mas, no mesmo golpe, o culto da carne. O homem não se interessa mais por si. Somente impõe-se a ele aquilo de que é feito. Ele não se despedaça, se morre: ele se confunde. Ele não se perde, ele se encontra. Isto não é voto de moralista. É uma verdade usual, uma verdade de todos os dias, que uma ilusão de todos os dias cobre com uma máscara impenetrável. Como eu poderia prever, quando estava me vestindo, e temia por meu corpo, que estava me preocupando com ninharias? É somente no instante de entregar esse corpo que todos, sempre, descobrem, estupefatos, quão pouco fazem questão do corpo. Mas, decerto, durante a minha vida, quando nada de urgente me governa, quando meu significado não está em jogo, não concebo problemas mais graves do que os do meu corpo.

Meu corpo, estou me lixando para ti! Estou expulso para fora de ti, não tenho mais esperança e nada me falta! Eu renego tudo o que eu era até este segundo. Não era eu quem pensava, nem eu quem sentia. Era meu corpo. Tive de arrastá-lo, como pude, até aqui, onde descubro que ele não tem nenhuma importância.

Aprendi aos quinze anos a minha primeira lição: um irmão, mais novo do que eu, estava desenganado havia alguns dias. Numa manhã, por volta das quatro horas, sua enfermeira me acorda:

— Seu irmão mandou chamá-lo.

— Está se sentindo mal?

Ela nada responde. Eu me visto depressa e vou ver meu irmão.

Ele me diz com uma voz habitual:

— Queria falar contigo antes de morrer. Eu vou morrer.

Uma crise nervosa o crispa e o faz calar-se.

Durante a crise, ele faz “não” com a mão. E não compreendo o gesto. Imagino que a criança recuse a morte. Mas, retomada a calmaria, ele me explica:

— Não te assustes... Não estou sofrendo. Não sinto dor. Não consigo evitar, é meu corpo.

Seu corpo, território estrangeiro, já outro.

Mas esse irmão caçula que sucumbiria em vinte minutos, desejava ser sério. Ele sente a necessidade premente de delegar sua herança. E me diz: “Eu queria fazer meu testamento...”. Enrubesce, está orgulhoso, é claro, de agir como homem. Se fosse construtor de torres, ele me confiaria sua torre a construir. Se fosse pai, ele me confiaria seus filhos a instruir. Se fosse piloto de avião de guerra, ele me confiaria seus documentos de bordo. Mas ele é só uma criança. Só me confia um motor a vapor, uma bicicleta e uma carabina. A gente não morre. A gente imaginava temer a morte: tememos o inesperado, a explosão, tememos a nós mesmos. A morte? Não. Não há mais morte quando a encontramos. Meu irmão me disse: “Não te esqueças de escrever tudo isso...”. Quando o corpo se desfaz, o essencial se mostra. O homem não passa de um nó de relações. Só as relações valem para o homem.

O corpo, cavalo velho, nós abandonamos. Quem imagina a si mesmo na morte? Ainda não encontrei ninguém...

— Capitão?

— Que é?

— Formidável!

— Artilheiro...

— Hã… Sim…
— Qual…
Minha pergunta saltou com o choque.
— Dutertre!
— Capi…
— Atingido?
— Não.
— Artilheiro…
— Sim?
— Tud…
É como se tivesse batido numa parede de bronze. Ouço:
— Ai ai ai!!!
Levanto a cabeça para o céu a fim de medir a distância das nuvens. Obviamente, quanto mais obliquamente observo, mais os flocos negros parecem empilhados. Na vertical, eles parecem menos densos. É por isso que descubro, encravado acima de nossas frontes, esse diadema monumental de florões negros.
Os músculos das coxas são de uma potência surpreendente. Jogo o peso com toda força no pedal, como se arrombasse uma parede. Lancei o avião de través. Ele derrapa brutalmente para a esquerda, com vibrações quebradiças. O diadema deslizou à direita. Eu o fiz balançar acima de minha cabeça. Surpreendi o tiro disparado alhures. Eu vejo acumularem-se, à direita, inúteis grupos de explosões. Mas, antes que começasse, com a outra coxa, o movimento contrário, o diadema já se restabelecera acima de mim. Os do solo o reinstalaram. O avião com seus grunhidos afunda de novo em charcos. Mas todo o peso do meu corpo esmagou uma segunda vez os pedais. Eu lancei o avião numa viragem contrária, ou mais exatamente numa derrapagem contrária (para o inferno as viragens corretas!) e o diadema deslizou para a esquerda.
Durar? Esse jogo não pode durar! Por mais que dê gigantescas pezadas, o dilúvio de lanças se recompõe,

ali, na minha frente. A coroa se restabelece. Os choques recomeçam na minha barriga. E, se eu olhar para baixo, vejo outra vez, bem centrada em mim, aquela ascensão de bolhas de uma vertiginosa lentidão. É inconcebível que estejamos ainda inteiros. E, no entanto, eu me descubro invulnerável. Sinto-me como vencedor! Sou, em cada segundo, vencedor!

— Atingidos?

— Não...

Eles não foram atingidos. São invulneráveis. São vencedores. Eu sou dono de uma tripulação de vencedores...

Doravante, cada explosão parece não nos ameaçar, mas nos endurecer. Cada vez, durante um décimo de segundo, imagino meu aparelho pulverizado. Mas ele ainda responde aos comandos, e eu o soergo, como a um cavalo, puxando duramente as rédeas. Então relaxo, e sou invadido por um júbilo surdo. Mal tive tempo de sentir medo senão como uma contração física, aquela que um barulhão provoca, e já me é concedido o suspiro da libertação. Eu deveria sentir o tranco do choque, depois o medo, depois o relaxamento. Que nada! Não dá tempo! Eu sinto o tranco, em seguida o relaxamento. Tranco, relaxamento. Falta uma etapa: o medo. E não vivo a expectativa de morrer no segundo seguinte, vivo a ressureição, ao findar do segundo anterior. Vivo numa espécie de rastro de alegria. Vivo na trilha de meu júbilo. E começo a sentir um prazer prodigiosamente inesperado... É como se minha vida me fosse, a cada segundo, ofertada. Como se minha vida me tornasse, a cada segundo, mais sensível. Eu vivo. Estou vivo. Estou ainda vivo. Continuo vivo. Não sou mais do que uma fonte de vida. A embriaguez da vida me toma. Diz-se “a embriaguez do combate...”. É a embriaguez da vida! É! Quem atira contra nós lá de baixo sabe que nos forja?

Reservatórios de óleo, reservatórios de gasolina, está tudo furado. Dutertre disse: “Acabou! Suba!”. Mais uma vez, meço com os olhos a distância que me separa das nuvens e cabro. Mais uma vez, jogo o avião para a esquerda, depois para a direita. Uma vez ainda, dou uma olhada na terra. Não esquecerei essa paisagem. A planície inteira crepita em curtas mechas luminosas. Sem dúvida, canhões de tiro rápido. A ascensão dos glóbulos prossegue no imenso aquário azulado. A chama de Arras brilha em vermelho-escuro, como um ferro sobre a bigorna, essa chama de Arras bem instalada nas reservas subterrâneas, por onde o suor dos homens, a invenção dos homens, a arte dos homens, as lembranças e o patrimônio dos homens, amarrando sua ascensão nessa cabeleira, transforma-se em queimada que o vento leva.

Já esbarro nos primeiros pacotes de bruma. Ainda há, à nossa volta, flechas de ouro ascendentes que perfuram por baixo o ventre da nuvem. A última imagem me é ofertada quando a nuvem já me encerra, por um último buraco. Durante um segundo, a chama de Arras surge, iluminada pela noite como um lampião a óleo de bojo profundo. Ela serve um culto, mas custa caro. Amanhã ela terá consumido e consumado tudo. Trago meu testemunho das chamas de Arras.

— Tudo bem, Dutertre?

— Tudo, Capitão. Duzentos e quarenta. Em vinte minutos, desceremos sob a nuvem. Vamos nos referenciar em algum lugar sobre o Sena…

— Tudo bem, Artilheiro?

— Hã… Sim… Capitão… Tudo bem.

— Não sentiu muito calor?

— Hã… Não… Sim.

Ele não sabe nada. Está contente. Penso no artilheiro de Gavoille. Uma noite, sobre o Reno, oitenta projéteis de guerra atingiram Gavoille com seus feixes. Ergueram à

sua volta uma gigantesca basílica. E eis que o tiro se mistura ali. Gavoille ouve então seu artilheiro falar consigo mesmo, baixinho. (Os laringofones são indiscretos.) O artilheiro se faz suas próprias confidências: “Pois então, meu velho. Pois então, meu velho… Sempre se pode fugir e acabar achando a mesma coisa como civis!”. Estava contente o artilheiro.

Respiro com lentidão. Encho bem o peito. É maravilhoso respirar. Há um monte de coisas que vou compreender… Mas primeiro penso em Alias. Não. É primeiro naquele fazendeiro que eu penso. Eu o interrogarei sobre o número de instrumentos… Eh! O que o senhor acha! Eu sei muito bem aonde quero chegar. Cento e três. A propósito, é bom ficar de olho na pressão do óleo quando os reservatórios de gasolina estão furados, bom cuidar desses instrumentos! Eu cuido disso. Os revestimentos de borracha aguentam o tranco. Isso é um aperfeiçoamento maravilhoso! Eu verifico também os giroscópios: essa nuvem é pouco habitável. Uma nuvem de tempestade. Ela nos sacode muito.

— O senhor não acha que poderíamos descer?

— Dez minutos. Melhor esperarmos mais dez minutos.

Esperarei ainda dez minutos. Ah! Sim, eu estava pensando em Alias. Será que ele imagina nos rever? Outro dia estávamos atrasados uma meia hora. Meia hora, em geral, é grave… Corri para encontrar o grupo, que estava jantando. Empurro a porta, caio numa cadeira ao lado de Alias. Bem naquele instante, o comandante levantava seu garfo enrolado com macarrão. Apressava-se em devorá-lo. Mas sobressalta, interrompe-se na hora, e me fita, com a boca aberta. O macarrão pende imóvel.

— Ah! Bem… Fico contente de vê-lo!

E devora o macarrão.

Para mim, o comandante tem um defeito grave. Obstina-se em interrogar o piloto sobre os aprendizados da missão. Ele me interrogará. Ele me olhará com uma

paciência apavorante, esperando que eu lhe dite verdades primárias. Estará armado de uma folha de papel e de uma caneta esferográfica a fim de não perder uma só gota desse elixir. Isso me lembrará minha juventude: “Como o senhor integra, candidato Saint-Exupéry, as equações de Bernoulli?”.

— Hã…

Bernoulli… Bernoulli… E ficamos assim, imóveis; sob aquele olhar, como um inseto transpassado por um grampo.

Cabe a Dutertre o aprendizado da missão. Ele observa na vertical, Dutertre. Ele vê um monte de coisas. Caminhões, lanchas, tanques, soldados, canhões, cavalos, estações, trens nas estações, chefes de estação. Eu observo muito em oblíquo. Eu vejo nuvens, o mar, rios, montanhas, o sol. Observo muito genericamente. Faço uma ideia do conjunto.

— O senhor sabe, Comandante, que o piloto…

— Ora, vejamos, a gente sempre vê alguma coisa.

— Eu… Ah! Incêndios! Vi incêndios. É interessante.

— Não é. Queima tudo. O que mais?

Por que Alias é tão cruel?

XXII

— E dessa vez, ele vai me interrogar?

O que relato da minha missão não se pode escrever num relatório. Vou cabular, como um colegial na escola. Eu parecerei muito infeliz, no entanto, não estarei infeliz. Acabou-se o infortúnio. Voou quando as primeiras balas luziram. Se eu tivesse dado meia-volta um segundo antes, ignoraria tudo a meu respeito.

Eu ignoraria a bela ternura que me vem ao coração. Eu volto para os meus. Entro. Dou a impressão de uma dona de casa que, terminando as compras, pega o caminho de casa e medita sobre os pratos com que regozijará os seus. Ela balança da direita à esquerda o cesto de mantimentos. De tempos em tempos, levanta o jornal que o cobre: está tudo ali. Não esqueceu nada. Ela sorri pela surpresa que prepara e passeia um pouco. Dá uma olhada nas vitrines.

Eu daria com prazer uma olhada nas vitrines se Dutertre não me obrigasse a habitar essa prisão esbranquiçada. Assistiria ao desfile dos campos. É verdade que é melhor esperar mais um pouco: essa paisagem está envenenada. Tudo nela conspira. Até os castelinhos provincianos, com seus gramados um pouco ridículos e suas dúzias de árvores podadas que parecem bijuterias inofensivas de moças cândidas, não passam de armadilhas de guerra. Voando baixo, em vez de sinais de amizade, recolhemos explosões de torpedos.

Apesar do ventre da nuvem, estou mesmo voltando da feira. Tinha razão a voz do comandante: “Vão à esquina da primeira rua à direita e me comprem fósforos...”.

Minha consciência está em paz. Trago os fósforos no bolso. Ou mais exatamente, estão no bolso do meu camarada Dutertre. Como ele faz para se lembrar de tudo o que viu? Problema dele. E penso nas coisas sérias. Depois da aterrissagem, se formos poupados da bagunça de uma nova mudança, eu vou desafiar Lacordaire, e vou ganhar dele no xadrez! Ele detesta perder. Eu também. Mas eu vou ganhar. Lacordaire, ontem, estava ébrio. Ao menos... um pouco: eu não queria desonrá-lo. Ele se embriagara para consolar-se. Tendo esquecido no retorno de um voo de acionar seu trem de pouso, pousara o avião de barriga. Alias, por azar ali presente, havia analisado o avião com melancolia, mas não abrira a boca. Lacordaire, piloto experiente, eu o revejo. Ele ficou esperando as recriminações de Alias. Tinha esperança nas recriminações de Alias. Recriminações violentas lhe teriam feito bem. A explosão lhe permitiria explodir também. Ele partiria, retrucando, aliviado de sua raiva. Mas Alias sacudia a cabeça. Alias meditava sobre o avião; pouco se importava com Lacordaire. Esse acidente não era, para o comandante, senão uma desgraça anônima, uma espécie de imposto estatístico. Tratava-se apenas de uma dessas distrações estúpidas que surpreendem os pilotos mais experientes. Fora injustamente infligida a Lacordaire. Lacordaire estava puro, afora esse erro de hoje, de qualquer imperfeição profissional. É por isso que Alias, interessando-se apenas pela vítima, solicitou o mais maquinalmente possível a opinião do próprio Lacordaire sobre os estragos. E eu senti subir num impulso uma raiva contida em Lacordaire. Você põe a mão gentilmente no ombro do torturador e lhe diz: “Como deve estar sofrendo essa pobre vítima, né?”. Aquela mão terna, que solicita sua simpatia, exaspera o torturador. Ele olha para a vítima com um olhar enviesado. Lamenta não ter acabado com ela.

É assim. Voltei para casa. O Grupo 2/33 é a minha casa. E compreendo os de casa. Não me engano sobre Lacordaire. Lacordaire não pode se enganar sobre mim. Sinto essa comunidade com um sentimento de extraordinária evidência: “Nós, do Grupo 2/33”. Eh! Eis então que os materiais amontoados já se soldam…

Penso em Gavoille e em Hochedé. Sinto essa comunidade que me liga a Gavoille e a Hochedé. Pergunto-me sobre Gavoille: qual é a sua origem? Ele mostra uma bela substância terrena. Uma lembrança boa me volta, perfumando-me de repente o coração. Gavoille, quando estávamos acantonados em Orconte, morava, como eu, numa fazenda. Um dia, ele me disse:

— A fazendeira matou um porco. Ela nos convida a comer morcela.

Éramos três: Israel, Gavoille e eu, a mastigar a bela casca preta e crocante. A camponesa nos serviu um vinhozinho branco. Gavoille me disse: “Eu comprei um agrado para ela. Você precisa fazer uma dedicatória”. Era um dos meus livros. Eu não tive nenhum constrangimento. Dediquei com prazer, para agradar. Israel estava enchendo seu cachimbo, Gavoille coçava a coxa, a camponesa parecia bem contente em herdar um livro com dedicatória do autor. A morcela embalsamava. Eu estava um pouco ébrio com o vinho branco, não me sentia deslocado, ainda que dedicasse um livro, o que sempre me pareceu um pouco ridículo. Não me sentia rejeitado. Eu não fazia papel, apesar desse livro, nem de autor nem de espectador. Não vinha de fora. Israel, gentilmente, me olhava escrever. Gavoille, com simplicidade, continuava a coçar a coxa. E eu sentia por eles uma espécie de reconhecimento silencioso. Aquele livro poderia ter me dado a aparência de um testemunho

abstrato. No entanto, eu não fazia papel, apesar do livro, nem de intelectual nem de testemunha. Eu era um deles.

Sempre tive horror do ofício de testemunha. O que sou se não participo? Preciso participar para ser. Nutro-me da qualidade dos camaradas, essa qualidade que ignora a si mesma, porque pouco se importa consigo, e não por humildade. Gavoille não se vangloria, nem Israel. Eles são redes de ligações com seu trabalho, seu ofício, seu dever. Com essa morcela fumegando. E me embriago da densidade da presença deles. Posso me calar. Posso beber meu vinhozinho branco. Posso até dedicar esse livro sem me apartar deles. Nada estragará essa fraternidade.

Não se trata aqui, para mim, de denegrir os avanços da inteligência, nem as vitórias da consciência. Admiro as inteligências límpidas. Mas o que é um homem se lhe falta a substância? Ele é apenas um olhar e não um ser? Encontro a substância em Gavoille ou em Israel. Como a encontrava em Guillaumet.

As vantagens que posso tirar de uma atividade de escritor, essa liberdade, por exemplo, de que poderia talvez dispor, e que me permitiria, se minha missão no Grupo 2/33 me desagradasse, me desmobilizar para outras funções, rejeito-as com repulsa. Não passa da liberdade de não ser. Cada obrigação nos faz devir.

Quase morremos na França por causa da inteligência sem substância. Gavoille é. Ele ama, detesta, fica contente, resmunga. Ele é talhado por relações. E, assim como saboreio, diante dele, essa morcela crocante, saboreio as obrigações do ofício que nos funda juntos num tronco comum. Gosto do Grupo 2/33. Não à maneira de um espectador que descobre um belo espetáculo. Gosto do Grupo 2/33 porque sou dele, ele me alimenta e contribuo para alimentá-lo.

E agora que volto de Arras, sou do meu Grupo mais do que nunca. Adquiri um laço a mais. Reforcei em mim esse sentimento de comunidade que se saboreia em silêncio. Israel e Gavoille correram riscos maiores, talvez, do que os meus. Israel desapareceu. Mas, desse passeio de hoje, eu também não era para ter voltado. Isso me dá um pouco mais o direito de me sentar à mesa e me calar com eles. Esse direito se compra muito caro. Mas é muito caro: é o direito de “ser”. Por isso, eu fiz a dedicatória do livro sem constrangimento… Ele não estragava nada.

E eis que enrubesço à ideia de ter gaguejado há pouco, quando o comandante me interrogou. Terei vergonha de mim. O comandante pensará que sou um pouco estúpido. Se essas histórias de livro não me incomodam é porque, mesmo que eu parisse uma biblioteca inteira, essas referências não me livrariam da vergonha que me ameaça. Vergonha que não é um jogo que estou jogando. Eu não sou o cético que se dá ao luxo de se entregar a hábitos excêntricos. Eu não sou um citadino brincando, nas férias, de camponês. Eu fui procurar, mais uma vez, a prova de minha boa-fé em Arras. Engajei minha carne na aventura. Toda a minha carne. E eu a engajei perdedora. Dei tudo o que pude a essas regras do jogo. Para que fossem mais do que simples regras do jogo. Adquiri o direito de me sentir constrangido, logo mais, quando o comandante me interrogar. Isto é, de participar. De estar ligado. De comungar. De receber e dar. De ser mais do que eu mesmo. De chegar a essa plenitude que me completa. De sentir esse amor que sinto por meus camaradas, esse amor que não é um impulso vindo de fora, que não busca exprimir-se nunca, exceto, todavia, na hora dos jantares de adeus. A gente está então um pouco bêbado, e a benevolência do álcool nos faz debruçar sobre os convivas como uma árvore cheia de frutos a dar. Meu amor pelo Grupo não precisa ser

enunciado. Ele só se compõe de laços. É minha própria substância. Sou do Grupo. Eis tudo.

Quando penso no Grupo, não consigo não pensar em Hochedé. Eu poderia vangloriar sua coragem de guerra, mas me sentiria ridículo. Não se trata de coragem. Hochedé fez à guerra uma doação total. Melhor, provavelmente, que todos nós. Hochedé está, permanentemente, num estado que eu dificilmente conquistaria. Eu reclamava quando me vestia. Hochedé não reclama. Hochedé já chegou aonde pretendemos chegar. Aonde eu queria chegar.

Hochedé é um ex-suboficial promovido recentemente a tenente. Sem dúvida, ele dispõe de uma cultura medíocre. Ele não saberia nada esclarecer sobre si mesmo. Mas está construído, bem-acabado. A palavra dever, quando se trata de Hochedé, perde toda a redundância. Gostaríamos muito de suportar o dever como Hochedé o suporta. Diante de Hochedé, recrimino-me por todas as minhas renúncias, minhas negligências, preguiças e, acima de tudo, se for o caso, meus ceticismos. Não é sinal de virtude, mas de inveja bem compreendida. Eu queria existir tanto quanto Hochedé existe. Uma árvore é bela, bem fincada sobre suas raízes. A constância de Hochedé é bela. Hochedé não conseguiria decepcionar.

Não contarei nada das missões de guerra de Hochedé. Voluntário? Somos todos voluntários, sempre, voluntários para todas as missões. Mas por obscura necessidade de crer em nós. Nós nos superamos um pouco, então. Hochedé é naturalmente voluntário... Ele “é” essa guerra. É tão natural que, se houver uma tripulação a sacrificar, o comandante logo pensa em Hochedé: “Diz uma coisa, Hochedé...”. Hochedé está imerso na guerra como um monge em sua religião. Por que ele luta? Luta por si. Hochedé se confunde com certa substância que se deve salvar e que é sua própria significação. Nesse

estágio, a vida e a morte se misturam um pouco. Hochedé já está misturado. Sem saber, talvez, ele quase não teme a morte. Durar, fazer durar... Para Hochedé morrer e viver se conciliam.

O que dele primeiro me deslumbrou foi sua angústia quando Gavoille tentou pegar-lhe o cronômetro emprestado para medir as velocidades na base.

— Tenente! Não... Isso me incomoda.

— És estúpido! É para uma regulagem de dez minutos!

— Tenente... Tem um na loja da esquadrilha.

— Tem. Mas faz seis semanas que não quer sair das duas horas e sete!

— Tenente... Não se empresta um cronômetro... Não sou obrigado a emprestar meu cronômetro... O senhor não pode exigir isso!

A disciplina militar e o respeito pela hierarquia podem solicitar de um Hochedé, que acabara de ser atingido em chamas e por milagre estava incólume, que ele se instale noutro avião para outra missão que, dessa vez, será perigosa... Mas não que ele deixe em mãos desrespeitosas um cronômetro muito luxuoso, que lhe custou três meses de salário e que foi, toda noite, guardado com um cuidado maternal. Vendo os homens gesticularem, adivinha-se que eles não entendem nada de cronômetros.

E quando Hochedé, vencedor, com seu direito enfim respeitado e seu cronômetro contra o peito, deixou bufando de indignação o escritório da esquadrilha, eu teria abraçado Hochedé. Eu descobria os tesouros de amor de Hochedé. Ele lutará por seu cronômetro. Seu cronômetro existe. E ele morrerá por seu país. Seu país existe. Hochedé existe, ligado a ambos. Foi moldado em todos os seus laços com o mundo.

Por isso gosto de Hochedé sem precisar lhe dizer. Assim perdi Guillaumet, morto em voo — o melhor amigo que tive — e evito falar nele. Nós pilotamos nas mesmas

linhas, participamos das mesmas criações. Éramos da mesma substância. Sinto-me um pouco morto nele. Fiz de Guillaumet um dos companheiros de meu silêncio. Sou de Guillaumet.

Sou de Guillaumet, de Gavoille, de Hochedé. Sou do Grupo 2/33. Sou do meu país. E todos os do Grupo são deste país...

XXIII

Mudei bastante! Esses dias, comandante Alias, eu estava amargo. Esses dias, enquanto a invasão blindada não encontrava absolutamente nada, as missões sacrificadas custaram ao Grupo 2/33 dezessete de suas vinte e três tripulações. Nós aceitamos, e o senhor, primeiro que todos, bancar os mortos pelas necessidades da figuração. Ah! Comandante Alias, eu estava amargo, estava enganado!

Nós nos agarrávamos, o senhor em primeiro lugar, ao pé da letra de um dever cujo espírito se obscurecera. O senhor, primeiro, nos impelia por instinto, não a vencer, era impossível, mas a devir. O senhor sabia, como nós, que as informações adquiridas não seriam transmitidas a ninguém. Mas o senhor guardava ritos cujo poder estava escondido. O senhor nos interrogava gravemente, como se nossas respostas adiantassem de alguma coisa nos parques de blindados, nas lanchas, caminhões, estações, nos trens nas estações. O senhor até me pareceria de uma revoltante má-fé:

— Sim, sim! Observamos muito bem do posto de piloto.

No entanto, o senhor tinha razão, comandante Alias.

Essa multidão que eu sobrevoo, levei-a em conta sobre Arras. Eu só sou ligado àqueles a quem doo. Só entendo a quem desposo. Só existo enquanto me saciam as fontes das minhas raízes. Sou dessa multidão. Essa multidão me pertence. A quinhentos e trinta quilômetros por hora e duzentos metros de altitude, agora que desembarquei sob minha nuvem, eu a desposo à noite como um pastor que, numa olhada, recenseia, ajunta e

enlaça o rebanho. Essa multidão não é mais uma multidão: é um povo. Como eu poderia perder a esperança?

Apesar do apodrecimento da derrota, trago em mim, como ao fim de um sacramento, esse grave e durável júbilo. Estou imerso na incoerência, todavia, estou como um vencedor. Qual é o camarada de volta de uma missão que não traz esse vencedor em si? O capitão Pénicot me contou seu voo desta manhã: “Quando me parecia que uma das armas automáticas estava atirando muito de perto, eu bifurcava bem em cima dela, a toda a velocidade, rente ao chão, e largava uma rajada de metralhadora que apagava na hora aquela luz avermelhada, como um sopro à chama de uma vela. Um décimo de segundo depois eu passava feito turbilhão sobre a equipe... Era como se a arma tivesse explodido! Eu encontrava a equipe de servidores espalhada, revirada pela fuga. Tinha a impressão de estar jogando boliche”. Pénicot ria, Pénicot ria magnificamente. Pénicot, capitão vencedor!

Sei que a missão terá transfigurado até esse Gavoille artilheiro que, preso à noite na basílica erguida por oitenta projéteis de guerra, passou, como num casamento de soldados, sob a abóbada das espadas.

— Pode pegar no noventa e quatro.

Dutertre acaba de se localizar sobre o Sena. Eu baixei para cem metros. A quinhentos e trinta quilômetros por hora, o solo carrega em nossa direção grandes retângulos de alfafa ou de trigo e de florestas triangulares. Sinto um prazer físico estranho ao observar esse desmoronamento de vidros, que divide incansavelmente minha proa. O Sena surge para mim. Quando o atravesso, em oblíquo, ele escapa como que rodopiando sobre si mesmo. O movimento me dá o

mesmo prazer do toque suave de uma foice. Estou bem instalado. Sou patrão a bordo. Os reservatórios aguentam. Vou ganhar um trago de Pénicot, no pôquer de ás, depois vou bater Lacordaire no xadrez. É assim que eu sou, quando sou vencedor.

— Capitão... Estão atirando... Estamos em zona proibida...

É ele quem calcula a navegação. Eu estou isento de qualquer recriminação.

— Estão atirando muito?

— Atiram como podem... Damos meia-volta?

— Ah, não...

O tom é blasé. Nós conhecemos o dilúvio. O tiro antiaéreo para nós não passa de uma chuva de primavera.

— Dutertre... sabe... é idiota deixar-se abater em casa!

— Não abateremos nada... isso vai exercitá-los.

Dutertre está amargo.

Eu não estou amargo. Estou feliz. Gostaria de falar aos homens da minha região.

— Hã... Sim, atiram como...

Olha, está vivo esse aí! Observo que meu artilheiro nunca manifestou espontaneamente sua existência. Ele dirigiu toda a aventura sem sentir necessidade de se comunicar. A menos que tenha sido ele a pronunciar “Ai ai ai” ao tiro mais forte do canhão. De todo modo, não foi uma abundância de confidências.

Mas se trata aqui de sua especialidade: a metralhadora. Quando se trata da especialidade, não dá mais para deter os especialistas.

Não consigo deixar de opor esses dois universos. O universo do avião e o do solo. Acabo de levar Dutertre e meu artilheiro para além dos limites permitidos. Vimos a França queimar em chamas. Vimos luzir o mar.

Envelhecemos em grande altitude. Nós nos debruçamos sobre uma terra longínqua, como sobre vitrines de um museu. Brincamos ao sol com o rastro dos caças inimigos. Depois, descemos novamente. Nós somos jogados no incêndio. Sacrificamos tudo. E então, aprendemos mais sobre nós mesmos do que aprenderíamos em dez anos de meditação. Saímos enfim do retiro de dez anos...

E naquela estrada, que sobrevoávamos para atingir o céu de Arras, a caravana, quando a encontrarmos, talvez tenha progredido, no máximo quinhentos metros.

O tempo que eles levarem para empurrar um carro quebrado até o buraco, para trocar o pneu, que tamborilarem imóveis no volante, para deixar um atalho liquidar seus próprios destroços, teremos voltado à escala.

Nós pulamos por cima da derrota toda. Somos semelhantes àqueles peregrinos que, embora sofram, o deserto não os atormenta, porque já habitam de coração a cidade santa.

A noite que chega estacionará essa multidão amontoada em seu estábulo de infortúnio. O rebanho se amontoa. Por que ele gritaria? Mas podemos correr para os camaradas, e me parece que nos apressamos para uma festa. Assim, uma simples cabana iluminada ao longe torna a mais rude das noites de inverno uma noite de Natal. Lá, aonde vamos, seremos acolhidos. Lá, aonde vamos, comungaremos o pão do jantar.

Basta, por hoje, de aventura, estou feliz e cansado. Largarei com os mecânicos o avião enriquecido de buracos. Vou me despir de minhas pesadas vestes de voo e, como é tarde demais para apostar um trago contra Pénicot, vou simplesmente me sentar para o jantar entre os camaradas...

Estamos atrasados. Os camaradas que estão atrasados não voltam mais. Estão atrasados? Tarde demais. Azar deles! A noite os joga na eternidade. Na hora do jantar, o Grupo conta seus mortos.

Os desaparecidos embelezam-se na lembrança. Nós os vestimos para sempre com seu mais claro sorriso. Renunciaremos a essa vantagem. Surgiremos em fraude, à maneira de anjos maus e caçadores clandestinos. O comandante não morderá seu bocado de pão. Ele nos olhará. Talvez diga: “Ah! Aí estão vocês...”. Os camaradas se calarão. Apenas nos observarão.

Eu tinha pouca estima, outrora, pelos adultos. Estava errado. Jamais envelhecemos. Comandante Alias! Os homens são puros também na hora do retorno: “Aí está você, que é dos nossos...”. E o pudor faz o silêncio.

Comandante Alias, comandante Alias... Essa comunidade entre vocês, eu a experimentei como um fogo para o cego. O cego se senta e estende as mãos, ele não sabe de onde lhe vem o prazer. De nossas missões, voltamos prontos a uma recompensa de gosto desconhecido, que é simplesmente o amor.

Não reconhecemos nisso o amor. O amor no qual normalmente pensamos é de um patético mais tumultuoso. Mas se trata, aqui, do verdadeiro amor: uma rede de relações que nos faz devir.

XXIV

Interroguei aquele fazendeiro sobre o número de instrumentos. E o fazendeiro respondeu:

— Não entendo nada do seu trabalho.

— Acredite, faltam alguns instrumentos: os que nos teriam feito ganhar a guerra...

— O senhor quer cear conosco?

— Já jantei.

Mas me acomodaram, à força, entre a sobrinha e a fazendeira:

— Você, minha sobrinha, vá mais para lá... Dê um lugar ao capitão.

E não é somente aos camaradas que me percebo ligado. É, através deles, a todo o meu país. O amor, uma vez germinado, brota das raízes que não param mais de crescer.

Meu fazendeiro distribui o pão, em silêncio. As preocupações do dia o enobreceram de uma austera gravidade. Ele garante, pela última vez, quem sabe, como o exercício de um culto, essa partilha.

E penso nos campos nos arredores que formaram a matéria desse pão. O inimigo amanhã os invadirá. Que não esperem por um tumulto de homens armados! A terra é grande. A invasão por aqui só se mostraria, talvez, como uma sentinela solitária, perdida ao longe na imensidão dos campos, uma marca cinza nas margens dos campos de trigo. Nada terá mudado aparentemente, mas basta um sinal, em se tratando do homem, para que tudo seja diferente.

O pé de vento que circular sobre a plantação se parecerá sempre com o pé de vento sobre o mar. Mas o pé de vento na seara, se nos parece ainda mais amplo, é porque recenseia, desenrolando-o, um patrimônio. E assegura-se do futuro. Ele é carícia a uma esposa, mão pacífica numa cabeleira.

Esse trigo, amanhã, terá mudado. O trigo é mais do que um alimento carnal. Nutrir o homem não é engordar um gado. O pão desempenha tantos papéis! Aprendemos a reconhecer, no pão, um instrumento da comunidade dos homens, por causa do pão que se partilha. Nós aprendemos a reconhecer, no pão, a imagem da grandeza do trabalho, por causa do pão a ganhar com o suor do rosto. Aprendemos a reconhecer, no pão, o veículo essencial da piedade, em virtude do pão que se distribui nas horas de miséria. O sabor do pão compartilhado não tem igual. Entretanto, eis que todo o poder desse alimento espiritual, do pão espiritual que nascerá o campo de trigo, está em perigo. Meu fazendeiro, amanhã, rasgando o pão, não servirá mais, talvez, à mesma religião familiar. O pão, amanhã, talvez, não alimente mais a mesma luz dos olhares. O pão é como o óleo dos lampiões a óleo. Ele se transforma em luz.

Observo a sobrinha, que é muito bonita, e penso: o pão, através dela, se faz graça melancólica. Faz-se pudor. Faz-se doçura do silêncio. No entanto, o mesmo pão, por causa de uma simples mancha cinza à margem de um oceano de trigo, se nutrir amanhã o mesmo lampião, não formará talvez mais a mesma chama. O essencial do poder do pão terá mudado.

Lutei para preservar a qualidade de uma luz, mais ainda do que para salvar o alimento dos corpos. Lutei pelo brilho particular em que se transfigura o pão das casas da minha região. O que me sensibiliza primeiro, nessa jovenzinha secreta, é o revestimento imaterial. É não sei

qual ligação entre as linhas de um rosto. É o poema lido na página e não a página.

Ela se sentiu observada. Levantou os olhos para mim. Parece-me que sorriu para mim. Foi apenas como um sopro sobre a fragilidade das águas. Essa aparição me perturba. Eu sinto, misteriosamente presente, a alma particular que é daqui e não de alhures. Experimento uma paz da qual digo: “É a paz dos reinos silenciosos”.

Vi luzir a luz do trigo.

O rosto da sobrinha se refez liso sobre o fundo de mistério. A fazendeira suspira, olha à sua volta e se cala. O fazendeiro, que medita sobre o dia a nascer, fecha-se em sua sabedoria. Há, no silêncio de todos eles, uma riqueza interior semelhante ao patrimônio de uma vila também ameaçada.

Uma estranha evidência me faz sentir responsável por essas provisões invisíveis. Eu deixo a minha fazenda. Vou a passos lentos. Levo essa carga que me é mais doce do que pesada, como seria uma criança adormecida contra meu peito.

Eu me prometera essa conversa com a minha vila. Mas eu não tenho nada a dizer. Sou parecido com o fruto bem atado à árvore na qual pensava, havia algumas horas, quando a angústia se apaziguou. Eu me sinto ligado àqueles da minha terra, simplesmente. Pertenço-lhes como eles me pertencem. Quando meu fazendeiro distribuiu o pão, ele nada deu. Ele compartilhou e trocou. O mesmo trigo, em nós, circulou. O fazendeiro não empobrecia. Ele enriquecia: ele se nutria de um pão melhor, porque transformado em pão de uma comunidade. Quando esta manhã decolei por eles em missão de guerra, eu também nada lhes dei. Não lhes

damos nada, nós, do Grupo. Nós somos sua parte de sacrifício de guerra. Entendo por que Hochedé faz a guerra sem grandes palavras, como um ferreiro que forja para a vila. “Quem é o senhor?”

— Sou o ferreiro da vila. E o ferreiro trabalha feliz.

Se agora tenho esperança, quando eles parecem se desesperar, também não me distingo deles. Sou simplesmente sua parte de esperança. É certo que já estamos vencidos. Tudo está em suspenso. Tudo desmorona. Mas eu continuo a sentir a tranquilidade de um vencedor. As palavras são contraditórias? Zombo das palavras. Sou semelhante a Pénicot, Hochedé, Alias, Gavoille. Não dispomos de nenhuma linguagem para justificar nosso sentimento de vitória. Mas nós nos sentimos responsáveis. Ninguém pode se sentir, ao mesmo tempo, responsável e desesperado.

Derrota... Vitória... Não sei muito bem usar essas fórmulas. Há vitórias que exaltam, outras que abastardam. Derrotas que assassinam, outras que despertam. A vida não é enunciável por estados, mas por iniciativas. A única vitória de que não posso duvidar é a que reside no poder dos grãos. Plantado o grão, ao longo das terras escuras, ei-lo já vitorioso. Mas é preciso transcorrer tempo para que se assista a seu triunfo no trigo.

Nada havia esta manhã, além de um exército desmantelado e uma multidão amontoada. Mas uma multidão amontoada, se há uma única consciência onde ela já se enlaça, não está mais amontoada. As pedras do canteiro só estão amontoadas aparentemente, se houver, perdido no canteiro, um homem, um único que seja, que pense catedral. Não me preocupo com o limão esparso se ele abriga uma semente. A semente o drenará para construir.

Quem chega à contemplação se torna semente. Quem descobre uma evidência puxa todo mundo pela manga

para mostrá-la. Quem inventa, logo prega sua invenção. Não sei como um Hochedé se exprimirá ou agirá. Mas pouco me importa. Ele expandirá sua fé tranquila em torno de si. Entrevejo melhor o princípio das vitórias: aquele que se garante um lugar de sacristão ou de carola na catedral construída já está vencido. Mas quem traz no coração uma catedral a construir já é vencedor. A vitória é fruto do amor. Somente o amor reconhece o rosto a moldar. Somente o amor conduz ao amor. A inteligência só vale se a serviço do amor.

O escultor está carregado do peso de sua obra: pouco importa se ignora como a moldará. De toque em toque, de erro em erro, de contradição em contradição, ele irá direto através da argila, à sua criação. Nem a inteligência nem o julgamento são criadores. Se o escultor é apenas ciência e inteligência, faltará talento às suas mãos.

Enganamo-nos tempo demais sobre o papel da inteligência. Negligenciamos a substância do homem. Acreditamos que a virtuosidade das almas baixas pudesse ajudar no triunfo das causas nobres, que o egoísmo hábil podia exaltar o espírito de sacrifício, que a seca do coração podia, pelo sopro dos discursos, fundar a fraternidade ou o amor. Negligenciamos o Ser. A semente de cedro, de um jeito ou de outro, se tornará cedro. A semente de espinheiro se tornará espinheiro. Recusarei doravante julgar o homem sobre as fórmulas que justificam suas decisões. Enganamo-nos muito facilmente sobre a caução das palavras, como sobre a direção dos atos. Ignoro se aquele que segue em direção à sua casa vai em direção da querela ou do amor. Eu perguntaria: “Que homem é ele?”. Só então saberei ao que ele é propenso, e aonde irá. Vamos sempre, no fim das contas, ao que estamos propensos.

O germe, obcecado pelo sol, sempre encontra seu caminho através dos pedregulhos do solo. O lógico puro, se nenhum sol o puxar, afoga-se na confusão dos

problemas. Eu me lembrarei da lição que me deu meu próprio inimigo. Em que direção da coluna blindada preciso seguir para investir contra o adversário pela retaguarda? Ele não sabe responder. O que é preciso que seja a coluna blindada? É preciso que ela seja o peso do mar contra o dique.

O que é preciso fazer? Isto. Ou o contrário. Ou outra coisa. Não há determinismo do futuro. Que é preciso ser? Eis a questão essencial, pois só o espírito fertiliza a inteligência. Ele a engravida da obra vindoura. A inteligência a conduzirá a termo. Que deve fazer o homem para criar o primeiro navio? A fórmula é complicada demais. Esse navio nascerá, ao final das contas, de mil tateios contraditórios. Mas esse homem, o que deve ser? Aqui tomo a criação pela raiz. Ele deve ser mercador ou soldado, pois, então, necessariamente, por amor das terras longínquas, suscitará os técnicos, fará transpirar os operários e lançará, um dia, seu navio! O que é preciso fazer para que toda uma floresta se acabe? Ah, é muito difícil... O que é preciso ser? É preciso ser incêndio!

Nós entraremos amanhã na noite. Que meu país ainda exista quando o dia nascer de novo! O que é preciso fazer para salvá-lo? Como enunciar uma solução simples? As necessidades são contraditórias. Importa salvar a herança espiritual, sem a qual a raça será privada de seu gênio. Importa salvar a raça, sem a qual a herança será perdida. Os lógicos, sem linguagem que concilie os dois salvamentos, ficarão tentados a sacrificar a alma ou o corpo. Mas zombo dos lógicos. Eu quero que meu país exista — em seu espírito e em sua carne — quando o dia nascer. Para agir pelo bem do meu país, será preciso inclinar-me, a cada instante, nessa direção, com todo o meu amor. Não há passagem que o mar não encontre, se ele forçar.

Nenhuma dúvida sobre a salvação me é possível. Compreendo melhor a minha imagem do fogo para o cego. Se o cego vai em direção ao fogo, é porque surgiu nele a necessidade do fogo. O fogo já o governa. Se o cego busca o fogo, é que já o encontrou. Assim o escultor já tem sua criação quando molda a argila. Nós também. Nós sentimos o calor de nossos laços: eis por que somos já vencedores.

Já somos sensíveis à nossa comunidade. Será preciso, decerto, exprimi-la, para se ligar a ela. Isto é esforço de consciência e linguagem. Mas será preciso também, para nada perder de sua substância, fazer-nos surdos às armadilhas das lógicas provisórias, das chantagens e das polêmicas. Nós devemos, antes de tudo, nada renegar do que somos.

E é por isso, que no silêncio da minha noite de vila, apoiado numa parede, começo, no retorno de minha missão sobre Arras — e esclarecido, parece-me, por minha missão — a me impor regras simples que não trairei jamais.

Como sou um deles, não renegarei jamais os meus, o que quer que eles façam. Não pregarei jamais contra eles diante de outrem. Se for possível tomar sua defesa, eu os defenderei. Se me cobrirem de vergonha, encerrarei tal vergonha no meu coração e me calarei. O que quer que eu pense então sobre eles, jamais servirei de testemunha de acusação. Um marido não vai de casa em casa instruir, ele mesmo, seus vizinhos de que sua mulher é uma desavergonhada. Ele não salvará assim sua honra. Pois sua mulher é de sua casa. Ele não pode enobrecer-se ficando contra ela. É dentro de casa que terá o direito de exprimir sua cólera. Assim, eu não me desaliarei de uma derrota que, muitas vezes, me humilhará. Sou da França. A França formava os Renoir, os Pascal, os

Pasteur, os Guillaumet, os Hochedé. Ela formava também incapazes, políticos e trapaceiros. Mas me parece fácil demais evocar uns e negar qualquer parentesco com os outros.

A derrota divide. A derrota desfaz o que estava feito. Há, aí, ameaça de morte: eu não contribuirei com essas divisões, atribuindo a responsabilidade do desastre àqueles entre os meus que pensam diferente de mim. Não há nada a tirar desse processo sem juiz. Nós fomos todos vencidos. Eu fui vencido. Hochedé foi vencido. Hochedé não atribui a derrota a outros além dele. Ele pensa: “Eu, Hochedé, eu, da França, fui fraco. A França de Hochedé foi fraca. Eu fui fraco nela e ela fraca em mim”. Hochedé sabe muito bem que, se ele se apartar dos seus, só glorificará a si mesmo. E, desde então, não será mais o Hochedé de uma casa, de uma família, de um Grupo, de uma pátria. Ele não passará do Hochedé de um deserto.

Se eu aceitar ser humilhado pela minha casa, posso agir sobre minha casa. Ela me pertence, como lhe pertenço. Mas, se recusar a humilhação, a casa se desmantelará como quiser, e irei sozinho, todo glorioso, porém mais vazio do que um morto.

Para ser, importa primeiro responsabilizar-se. No entanto, há poucas horas, eu estava cego. Eu estava amargo. Mas estou julgando mais claramente. Do mesmo modo que recuso queixar-me dos outros franceses, desde que me sinto da França, não concebo mais que a França se queixe do mundo. A França era responsável pelo mundo. A França poderia ter oferecido ao mundo o denominador comum que o teria unido. A França poderia ter servido de referência ao mundo. Se a França tivesse tido sabor de França, brilho de França, o mundo inteiro far-se-ia resistência por meio da França. Renego

doravante minhas recriminações ao mundo. A França devia servir-lhe de alma, caso lhe faltasse uma.

A França poderia ter reunido a seu redor. Meu Grupo 2/33 ofereceu-se sucessivamente como voluntário para a guerra da Noruega, depois da Finlândia. O que representavam a Noruega e a Finlândia para os soldados e os oficiais do meu país? Pareceu-me sempre que eles aceitavam, confusamente, morrer por um certo gosto das festas de Natal. A salvaguarda desse sabor, no mundo, parecia-lhes justificar o sacrifício de suas vidas. Se fôssemos o Natal do mundo, o mundo se salvaria através de nós.

A comunidade espiritual dos homens no mundo não jogou a nosso favor.

Mas, fundando essa comunidade de homens no mundo, teríamos salvo o mundo e nós mesmos. Nós falhamos nessa tarefa. Cada um é responsável por todos. Cada um é o único responsável. Cada um é o único responsável por todos. Eu entendo pela primeira vez um dos mistérios da religião originária da civilização que reivindico como minha: “Carregar os pecados dos homens...”. E cada um carrega todos os pecados de todos os homens.

XXV

Quem vê nisso uma doutrina de fraco? O chefe é responsável por tudo. Ele diz: Fui vencido. Ele não diz: “Meus soldados foram vencidos”. O verdadeiro homem fala assim. Hochedé diria: Eu sou responsável.

Compreendo o sentido da humildade. Ela não é um aviltamento de si. É o próprio princípio da ação. Se, com o intuito de absolver-me, justifico meus infortúnios pela fatalidade, submeto-me à fatalidade. Se os justifico pela traição, submeto-me à traição. Mas se assumo o erro, reivindico meu poder de homem. Posso agir sobre aquilo que sou. Sou parte constituinte da comunidade dos homens.

Há, então, alguém em mim que combato para crescer. Foi necessária essa viagem difícil para que distinguisse em mim, de um jeito ou de outro, o indivíduo que eu combato do homem que amadurece. Não sei o que vale a imagem que me vem, mas penso: o indivíduo é apenas uma via. Só importa o Homem que a emprega.

Já não posso me satisfazer com verdades de polêmica. De nada serve acusar os indivíduos. Eles são apenas vias e passagens. Não posso mais justificar o enregelamento de minhas metralhadoras por negligências de funcionários, nem a ausência de povos amigos por seu egoísmo. A derrota, decerto, se exprime por falhas individuais. Mas uma civilização molda os homens. Se aquela a que julgo pertencer está ameaçada pela derrota dos indivíduos, tenho o direito de perguntar-me por que ela não os forjou diferentemente.

Uma civilização, assim como uma religião, acusa a si mesma se deplora a moleza dos fiéis. Cabe-lhe exaltá-los. O mesmo vale se deplora o ódio dos infiéis. Cabe-lhe convertê-los. Entretanto, a minha, que outrora passou suas provações, inflamou seus apóstolos, arrebentou os violentos, libertou povos escravos, não soube, hoje, nem exaltar nem converter. Se desejo arrancar a raiz das diversas causas de minha derrota, se tenho ambição de reviver, devo reencontrar primeiro o fermento que perdi.

Pois acontece numa civilização como para o trigo. O trigo nutre o homem, mas o homem, por sua vez, salva o trigo, cuja semente ele armazena. A reserva de grãos é respeitada, de geração de trigo para geração de trigo, como uma herança.

Não me basta saber qual trigo desejo para que ele germine. Se quero salvar um tipo de homem — e seu poder — devo salvar também os princípios que o fundam.

Todavia, se conservei a imagem da civilização que reivindico como minha, perdi as regras que a transportavam. Descubro esta noite que as palavras que usava não tocavam mais o essencial. Eu pregava assim a Democracia, sem suspeitar que enunciava, com isso, sobre as qualidades e a sorte do homem, não mais o conjunto de regras, mas um conjunto de aspirações. Desejava que os homens fossem fraternos, livres e felizes. Claro. Quem não concorda? Sabia expor “como” deve ser o homem. E não “quem” ele deve ser.

Falava, sem precisar as palavras, da comunidade dos homens. Como se o clima ao qual fazia alusão não fosse fruto de uma arquitetura particular. Parecia-me evocar uma evidência natural. Não há evidência natural. Uma tropa fascista, um mercado de escravos são, também, comunidades de homens.

Eu não habitava mais essa comunidade dos homens como arquiteto. Beneficiava-me de sua paz, sua

tolerância, seu bem-estar. Não sabia nada a seu respeito, senão que estava instalado nela. Estava nela como sacristão ou como um papa-hóstias. Ou seja, parasita. Ou seja, vencido.

Assim são os passageiros de um navio. Usam o navio sem nada lhe dar. Ao abrigo dos salões, que eles tomam por cenário absoluto, prosseguem com seus jogos. Ignoram o trabalho das meias-naus sob o peso eterno do mar. Que direito reclamarão se a tempestade desmantelar seu navio?

Se os indivíduos se abastardaram, se fui vencido, do que vou reclamar?

Há um denominador comum com as qualidades que desejo aos homens de minha civilização. Há uma pedra angular na comunidade particular que eles devem fundar. Há um princípio de onde tudo saiu outrora, raízes, tronco, galhos e frutos. Qual é ele? Ele era grão potente no adubo dos homens. Só este me pode fazer vencedor.

Parece-me que compreendo muitas coisas na minha estranha noite de vila. O silêncio é de uma qualidade extraordinária. O mínimo ruído preenche o espaço inteiro, como um sino. Nada me é desconhecido. Nem esse lamento de gado, nem esse apelo longínquo, nem esse barulho de uma porta que se fecha. Tudo acontece como em mim mesmo. Não é preciso apressar-me em captar o sentido de um sentimento que pode esmaecer…

Eu penso: “É o tiro de Arras…”. O tiro rachou uma casca. Neste dia inteiro, eu certamente preparei em mim a morada. Eu era apenas um gerente resmungão. O indivíduo é isso. Mas o Homem surgiu. Ele se instalou em meu lugar, simplesmente. Olhou a multidão amontoada, e viu um povo. Seu povo. O Homem, denominador comum entre mim e esse povo. É por isso que, correndo para o Grupo, parecia-me correr a um grande fogo. O

Homem olhava através dos meus olhos o homem denominador comum dos camaradas.

Seria um sinal? Estou a ponto de crer nos sinais... Tudo é, esta noite, entendimento tácito. Qualquer barulho me atinge como uma mensagem límpida e ao mesmo tempo obscura. Ouço um passo tranquilo preencher a noite:

— Ei, boa noite, Capitão...

— Boa noite!

Não o conheço. Foi entre nós como um “oi” de bateleiros, de uma barca a outra.

Ainda uma vez tive o sentimento de um miraculoso parentesco. O Homem que me habita esta noite não cessa de enumerar os seus. O Homem denominador comum dos povos e das raças...

Ele voltava, aquele ali, com sua provisão de preocupações, de pensamentos e de imagens. Com sua carga própria, encerrada dentro de si. Poderia tê-lo abordado e falado com ele. Na pureza de uma senda de vila, teríamos trocado algumas de nossas lembranças. Assim, os comerciantes trocam tesouros, caso se cruzem, retornando das ilhas.

Em minha civilização, aquele que difere de mim, longe de me lesar, enriquece-me. Nossa unidade, acima de nós, funda-se no Homem. Assim, nossas conversas à noite, no Grupo 2/33, longe de prejudicar nossa fraternidade, a apoiam, pois ninguém deseja ouvir seu próprio eco, nem olhar-se num espelho.

No Homem se encontram, também, os Franceses da França e os Noruegueses da Noruega. O Homem os liga em sua unidade, ao mesmo tempo que exalta, sem contradizer-se, seus costumes particulares. A árvore também se exprime, por galhos que não se parecem com as raízes. Se, então, lá, escrevem-se contos sobre a neve, se tulipas são cultivadas na Holanda, se flamencos

se improvisam na Espanha, estamos todos enriquecidos no Homem. É talvez por isso que desejemos, nós do Grupo, combater pela Noruega…

E eis que me parece chegar ao termo de uma longa peregrinação. Não descubro nada, mas, como o despertar de um sono, revejo simplesmente o que eu não olhava mais.

Minha civilização repousa sobre o culto do Homem através dos indivíduos. Ela tentou, por séculos, mostrar o Homem, como se tivesse ensinado a distinguir uma catedral através das pedras. Ela pregou esse Homem que dominava o indivíduo…

Pois o Homem de minha civilização não se define a partir dos homens. São os homens que se definem por ele. Há nele, como em todo Ser, alguma coisa que a matéria que o compõe não explica. Uma catedral é bem diferente de uma soma de pedras. É geometria e arquitetura. Não são as pedras que a definem, é ela que enriquece as pedras com seu próprio significado. Essas pedras são enobrecidas por serem pedras de uma catedral. As pedras mais diversas contribuem para sua unidade. A catedral absorve até as carrancas mais careteiras em seu cântico.

Mas, pouco a pouco, esqueci a minha verdade. Eu acreditei que o Homem resumia os homens, como a Pedra resume as pedras. Confundi a catedral e a soma de pedras e, pouco a pouco, a herança desvaneceu. É preciso restaurar o Homem. É ele a essência de minha cultura. É ele a chave de minha Comunidade. É ele o princípio da minha vitória.

XXVI

É fácil fundar a ordem de uma sociedade sobre a submissão de cada um a regras fixas. É fácil moldar um homem cego que aceite, sem protestar, um mestre ou um Alcorão. Mas o sucesso que consiste em, para libertar o homem, fazê-lo reinar sobre si mesmo, é maior.

Mas o que é libertar? Se eu liberto, no deserto, um homem que não sente nada, o que significa a sua liberdade? Só há liberdade de “alguém” que vai a algum lugar. Libertar para esse homem seria ensinar-lhe a sede e traçar-lhe uma rota até um poço. Somente assim se proporiam a ele passos aos quais não faltaria significado. Libertar uma pedra não significa nada se não houver peso. Pois a pedra, uma vez livre, não irá a lugar algum.

No entanto, minha civilização tentou fundar as relações humanas sobre o culto do Homem além do indivíduo, a fim de que o comportamento de cada um frente a si mesmo ou a outrem não fosse mais conformismo cego aos costumes do cupinzeiro, mas livre exercício do amor.

A tendência invisível do peso libera a pedra. As inclinações invisíveis do amor liberam o homem. Minha civilização tentou fazer de cada homem o Embaixador de um mesmo príncipe... Ela considerou o indivíduo como caminho ou mensagem de algo maior do que ele mesmo, ofereceu à liberdade de sua ascensão direções imantadas...

Conheço bem a origem desse campo de forças. Durante séculos, minha civilização contemplou Deus através dos homens. O homem era criado à imagem de Deus. Respeitava-se Deus no homem. Os homens eram irmãos

em Deus. Esse reflexo de Deus conferia uma dignidade inalienável ao homem. As relações do homem com Deus fundavam com evidência os deveres de cada um frente a si mesmo ou a outrem.

Minha civilização é herdeira dos valores cristãos. Eu refletirei sobre a construção da catedral, a fim de compreender melhor a sua arquitetura.

A contemplação de Deus fundava os homens iguais, porque iguais em Deus. E essa igualdade tinha um significado claro. Pois só se pode ser igual em alguma coisa. O soldado e o capitão são iguais na nação. A igualdade não passa de uma palavra vazia de sentido se não houver nada a que ligar essa igualdade.

Entendo claramente por que essa igualdade, que era a igualdade dos direitos de Deus através dos indivíduos, proibia limitar a ascensão de um indivíduo: Deus podia decidir tomá-lo por caminho. Mas como se tratava também da igualdade dos direitos de Deus “sobre” os indivíduos, entendo por que os indivíduos, fossem quem fossem, eram submetidos aos mesmos deveres e ao mesmo respeito às leis. Exprimindo Deus, eles eram iguais em seus direitos. Servindo Deus, eram iguais em seus deveres.

Entendo por que uma igualdade estabelecida em Deus não acarretava nem contradição nem desordem. A demagogia intromete-se quando, por falta de denominador comum, o princípio de igualdade se abastarda em princípio de identidade. Então o soldado recusa a saudação do capitão, pois o soldado, saudando o capitão, honraria um indivíduo, e não a Nação.

Minha civilização, herdando de Deus, fez os homens iguais no Homem.

Entendo a origem do respeito dos homens, de uns para com os outros. O sábio devia respeito ao próprio taifeiro, pois, através do taifeiro, ele respeitava Deus, de quem o taifeiro também era Embaixador. Quaisquer que fossem o valor de um e a mediocridade do outro, nenhum homem podia pretender reduzir outro à escravidão. Não se humilha um Embaixador. Mas esse respeito pelo homem não levava à prosternação degradante diante da mediocridade do indivíduo, diante da estupidez ou da ignorância, já que primeiro honrava-se essa qualidade de Embaixador de Deus. Assim, o amor de Deus fundava, entre os homens, as relações nobres, tratando os negócios de Embaixador para Embaixador, acima da qualidade dos indivíduos.

Minha civilização, herdeira de Deus, fundou o respeito ao homem através dos indivíduos.

Entendo a origem da fraternidade dos homens. Os homens eram irmãos em Deus. Só se pode ser irmão em alguma coisa. Se não há nó que os una, os homens ficam justapostos e não ligados. Não se pode ser irmão simplesmente. Meus camaradas e eu somos irmãos “no” Grupo 2/33. Os franceses “na” França.

Minha civilização, herdeira de Deus, fez os homens irmãos no Homem.

Entendo o significado dos deveres de caridade que me eram pregados. A caridade servia a Deus através do

indivíduo. Era devida a Deus, qualquer que fosse a mediocridade do indivíduo. Essa caridade não humilhava o beneficiário, nem o atava pelas amarras da gratidão, pois não é a ele, mas a Deus, que a doação era feita. O exercício dessa caridade, entretanto, jamais foi homenagem à mediocridade, à estupidez ou à ignorância. O médico devia engajar sua vida nos cuidados com o mais vulgar dos pestilentos. Ele servia a Deus. Não era diminuído pela noite em claro, passada à cabeceira do ladrão.

Minha civilização, herdeira de Deus, fez assim, da caridade, dom ao Homem através do indivíduo.

Entendo a significação profunda da Humildade exigida do indivíduo. Ela não se rebaixava. Ela se elevava. Ela o esclarecia sobre seu papel de Embaixador. Assim como o obrigava a respeitar Deus através de outrem, ela o obrigava a respeitar-se a si mesmo, a fazer-se mensageiro de Deus, no caminho para Deus. Ela lhe impunha esquecer-se para crescer, pois se o indivíduo se exalta sobre sua própria importância, o caminho logo se transforma em muralha.

Minha civilização, herdeira de Deus, pregou também o respeito de si mesmo, isto é, o respeito do Homem através de si mesmo.

Compreendo, enfim, por que o amor de Deus estabeleceu os homens responsáveis uns pelos outros e lhes impôs a Esperança como uma virtude. Pois, de cada um, ela fazia o Embaixador do mesmo Deus, nas mãos

de cada um repousava a salvação de todos. Ninguém tinha o direito de se desesperar, pois era mensageiro de alguém superior. O desespero era a renegação do próprio Deus. O dever da Esperança poderia ter-se traduzido por: “Tu te julgas tão importante? Que fatuidade há em teu desespero!”.

Minha civilização, herdeira de Deus, fez cada um responsável por todos os homens e todos os homens responsáveis por cada um. Um indivíduo deve se sacrificar pela salvação de uma coletividade, mas não se trata aqui de uma aritmética imbecil. Trata-se do respeito do Homem através do indivíduo. A grandeza, com efeito, de minha civilização, é que cem mineiros devem arriscar suas vidas pelo salvamento de um só mineiro soterrado. Eles salvam o Homem.

Entendo claramente, sob essa luz, o significado da liberdade. Ela é liberdade do crescimento de árvore no campo de força de seu grão. Ela é clima de ascensão do homem. É semelhante a um vento favorável. Pela simples graça do vento, os veleiros estão livres, no mar.

Um homem assim construído disporia do poder da árvore. Quanto espaço não cobriria com suas raízes! Que massa humana ela não absorveria para desabrochar ao sol!

XXVII

Mas estraguei tudo. Dilapidei a herança. Deixei apodrecer a noção de Homem.

Para salvar esse culto de um Príncipe contemplado através dos indivíduos, e a alta qualidade das relações humanas que esse culto fundava, minha civilização, no entanto, dispendeu uma energia e um talento consideráveis. Todos os esforços do “Humanismo” só tenderam a esse fim. O Humanismo se deu por missão exclusiva esclarecer e perpetuar a primazia do Homem sobre o indivíduo. O Humanismo pregou o Homem.

Mas quando se trata de falar sobre o Homem, a linguagem se torna incômoda. O Homem se distingue dos homens. Nada se diz de essencial sobre a catedral, se não se falar das pedras. Não se diz nada de essencial sobre o Homem, ao se tentar defini-lo por qualidades de homem. O Humanismo trabalhou assim numa direção já obstruída. Tentou captar a noção de Homem por uma argumentação lógica e moral, e a transportá-lo assim nas consciências.

Nenhuma explicação verbal jamais substitui a contemplação. A unidade do Ser não é transponível em palavras. Se eu desejasse ensinar aos homens, cuja civilização ignorasse, o amor por uma pátria ou por uma propriedade, não disporia de nenhum argumento para comovê-los. São os campos, os pastos e o gado que compõem uma propriedade. Cada um e, todos juntos, têm por papel enriquecer. Há, não obstante, na propriedade, alguma coisa que escapa à análise dos elementos, pois há proprietários que, por amor ao que é

seu, arruinar-se-iam para salvá-lo. É, bem ao contrário, essa “alguma coisa” que enobrece os elementos com uma qualidade particular. Eles se tornam o gado de uma propriedade, as pradarias de uma propriedade, os campos de uma propriedade…

Assim nos tornamos homem de uma pátria, de uma profissão, de uma civilização, de uma religião. Mas para se proclamar de tais Seres, convém, primeiro, fundá-los em si. E, onde não existe o sentimento da pátria, nenhuma linguagem o transportará. Somente por atos é possível fundar-se o Ser a que se pretende pertencer. Um Ser não é o império da linguagem, mas o dos atos. Nosso Humanismo negligenciou os atos. Fracassou em sua tentativa.

O ato essencial aqui recebeu um nome. É o sacrifício.

Sacrifício não significa nem amputação nem penitência. É essencialmente um ato. É um dom de si mesmo ao Ser a que se almeja pertencer. Apenas este compreenderá o que é uma propriedade, pois terá sacrificado uma parte de si, lutado para salvá-la e sofrido para embelezá-la. Então lhe virá o amor pela propriedade. Uma propriedade não é a soma dos interesses, eis o erro. É a soma dos dons.

Enquanto minha civilização se apoiou em Deus, salvou essa noção do sacrifício que fundava Deus no coração do homem. O Humanismo negligenciou o papel essencial do sacrifício. Pretendeu transportar o Homem pelas palavras e não pelos atos.

Só dispunha, para salvar a visão do Homem através dos homens, dessa mesma palavra enfeitada por uma maiúscula. Nós nos arriscávamos a derrapar numa ladeira perigosa e confundir, um dia, o Homem com o símbolo da média ou do conjunto dos homens. Nós arriscávamos confundir nossa catedral com a soma das pedras.

E, pouco a pouco, perdemos a herança.

Em vez de afirmar os direitos do Homem através dos indivíduos, começamos a falar dos direitos da Coletividade. Pudemos ver introduzir-se insensivelmente uma moral do Coletivo que negligencia o Homem. Essa moral explicará claramente por que cabe ao indivíduo sacrificar-se pela Comunidade. Ela não explicará mais, sem artifícios de linguagem, por que uma Comunidade deve se sacrificar por um só homem. Porque é íntegro que mil morram para libertar um único da prisão da injustiça. Nós nos lembramos disso ainda, mas estamos pouco a pouco esquecendo. E, no entanto, é nesse princípio, que nos distingue tão claramente do cupinzeiro, que reside, antes de tudo, nossa grandeza.

Por falta de um método eficaz, inserimos Humanidade — que se encontra no Homem — nesse cupinzeiro, que é a soma dos indivíduos.

O que tínhamos a opor às religiões do Estado ou da Massa? O que se tinha tornado nossa grande imagem do Homem nascido de Deus? Ela mal se reconhecia através de um vocabulário que estava vazio de sua substância.

Pouco a pouco, esquecendo o Homem, nós limitamos nossa moral aos problemas do indivíduo. Exigimos de cada um que não lesasse outro indivíduo. De cada pedra, que não lesasse outra pedra. E decerto elas não se lesam uma à outra, quando estão empilhadas num campo. Mas elas lesam a catedral que porventura tenham fundado, a qual, por sua vez, lhes teria fundado a própria significação.

Nós continuamos a pregar a igualdade dos homens. Mas, tendo esquecido o Homem, não entendemos mais nada do que falávamos. Por não sabermos sobre o que fundar a Igualdade, fizemos dela uma afirmação vaga, da qual não mais soubemos nos servir. Como definir a Igualdade, no plano dos indivíduos, entre o sábio e o

bruto, o imbecil e o talentoso? A igualdade, no plano material, exige, se pretendermos definir e realizar, que ocupem todos um lugar idêntico e exerçam o mesmo papel. O que é absurdo. O princípio da Igualdade se abastarda, então, em princípio de identidade.

Continuamos a pregar a Liberdade do homem. Mas, tendo esquecido o Homem, definimos nossa Liberdade como uma licença vaga, exclusivamente limitada ao erro cometido contra outrem. O que é vazio de significado, pois não há ato que não engaje outrem. Se me mutilar, sendo soldado, sou fuzilado. Não há indivíduo sozinho. Quem se esquiva, lesa uma comunidade. Quem é triste, entristece os outros.

De nosso direito a uma liberdade assim entendida, não soubemos mais nos servir sem contradições intransponíveis. Sem saber definir em que caso nosso direito era válido, e em que caso não era mais, fechamos hipocritamente os olhos, a fim de salvar um princípio obscuro sobre os inumeráveis entraves que toda sociedade, necessariamente, trazia a nossas liberdades.

Quanto à Caridade, nem mesmo ousamos mais pregá-la. Com efeito, outrora o sacrifício que funda os Seres tomava o nome de Caridade quando honrava a Deus através de sua imagem humana. Através do indivíduo, doávamos a Deus ou ao Homem. Mas, tendo esquecido Deus ou o Homem, só doávamos ao indivíduo. Desde então, a Caridade tomava frequentemente a figura de ação inaceitável. É à Sociedade, e não ao temperamento individual, que cabe assegurar a equidade no compartilhamento das provisões. A dignidade do indivíduo exige que ele não seja reduzido à vassalagem pelas larguezas de outrem. Seria paradoxal ver os possuidores reivindicar, além da posse de seus bens, a gratidão daqueles que nada possuem.

Mas, acima de tudo, nossa caridade mal compreendida se voltava contra a sua finalidade. Exclusivamente

fundada sobre os movimentos de piedade para com os indivíduos, ter-nos-ia proibido qualquer corretivo. Enquanto a Caridade verdadeira, sendo exercício de um culto ao Homem, para além do indivíduo, impunha combater o indivíduo para nele fazer crescer o Homem.

Assim, perdemos o Homem. E, perdendo o Homem, esvaziamos de calor essa fraternidade, logo a que nossa civilização nos pregava, pois que somos irmãos em alguma coisa e não simplesmente irmãos. O compartilhamento não garante a fraternidade. Esta se liga unicamente ao sacrifício. Liga-se ao dom comum ao que é mais vasto que nós mesmos. Mas, confundindo com um minguamento estéril essa raiz de toda existência verdadeira, nós reduzimos nossa fraternidade à mera tolerância mútua.

Cessamos de doar. Contudo, se pretendo não doar senão a mim mesmo, nada recebo, pois não construo nada do que me constitui e por isso não sou nada. Se vierem agora exigir que morra por interesses, eu me recusarei a morrer. O interesse manda primeiro viver. Qual é o impulso de amor que pagaria minha morte? Morre-se por uma casa. Não por objetos ou por paredes. Morre-se por uma catedral. Não por pedras. Morre-se por um povo. Não por uma multidão. Morre-se pelo amor do Homem, se ele for o ponto de sustentação do conjunto de uma Comunidade. Morre-se unicamente por aquilo por que se pode viver.

Nosso vocabulário parecia quase intacto, mas nossas palavras, esvaziadas de substância real, nos levariam, se pretendêssemos usá-las, a contradições sem saída. Éramos obrigados a fechar os olhos a esses litígios. Nós éramos obrigados, por não sabermos construir, a deixar as pedras amontoadas no campo, e a falar da Coletividade, com prudência, sem ousar precisar muito

bem sobre o que falávamos, pois, de fato, não falávamos de nada. Coletividade é palavra vazia de significado, enquanto Coletividade não se ligar a alguma coisa. Uma soma não é um Ser.

Se a nossa Sociedade ainda parecia desejável, se nela o Homem ainda conservava algum prestígio, era na medida em que a civilização verdadeira, a qual traíamos por nossa ignorância, prolongava sobre nós seu brilho condenado e nos salvava, apesar de nós. Como nossos adversários compreenderiam o que não compreendíamos mais? Tudo o que viram de nós foram essas pedras amontoadas. Tentaram dar um sentido a uma Coletividade que nós não sabíamos mais definir, por não nos lembrarmos do Homem.

Alguns chegaram, de súbito, alegremente, às conclusões mais extremas da lógica. Dessa coleção, fizeram uma coleção absoluta. As pedras devem ser idênticas às pedras. E cada pedra reina soberana sobre si mesma. A anarquia se lembra do culto ao Homem, mas o aplica, com rigor, ao indivíduo. E as contradições que surgem desse rigor são piores do que as nossas.

Outros juntaram as pedras espalhadas em pilhas no campo. Pregaram os direitos da Massa. A fórmula tampouco satisfaz. Pois se é intolerável que um único homem tiranize uma Massa, é igualmente intolerável que uma Massa esmague um único homem.

Outros se apoderaram dessas pedras sem poder e, dessa soma, fizeram um Estado. Tal Estado tampouco transcende os homens. Também ele é expressão de uma soma. Ele é poder da Coletividade delegado às mãos de um indivíduo. Ele é reino de uma pedra, a qual pretende identificar-se às outras, no conjunto de pedras. Esse Estado prega claramente uma moral do Coletivo que recusamos ainda, mas para a qual caminhamos, nós mesmos, lentamente, por não nos lembrarmos do Homem, o único que justificaria nossa recusa.

Esses fiéis da nova religião opor-se-ão a que vários mineiros arrisquem sua vida para o salvamento de um único mineiro soterrado. Pois o monte de pedras, então, está lesado. Eles darão cabo do gravemente ferido, se ele atrapalhar o avanço de um exército. O bem da Comunidade, eles estudarão na aritmética — e a aritmética os governará. Nisso perderão de transcender a maiores do que si mesmos. Odiarão, por conseguinte, o que difere deles, pois não disporão de nada, acima de si mesmos, em que fundir-se. Qualquer costume, qualquer raça, qualquer pensamento diferente se tornará para eles uma afronta. Eles não disporão do poder de absorver, pois para converter o Homem em si, convém não amputá-lo, mas exprimi-lo a si mesmo, oferecer um objetivo a suas aspirações e um território a suas energias. Converter, sempre é libertar. A catedral pode absorver as pedras, que nela tomam um sentido. Mas o monte de pedras não absorve nada e, sem condições de absorver, esmaga. Assim é, mas de quem é a culpa?

Não mais me surpreende que o monte de pedras, que é pesado, tenha se sobreposto às pedras desordenadas.

Entretanto, sou eu o mais forte.

Sou o mais forte se me reencontro. Se nosso Humanismo restaurar o Homem. Se soubermos fundar nossa Comunidade e se, para fundá-la, usarmos de um só instrumento eficaz: o sacrifício. Nossa Comunidade, tal como nossa civilização a construiu, também não era a soma de nossos interesses — ela era a soma de nossos dons.

Eu sou o mais forte, porque a árvore é mais forte do que as matérias do solo. Ela as drena para si. Ela os transforma em árvore. A catedral é mais brilhante do que os amontoados de pedras. Eu sou o mais forte porque só minha civilização tem poder de amalgamar em sua

unidade, sem amputar, as diversidades particulares. Ela vivifica a fonte de sua força, ao mesmo tempo que nela se sacia.

Eu quis, na hora da partida, receber antes de doar. Minha pretensão era vã. Foi como a triste aula de gramática. É preciso dar antes de receber... E construir antes de habitar.

Fundei meu amor pelos meus nesse longo dom do sangue, como a mãe funda o seu pelo dom do leite. Aí está o mistério. É preciso começar pelo sacrifício para fundar o amor. O amor, depois, pode solicitar outros sacrifícios e empregá-los em todas as vitórias. O homem deve sempre dar os primeiros passos. Deve nascer antes de existir.

Voltei da missão tendo fundado meu parentesco com a pequena fazendeira. Seu sorriso me foi transparente e, através dele, vi minha vila. Através da minha vila, meu país. Pois sou de uma civilização que escolheu o Homem como pilar. Sou do Grupo 2/33, que desejava combater pela Noruega.

Pode ser que Alias, amanhã, me designe para outra missão. Eu me vesti, hoje, para o serviço de um deus ao qual eu estava cego. O tiro de Arras trincou o casco e eu enxerguei. Todos os nossos enxergaram também. Se então eu decolar no amanhecer, saberei pelo que ainda estou combatendo.

Mas desejo me lembrar do que vi. Preciso de um Credo simples para me lembrar.

Eu combaterei pela primazia do Homem sobre o indivíduo — como do Universal sobre o particular.

Eu creio que o culto do Universal exalte e una as riquezas particulares e funde a única ordem verdadeira,

que é a da vida. Uma árvore é uma ordem, apesar de suas raízes diferirem dos galhos.

Eu creio que o culto do particular acarrete somente a morte, pois funda a ordem na semelhança. E confunde a unidade do Ser com a identidade de suas partes. E devasta a catedral para alinhar as pedras. Eu combaterei então todo aquele que pretender impor um costume particular aos outros costumes, um povo particular aos outros povos, uma raça particular às outras raças, um pensamento particular aos outros pensamentos.

Eu creio que a primazia do Homem funde a única Igualdade e a única Liberdade que tenham significado. Eu creio na igualdade dos direitos do Homem através de cada indivíduo. E creio que a Liberdade é a da ascensão do Homem. Igualdade não é Identidade. A Liberdade não é a exaltação do indivíduo contra o Homem. Eu combaterei todo aquele que pretenda subjugar a um indivíduo — como a uma massa de indivíduos — a liberdade do Homem.

Eu creio que minha civilização denomine Caridade o sacrifício consentido ao Homem, a fim de estabelecer seu reino. A caridade é o dom do Homem, através da mediocridade do indivíduo. Ela funda o Homem. Eu combaterei todo aquele que, pretendendo que minha caridade honre a mediocridade, renegue o Homem e, assim, aprisione o indivíduo numa mediocridade definitiva. Eu combaterei pelo Homem. Contra seus inimigos. Mas também contra mim mesmo.

XXVIII

Reencontrei os camaradas. Devíamos nos encontrar todos por volta de meia-noite para receber as ordens. O Grupo 2/33 está com sono. A chama do grande fogo transformou-se em brasa. O Grupo parece aguentar ainda, mas é só uma ilusão. Hochedé interroga tristemente seu famoso cronômetro. Pénicot, num canto, com a nuca contra a parede, fecha os olhos, Gavoille, sentado numa mesa, com o olhar vago e as pernas pendentes, faz bico como uma criança prestes a chorar. Azambre vacila sobre um livro. O comandante é o único alerta, mas pálido de dar medo, com os papéis na mão sob um abajur, conversa em voz baixa com Geley. "Conversa", aliás, não é uma imagem. O comandante fala. Geley aquiesce com a cabeça e diz: "Sim, claro". Geley se agarra a seu "Sim, claro". Ele adere cada vez mais estreitamente aos enunciados do comandante, como um homem se afogando ao pescoço do salva-vidas. Se eu fosse Alias, eu diria, sem mudar de tom: "Capitão Geley... O senhor será fuzilado ao amanhecer...". E esperaria a resposta.

O Grupo não dorme há três dias e está de pé como um castelo de cartas.

O comandante se levanta, vai até Lacordaire e o tira de um sonho, no qual Lacordaire, talvez, ganhasse de mim no xadrez:

— Lacordaire... Você partirá de manhãzinha. Missão rasante.

— Certo, Comandante.

— Você deveria dormir...

— Sim, Comandante.

Lacordaire se senta novamente. O comandante, saindo, leva Geley em seu rastro, como puxaria um peixe morto na ponta de uma linha. Eis, sem dúvida, não três dias, mas uma semana que Geley não se deita. Assim como Alias, ele não só pilotou suas missões de guerra, mas carregou nos ombros a responsabilidade do Grupo. A resistência humana tem limites. A de Geley foi atingida. Ei-los aí, no entanto, partindo ambos, o nadador e seu afogado, à procura de ordens fantasmas.

Vezin, desconfiado, chegou para mim, Vezin que também está dormindo em pé, como um sonâmbulo:

— Você está dormindo?

— Eu…

Apoiei a nuca contra o encosto de uma poltrona, pois achei uma poltrona. Eu também cochilava, mas a voz de Vezin me atormenta:

— Isso vai acabar mal!

Acabará mal… Interdição a priori… Acabará mal…

— Você está dormindo?

— Eu… Não… O que vai acabar mal?

— A guerra.

Essa é nova. Eu afundo de novo no sono. Respondo vagamente.

— Qual guerra?

— Como “qual guerra?”

Essa conversa não irá longe. Ah! Paula, se houvesse nos Grupos aéreos governantas tirolesas, o Grupo 2/33 inteiro estaria na cama há muito tempo! O Comandante empurra a porta como um pé de vento:

Está decidido. A gente vai se mudar.

Atrás dele, Geley, bem acordado. Ele deixará para amanhã seus “sim, claro”. Ele usará, para tarefas extenuantes, esta noite ainda, reservas que ele mesmo ignorava.

A gente se levanta. Dizemos: “Ah…é?”. O que diríamos?

Não diremos nada. Garantiremos a mudança. Só Lacordaire esperará a aurora para decolar, a fim de cumprir sua missão. Se ele voltar, irá diretamente à nova base.

Amanhã, nós também não diremos nada. Amanhã, para as testemunhas, seremos os vencidos. Vencidos devem se calar. Como os grãos.

Cronologia

1900 Antoine de Saint-Exupéry nasce em Lyon, em 29 de junho. É o terceiro filho de Jean de Saint-Exupéry e Marie de Fonscolombe, numa família que terá cinco crianças: três meninas e dois meninos.

1904 A família perde prematuramente o chefe, Jean de Saint-Exupéry, vítima de um ataque fulminante. A viúva, com as três filhas (Marie-Madeleine, Simone e Gabrielle) e os dois meninos (François e Antoine), abandona Lyon e passa a viver alternadamente entre os castelos de La Mole, no sul da França, e Saint-Maurice-de-Rémens, a quarenta quilômetros de Lyon, de propriedade da condessa de Tricaud. Este último é o local privilegiado da infância do autor, cujas reminiscências estão presentes em toda a sua obra.

1909 Vai estudar no colégio jesuíta Notre-Dame de Sainte-Croix; a família se instala na região do Mans.

1912 Apesar da proibição da mãe, vai até Ambérieu, pequeno aeródromo próximo de Saint-Maurice, e convence os pilotos de que tem autorização familiar para entrar num avião. Faz seu batismo do ar num Berthaud-Wroblewski.

1914 Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Marie de Saint-Exupéry cria uma enfermaria para tratar os feridos em Ambérieu, ação que lhe valerá a medalha da Cruz Vermelha. Com François, seu irmão mais novo, Saint-Exupéry vai estudar no colégio dos irmãos marianistas de Friburgo, na Suíça.

1917 François falece de reumatismo infeccioso, aos quinze anos. O episódio será marcante para Saint-Exupéry, pois o irmão quis vê-lo pouco antes de morrer e lhe deixou vários de seus pertences de menino. Prepara-se para entrar na Escola Naval e estuda no colégio interno Bossuet; depois, no Saint-Louis, em Paris.

1919 Não passa na prova oral para a Escola Naval e se inscreve na

faculdade de belas-artes, carreira que não seguirá. Liga-se a grandes amigos nessa fase, como André Gide e Gaston Gallimard. Surge a empresa de correio de Toulouse para Rabat (Marrocos), criada pelo empresário Pierre-Georges Latécoère. A primeira linha é Toulouse-Barcelona.

1921 Faz seu serviço militar no 2o Regimento de Aviação de Estrasburgo. Sua mãe lhe financia aulas de pilotagem. Tomando o comando de um avião ainda sem estar autorizado, tem o primeiro acidente grave. É designado para o 37o Regimento de Aviação em Casablanca, no Marrocos, e obtém o brevê de piloto militar.

1922 É nomeado oficial da reserva, mas se afasta da carreira militar. Integra o grupo de caça do 33o Regimento de Aviação. Sofre o segundo acidente e fratura o crânio.

1923 Exerce alguns ofícios para sobreviver. Sofre um acidente bastante grave no aeroporto de Le Bourget. Fica noivo de Louise de Vilmorin e chega a renunciar à carreira de piloto pela noiva, porém o compromisso será rompido. Gabrielle, sua irmã caçula, a quem chamam de “Didi”, casa-se com Pierre d’Agay. Ela será a única dos cinco irmãos a deixar descendentes (quatro: dois meninos e duas meninas. Entre eles, François d’Agay, afilhado do piloto).

1926 Mais um membro da família se vai: Marie-Madeleine, sua irmã, morre de tuberculose. Por intermédio de um ex-professor e mentor, o abade Sudour, conhece o sócio de Pierre-Georges Latécoère e consegue uma entrevista. Vai trabalhar para a empresa de correio aéreo em Toulouse, onde conhece Henri Guillaumet e, algum tempo depois, Jean Mermoz, Marcel Reine e Paul Vachet, que serão seus grandes amigos.

1927 Passará dezoito meses em cabo Juby, no Marrocos, morando praticamente numa cabana, ao lado do forte espanhol ali situado. Sua missão era apaziguar os mouros rebeldes à colonização espanhola, pois eles tomavam os aviões que faziam pousos de emergência no deserto e sequestravam os pilotos franceses. Vai se mostrar um excelente diplomata, respeitado pelos mouros. Ao mesmo tempo, o empresário Marcel Bouilloux-Lafont compra 95% das ações da Latécoère e implanta a linha de correio na América do Sul. Só no Brasil, Lafont fará onze escalas. A companhia passa a se chamar Aéropostale.

1928 São realizados os primeiros voos noturnos entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, por Jean Mermoz. Na África, Saint-Exupéry salva quatro aviadores feitos prisioneiros dos mouros durante vários meses. De

licença, volta à França e faz um curso superior de navegação aérea em Brest. Tira o diploma apesar de suas muitas distrações.

1929 Sai seu romance *Correio sul*, inspirado na experiência do deserto que tivera durante quase dois anos em cabo Juby. Naquele ano, é nomeado diretor da Aeroposta Argentina. Sua função consiste em vigiar o bom estado dos aeródromos e escalas, recrutar pilotos e resolver problemas da rota entre Chile, Paraguai e Brasil, além de abrir a linha para a Patagônia. Nessa época passou algumas vezes pelo Brasil, especialmente pelo sul do país.

1930 É feito Cavaleiro da Legião de Honra pelos serviços prestados em cabo Juby, no deserto do Saara, onde salvou a vida de vários pilotos sequestrados e apaziguou os mouros. Entre os dias 13 e 18 de junho, seu grande colega e amigo Henri Guillaumet sofre um acidente nos Andes e sai em marcha durante cinco dias. Saint-Exupéry participa das buscas ao piloto desaparecido e de seu resgate. Foi também na Argentina que encontrou sua futura esposa, a salvadorenha Consuelo Suncín.

1931 É publicado o livro *Voo noturno*, que lhe valerá o prêmio Femina. Casa-se na residência de sua família na cidade de Agay (sul da França, Côte d'Azur) com Consuelo Suncín. Em consequência do crash da Bolsa de Nova York em 1929, a Aéropostale não escapa à crise e é posta em liquidação, enfrentando vários escândalos.

1932 De fevereiro a maio, é piloto de testes de hidroaviões na empresa Latécoère, entre Marselha e Alger. Depois, fica encarregado do correio na linha Casablanca-Dakar.

1933 Ainda como piloto de testes, sofre um acidente aéreo quase fatal em Saint-Raphaël, cidade vizinha de Agay. Publica seus primeiros artigos na revista *Marianne* e escreve o roteiro do filme *Anne-Marie*. Surge a Air France pela fusão de cinco companhias aéreas francesas — entre as quais a Aéropostale.

1934 Nos Estados Unidos, o romance *Voo noturno* ganha versão cinematográfica, com Clark Gable como protagonista, e também um perfume é batizado com o nome do livro. Não contratado como piloto da nova companhia francesa, viaja por vários países, entretanto, fazendo a divulgação da Air France em conferências nas quais fala das aventuras da Aéropostale. Trabalha no roteiro do filme *Correio sul* e é assíduo frequentador dos famosos cafés de Paris Les Deux Magots e Lipp, em Paris.

1935 Viaja a Moscou pelo jornal *Paris-Soir*. Redigirá seis artigos que dita por telefone. Sofre um terrível acidente aéreo na Líbia. A intenção era fazer um raide até Saigon e o tentou com seu próprio avião, Caudron Simoun, junto com Prévot, seu mecânico. Ambos são salvos, depois de três dias andando no deserto e sem beber água, já quase sem vida, por uma caravana de beduínos.

1936 Retorna a Paris, onde publica sua aventura na Líbia no jornal *L'Intransigeant* e grava para a rádio: "Pouso forçado no deserto". Deposita a patente de uma de suas invenções: um dispositivo para aterrissagem noturna conduzida por raios refletidos. Começa a escrever o livro que ficaria inacabado e seria publicado postumamente, *Cidadela*. Em dezembro, morre ao sobrevoar o Atlântico o piloto Jean Mermoz, célebre no mundo inteiro por suas façanhas na aviação.

1938 Em fevereiro, novamente com o mecânico Prévot, tenta o raide Nova York-Terra do Fogo com seu avião Caudron Simoun. Sofrem um acidente na Guatemala. O avião estava com excesso de combustível e caiu logo após a decolagem. O estado de ambos era gravíssimo. Convalescente em Nova York, redige *Terra dos homens* e o prefácio do livro de Anne Lindbergh, de quem era amigo. Registra várias patentes de suas invenções para a aviação.

1939 É condecorado com a Legião de Honra por suas qualidades literárias. Lança o livro *Terra dos homens*, aclamado pelo público e pela crítica. Recebe por este o Grande Prêmio do Romance da Academia Francesa e o National Book Award nos Estados Unidos. Em julho, acompanha Guillaumet a bordo do hidroavião *Lieutenant de Vaisseau Paris* para tentar bater o recorde de travessia do Atlântico norte. De volta à França em setembro e com o início da Segunda Guerra Mundial, passando por trâmites administrativos, consegue juntar-se ao grupo de grande reconhecimento 2/33 em Orconte.

1940 Realiza várias missões de reconhecimento; uma sobre a cidade de Arras, que lhe inspira o livro *Piloto de guerra*. É desmobilizado em junho, com o armistício. Vai a Agay, à casa de sua família, onde continua a redigir *Cidadela*. Deseja ir aos Estados Unidos para tentar convencer os americanos a entrarem na guerra e o faz passando por Lisboa, a partir de Alger. Essa passagem será objeto do livro *Carta a um refém*, de 1943. Em 27 de novembro, seus grandes amigos Henri Guillaumet e Marcel Reine são abatidos, com outros quatro passageiros, ao transportarem um diplomata para o Oriente. Embarca para Nova York, onde encontra Jean Renoir. Pensava ficar pouco tempo em solo americano, mas acaba permanecendo 28 meses.

1941 Sofre uma intervenção cirúrgica em Los Angeles. Durante a convalescença, redige *Piloto de guerra*.

1942 Consuelo chega a Nova York, e é publicado o livro *Piloto de guerra*, sob o título *Fligth to Arras*, ilustrado por Bernard Lamotte. O livro ficará seis meses como o mais vendido e influenciará a opinião pública. Dá conferências no Canadá e começa a desenhar para *O pequeno príncipe*. Na França, *Piloto de guerra* será proibido pelos ocupantes. Faz um apelo na rádio, em 29 de novembro, pela união dos franceses.

1943 É publicado o pequeno livro *Carta a um refém*, que deveria ser prefácio a uma obra de Léon Werth, mas saiu de forma independente. Em 6 de abril, é lançado em Nova York *O pequeno príncipe* pela editora Reynal & Hitchcock, também com 250 exemplares em francês, além da versão em inglês. Apesar de já contar 43 anos, o piloto volta a integrar o grupo 2/33 na Argélia, onde é promovido a comandante.

1944 Deveria cumprir uma missão de reconhecimento sobre a região de Grenoble (França/ Suíça), pilotando um P-38, mas desaparece sem deixar traços. Em setembro, é dado oficialmente como morto.

1946 *O pequeno príncipe* é publicado na França pela editora Gallimard.

1998 O pescador marselhês Jean-Claude Bianco, ao puxar sua rede do Mediterrâneo, percebe uma pedra calcificada com algo brilhante no interior. Decide quebrá-la para verificar e encontra um bracelete com um nome gravado: Antoine de Saint-Exupéry. O objeto é autenticado como verdadeiro e incitará buscas pelos destroços do avião que o autor pilotava quando desapareceu.

2002 O arqueólogo marinho Luc Vanrell encontra os destroços do avião no fundo do mar Mediterrâneo e o identifica graças ao número original encontrado no tubo compressor. Foi praticamente desvendado o mistério do desaparecimento do piloto, sobretudo quando um veterano alemão, Horst Rippert, aos 95 anos, pronunciou-se dizendo ter sido autor de disparos contra o avião de Saint-Exupéry. Rippert não suspeitava que pudesse ter sido o escritor, pois este deveria estar sobrevoando Grenoble e não o Mediterrâneo. Com a descoberta do avião, o veterano concluiu que se tratava mesmo de Saint-Exupéry e lamentou profundamente. Pesquisas seguem a fim de determinar as circunstâncias precisas do último voo do célebre pintor-escritor.